

THIAGO VILLELA VISCONTI

ASSASSINATOS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O Filme

UFRJ / CFCH / ECO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

THIAGO VILLELA VISCONTI

ASSASSINATOS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O Filme

Rio de Janeiro

2006

Thiago Villela Visconti

ASSASSINATOS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O Filme

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Lissovsky

Rio de Janeiro

2006

V827 Visconti, Thiago Villela.

Assassinatos na Academia Brasileira de Letras:
O filme/ Thiago Villela Visconti. Rio de Janeiro, 2006.

151f.

Relatório técnico (Graduação em Comunicação
Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação, 2006.

Orientador: Maurício Lisovsky

Inclui roteiro

1. Adaptação. 2. Roteiro. 3. Ficção
I. Lisovsky, Maurício (Orient.). II. Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Escola de
Comunicação. III. Título.

CDD: 791.437

Thiago Villela Visconti

ASSASSINATOS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O filme

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2006.

Prof. Dr. Maurício Lissovsky, ECO/UFRJ

Prof. Lauro Góes, ECO / UFRJ

Prof. Dr. Fernando Fragoso, ECO / UFRJ

Prof. Dra. Fátima Sobral Fernandes, ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

À Beatriz Villela, minha querida tia, e seu marido, “Pulga”, que me emprestaram para a primeira leitura o livro adaptado. À Ana Carolina Alves, que gentilmente emprestou-me alguns livros das referências. Ao professor Maurício Lissovsky, que me proporcionou em suas aulas o encanto por roteiros e que me orientou neste trabalho. E, por fim, às companhias de ônibus Braso-Lisboa e 1001 que me proporcionaram, junto ao trânsito do Rio de Janeiro, horas de engarrafamentos na linha 740-D, na perimetral e na ponte Rio-Niterói, onde pude ler todos os livros necessários a este trabalho.

“O jornal O Paiz estampa na primeira página: a cidade vai ganhar um Cristo Redentor, encarapitado no alto do Corcovado. Na Urca, um cassino recém-construído promete se tornar um grande centro de agitação social. O Copacabana Palace, também novinho em folha, já recebe em seus salões as mais altas (e patéticas) figuras da República. Tudo parece muito bem no Rio de Janeiro de 1924 – menos para os imortais da Academia Brasileira de Letras, que começam a cair inexplicavelmente mortos, um a um.” (SOARES, 2005, contra-cap)

RESUMO

VISCONTI, Thiago Villela. **Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme**. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Experiência de adaptar uma obra literária ficcional para roteiro de longa-metragem de cinema. O roteiro, longa-metragem de ficção intitulado *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme*, adaptado do livro homônimo do autor Jô Soares, conta a estória de uma série de assassinatos de membros da Academia Brasileira de Letras que serão investigados pela polícia. A trama, passada no Rio de Janeiro no ano de 1924, mescla a busca pelo desvendamento do assassino e suas motivações com um quê de comicidade ao modo brasileiro de ser. Neste relatório, apresentam-se aspectos sobre o processo de construção do produto final, relatando especificidades sobre a adaptação literária, sobre a criação de um roteiro e todas as etapas deste desenvolvimento. Objetiva-se no presente trabalho realizar um projeto experimental de redação de roteiro-adaptado, relacionando-o paralelamente, sempre que possível, a abordagens teóricas sobre a arte de roteirizar.

ADAPTAÇÃO, ROTEIRO, FICÇÃO

ABSTRACT

VISCONTI, Thiago Villela. **Assassinatos na Academia Brasileira de Letras** – O filme. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Adaptation experience of a fictional literature production to a long-movie screenplay. The screenplay, a fictional long-movie intitulated Murders at Brazilian Literature Academy – The film, adaptated from an homonym book written by Jô Soares, bring a story about murders in serie of members from Brazilian Literature Academy that will be investigated by the police. The history, situated in 1924 in Rio de Janeiro, mix de search of the serial killer and his motivations with a little bit comic of brazilian way . This relatory presents some aspects about the construction process of the final product, relating especific points of literature adaptation, of a script criation and all fases of this development. An objective in this work is bring some topics of the scripting art teory, mixed, when it is possible, with the practice of an experimental project.

ADAPTATION, SCREENPLAY, FICTION

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Padrão de roteiro de TV	37
APÊNDICE B – Padrão Americano de roteiro	38
APÊNDICE C – Argumento	39
APÊNDICE D – Escaletas	40
APÊNDICE E – Personagens	53
APÊNDICE F – Roteiro	59

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE APÊNDICES

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	CONTEXTO DO TEMA	9
1.2	OBJETIVOS	10
1.3	JUSTIFICATIVAS DA RELEVÂNCIA	11
1.4	ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO	12
2	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO.....	14
2.1	A INSPIRAÇÃO	14
2.2	ADAPTAÇÃO	15
2.3	ROTEIRO	18
2.3.1	FORMA	18
2.3.2	ETAPAS	21
2.3.3	CONTEÚDO E PRÁTICA	24
2.3.4	PERSONAGEM, A ESTRELA DO ESPETÁCULO	27
2.4	PROBLEMAS, QUESTÕES E SOLUÇÕES	30
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICES	36

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo encontram-se disponíveis, em três subdivisões, informações relevantes ao início do processo de se escrever um roteiro como projeto de final de curso de graduação.

1.1 CONTEXTO DO TEMA

Nos últimos anos, tem-se observado um crescente interesse do público pela arte cinematográfica. É evidente o aprimoramento da qualidade do produto nacional que, aos poucos, começa a ganhar a confiança do espectador e, consecutivamente, fatias de mercado, ainda que pequenas frente à concorrência norte-americana. Dessa forma, cada vez mais se produz filmes no Brasil com características do Brasil.

Há alguns anos atrás, não muitos, ir aos cinemas assistir a filmes nacionais era uma dificuldade. Primeiro porque eram poucos que conseguiam espaço nas salas comerciais, e, segundo, porque havia um grande preconceito em optar por exibi-los e assisti-los. A resistência ainda existe, mas está cada vez mais diluída diante do considerável aprimoramento dos profissionais e das produções. Hoje os filmes brasileiros começam a conquistar cada vez mais seu espaço, vencendo aos poucos o bloqueio do costume ao cinema americano, mas ainda longe de superar todas as adversidades impostas por um mercado mundial desigual. Há ainda muito que melhorar, mas não é justo negar as conquistas, pois os filmes nacionais são uma realidade e já fazem parte do lazer dos brasileiros.

Há uma tendência no país a se desacreditar produções que tentam imitar, sob certos aspectos, o conteúdo e a estética de filmes americanos, pois é natural

considerar que eles façam melhor, afinal já fazem há tempos. O cinema nacional precisava se posicionar. A alternativa encontrada foi fazer cinema à moda brasileira, isto é, contar histórias que retratem o cotidiano do povo, sejam histórias sobre brasileiros notáveis, sobre as mazelas da população em seus diferentes estados ou suas questões sociais, sobre a cultura e as crenças de determinadas regiões, sobre a História do país, ou sobre peculiaridades inerentes ao comportamento dos brasileiros.

Essas histórias podem ser baseadas em fatos reais ou serem puramente ficcionais, podem ser de qualquer gênero cinematográfico, a única exigência que se faz é que sejam parecidas com o Brasil.

Nesse contexto, a obra *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*, do autor Jô Soares, publicada em 2005, em São Paulo, pela Companhia de Letras, se enquadra perfeitamente para a prática da experiência de roteiro-adaptado, uma vez que corresponde a todas as colocações feitas anteriormente.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo, por meio do presente trabalho, é adaptar uma obra literária para um roteiro de longa-metragem passível de ser filmado. Faz parte do objetivo que a história contada, da forma como a é, seja viável dentro do contexto nacional.

O segundo objetivo é o entretenimento. Fazer do cinema um lazer mais prazeroso. A estória visa a diversão das pessoas com o gênero policial, mesclado com uma boa dose de comicidade baseado em características brasileiras que são facilmente identificáveis nos dias atuais.

Por fim, apesar da idéia de roteirizar a obra não ter originalmente qualquer vínculo com ideais lucrativos, o trabalho apresenta-se como um desafio profissional considerável que pode perfeitamente dar um primeiro passo para abrir portas no mercado de trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVAS DA RELEVÂNCIA

A primeira grande justificativa para adoção de um roteiro como projeto de final de curso é por afinidade ao ramo do entretenimento e a atividade de escrever. De maneira que o projeto, que se enquadra perfeitamente com os objetivos do curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e Televisão, é feito com gosto, o que é fundamental para o bom desempenho em qualquer trabalho.

Escrever um roteiro individualmente como profissional iniciante é um processo extremamente difícil, pois não há caminhos a seguir, sendo necessário criá-los. A adaptação é uma transformação da linguagem, um processo que exige criatividade para solucionar problemas na forma de contar histórias e até para definir caminhos, mas que está alinhado a uma base já produzida.

A escolha do livro *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (SOARES, 2005) foi em razão da estória que conta, pela sua abordagem simples e interessante que mescla dois gêneros cinematográficos de grande apelo popular, o policial e a comédia. Sabe-se que filmar necessita de grande investimento, portanto, uma estória simples, sem grandes efeitos especiais, mas bem contada, tem, em teoria, grande possibilidade de penetração no mercado. Sabendo que um dos objetivos é a viabilidade da estória ser filmada, torna-se fundamental que o roteiro tenha as características citadas acima.

A facilidade com que se vê imagens e cenas ao ler a obra também foi fator relevante, ao passo que foi o ponto de partida para a idéia do projeto.

Outro ponto que vale ser ressaltado é que não há registro de nenhuma adaptação literária para roteiro de longa-metragem de cinema como projeto de conclusão de curso na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1.4 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

A **Introdução** se divide em três partes para um maior detalhamento do trabalho. Na primeira delas, estão disponíveis informações que relacionam a atividade em questão, isto é, escrever um roteiro como projeto de final de curso, com o momento que vive o cinema nacional. Em seguida, destacam-se os objetivos que se pretende alcançar com a experiência do trabalho, para que, ao final, seja possível estabelecer uma avaliação. E em um terceiro momento, justifica-se o por quê da escolha de um trabalho de adaptação de roteiro como projeto de conclusão de curso e da escolha do tema e da obra.

No capítulo segundo, **O processo de construção**, são abordados os passos que levaram a toda a roteirização da obra, desde sua concepção ao seu desfecho.

Na primeira parte, em **A inspiração**, se encontram informações relevantes sobre o surgimento da idéia de adaptar a obra *Assassinatos na Academia de Letras* (SOARES, 2005) para cinema e como esta idéia foi aprovada.

Em seguida, discorre-se um pouco sobre como funciona essa transformação de linguagem literária para linguagem cinematográfica, relatando dificuldades e facilidades do processo de **adaptação**.

Na sequência, aborda-se sobre o **roteiro** propriamente dito, a técnica, a forma e os processos anteriores necessários a sua produção, como personagens, escaleta, colocação dos diálogos entre outros.

Na última parte, em **Problemas, questões e soluções**, procura-se mostrar alguns dos problemas que surgiram durante o processo de confecção do roteiro, algumas dúvidas e possibilidades e os caminhos escolhidos.

Nas **Considerações finais**, faz-se um breve levantamento dos resultados das propostas feitas quando do início do trabalho, assim como se aponta para possíveis projetos futuros.

2 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Neste capítulo são abordados os passos que levaram a toda a roteirização da obra, desde sua concepção ao seu desfecho.

2.1 A INSPIRAÇÃO

O surgimento da idéia de fazer uma adaptação de roteiro para longa-metragem como projeto de conclusão de curso nasceu mediante a leitura de *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (SOARES, 2005). Por se tratar de uma estória policial interessante e bem humorada, e por, através da sua leitura, facilmente ser possível visualizar mentalmente os acontecimentos vividos pelos personagens na trama, a idéia despontou com uma primeira e agradável opção de trabalho. Encaixa-se na dinâmica do curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e Tv, ao passo que é um desafio prazeroso a ser desenvolvido.

Outro fator que fomentou a idéia de adoção deste projeto foi o sucesso do livro *O Xangô de Baker Street* (SOARES, 1995), que foi lançado no cinema no ano de 2001 pela TriStar Films do Brasil, sob direção de Miguel Faria Júnior e com roteiro adaptado por Miguel Faria Júnior e Patrícia Mello. Tanto o livro quanto o filme, tanto sob o ponto de vista da estória contada como da forma como é contada foram estimulantes decisivos para seguir em frente com a idéia. Estórias do mesmo autor, ambientadas em décadas passadas, embora diferentes, e com tema de investigação policial com um toque de humor. Tramas distintas que passam por mecanismos similares. A grande diferença está nos pelo menos dez anos de avanço do cinema nacional que separam os elementos em questão. Se quando *O Xangô de Baker Street* (SOARES, 1995) foi às salas comerciais muitos problemas técnicos, sobretudo de áudio, por diversos

motivos, marcaram negativamente o filme nacional, quando *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* for à exibição, pois de certo que um dia irá, grande parte destes problemas já estarão superados, de maneira que o talento do profissional brasileiro terá amplo espaço para sobressair, sem esbarrar nas limitações básicas de qualquer produção do gênero.

Entretanto, uma idéia isolada não basta. É preciso avaliar suas possibilidades de desenvolvimento e execução. Do ponto de vista legal, a adaptação do livro *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (SOARES, 2005) para roteiro de cinema, para fins acadêmicos, não encontra nenhuma restrição, segundo o professor doutor Joaquim Welley Martins, que é advogado e ministra disciplinas de direitos autorais na Escola de Comunicação da UFRJ. Do ponto de vista da adaptação e da confecção do roteiro em si, o professor doutor Maurício Lissovsky, que é roteirista e ministra aulas sobre tal atividade na mesma escola supracitada, não visualizou nenhum impedimento à realização do trabalho e de imediato apoiou a idéia.

A primeira e agradável opção se tornou a única e o trabalho de fato se iniciava.

2.2 ADAPTAÇÃO

À primeira vista adaptar um roteiro parece uma atividade simples. Afinal, os personagens já estão criados e a história e seus caminhos já estão traçados. Doce ilusão.

“O roteirista iniciante, geralmente, acha mais fácil adaptar do que escrever um original. Imaginar que uma adaptação é mais fácil que um original, é um erro monumental.” (COMPARATO, 1983, p.216)

“Adaptar um livro para um roteiro significa mudar um para outro, e não superpor um ao outro. (...) Em essência, entretanto, você ainda está escrevendo um roteiro original. E você deve abordá-lo da mesma maneira.”(FIELD, 2001, p.174)

Adaptar um livro para roteiro é uma atividade que ao mesmo tempo em que prende o roteirista, o permite recriar em cima daquilo que já existe. A princípio nada é vedado ou proibido. Personagens podem mudar de sexo, podem deixar de existir ou até serem criados. O mesmo ocorre com as locações da estória, os caminhos que a trama vai tomando, e até mesmo o final pode ser alterado. Tudo depende das escolhas adotadas pelo roteirista, dos acordos entre os profissionais ligados ao trabalho (autor do original, roteirista, produtora), dos interesses comerciais entre outros fatores. Enfim, existe uma gama de possibilidades e, conseqüentemente, se faz necessário diversas tomadas de decisões, que embora muitas vezes pareçam pequenas, podem colaborar diretamente para uma boa ou má adaptação.

Adaptar, neste projeto específico, consiste em transcrever uma linguagem literária para uma linguagem audiovisual, isto é, que possa ser vista e ouvida num exato momento. Por mais óbvio que isso possa parecer, não é um trabalho tão simples de ser realizado. Em um livro, presente e passado, diálogos e pensamentos, sentimentos e ações fundem-se sem problema no mesmo texto, sem criar nenhuma instabilidade ao leitor. No entanto, o mesmo não se pode dizer de um roteiro, pois este precisa ser visualizado, e, portanto, essas fusões causariam instabilidades ao espectador. Alguns detalhes sobre essa forma de linguagem que o roteiro exige serão tratados na seção seguinte.

Assassinatos na Academia Brasileira de Letras (SOARES, 2005) é um livro que permite a adaptação. Trata-se de uma obra que têm características visuais amplas que

estimulam sua encenação. Não é qualquer produto que pode ser transformado para linguagem cinematográfica. Não basta escolher de qualquer maneira, nem ter vontade, é preciso que haja características para tal.

“A verdade, porém, é que não se pode adaptar um romance selecionado pela importância literária. Há obras quase impossíveis de adaptação” (REY, 1989, p.59).

A grande questão ao se recriar sobre uma obra, no caso roteirizar um livro para cinema, é o risco que se corre do produto recriado ser inferior ao original. Entretanto, a possibilidade de superar expectativas não é incomum. Por exemplo, o livro *À Espera de um Milagre* (KING, 1996), anteriormente conhecido como *O Corredor da Morte*, que deu origem ao filme *À Espera de um Milagre* (1999), da Warner, com direção e roteiro adaptado de Frank Darabont, é uma publicação extremamente monótona, de lenta narrativa e cansativa de se ler enquanto que sua adaptação cinematográfica teve excelente repercussão, conferindo à estória mais prazer de acompanhá-la.

“Uma adaptação implica um limite criativo, já que o roteirista tem que se ater ao conteúdo da obra (...) esse limite pode até ser positivo e dele pode nascer uma obra ainda melhor do que o original. Dependendo, é claro, do talento do roteirista.” (COMPARATO, 1983, p.217).

“Quando você adapta um romance, não é obrigado a manter-se fiel ao material original.” (FIELD, 2001, p.175)

É em função desta busca pela qualidade que se discute os caminhos que se adotará na adaptação.

No caso específico de roteirizar *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (SOARES, 2005) algumas questões foram levantadas. Até que ponto as pessoas que comparecem aos cinemas para assistir a um filme adaptado lembram-se bem do livro

original, e até de seu desfecho? Será que muitos leram ou lêem o livro antes de assistir ao filme? Quanto tempo leva para que uma pessoa esqueça os meandros da trama? E, por fim, até que ponto os que leram exigem ou anseiam pela manutenção ou não da estória do original?

Infelizmente essas dúvidas são praticamente impossíveis de serem dirimidas. Mensurar tais interpretações e julgamentos dos espectadores é uma tarefa complicada. Entretanto, vale ressaltar, que o filme *O Xangô de Baker Street* manteve na íntegra a estória do livro, sendo lançado 6 anos após a publicação do mesmo.

De maneira que, em função das dúvidas levantadas, da carência de afirmações, do sucesso do modelo comparado e, principalmente, por ser uma primeira experiência, optou-se por manter a essência da estória. As alterações existem e são perceptíveis comparando-se livro e roteiro. Personagens pequenos desaparecem, locações mudam, algumas ordens de acontecimentos se alteram, diálogos surgem e desaparecem, ora mudam ora são idênticos, entre outras minuciosidades desta atividade de transcrição de linguagem. Mas o início, o meio e o fim permanecem inalterados.

2.3 ROTEIRO

A seguir são apresentados tópicos sobre o roteiro propriamente dito, sob o ponto de vista da forma, da técnica e dos processos precursores essenciais a sua produção, com destaque para o personagem.

2.3.1 FORMA

Não existe nenhuma determinação obrigatória de modelos e formas de se redigir um roteiro para cinema. De maneira que se confere aos autores uma certa liberdade

neste quesito. Tradicionalmente alguns modelos são mais comuns, quase todos inspirados em padrões norte-americanos, e, portanto, esses serão também referências para este trabalho.

Toda cena deve conter um cabeçalho. Escrito em caixa alta, esse deve conter a numeração da cena, se ela se passa em ambiente interior ou exterior, se é dia ou noite na estória, e o local da trama onde se passa. Este cabeçalho não deve ultrapassar de uma linha no texto. Outra regra necessária é descrever, logo abaixo do cabeçalho, o que está acontecendo na cena e como é o local em que se passa, caso seja a primeira vez em que aparece na estória, ou caso se julgar relevante. A descrição pode vir em texto alinhado à esquerda ou justificado. Optou-se por justificá-lo em função da organização e do contexto do trabalho.

Em seguida, pulando uma linha da descrição, vêm os diálogos dos personagens, antecidos, sempre quando necessário ao diretor e ao intérprete, pelas rubricas. As rubricas são informações que vêm entre parênteses, em geral sobre tom de voz, comportamento, interpretação ou movimentação dos personagens. São fundamentais para colocar a intenção clara dos personagens.

Quanto aos diálogos, existem duas formas usuais de dispô-los no texto. A primeira delas é o nome do personagem em caixa alta, iniciando-se em parágrafo no canto esquerdo da página, separado por um traço das rubricas e falas. Um personagem falando abaixo do outro (REY, 1989). Este primeiro modelo é bastante usual em televisão. Vide APÊNDICE A. Já a segunda forma, mais tradicional, tem mais exigências. As rubricas e os diálogos ficam centralizados na página, encimados pelo nome do personagem em caixa alta. Cada linha desse diálogo deve ter cerca de 35

caracteres. Neste modelo, pula-se uma linha a cada entrada de personagem. (FIELD, 2001) Vide APÊNDICE B.

A segunda forma é a adotada em *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras - O filme*, por questões subjetivas de limpeza visual e melhor disposição das informações e, principalmente, por ser a forma mais reconhecida e aceita no meio. O formato de Syd Field produz a equivalência de uma página por um minuto de filme, o que é excelente para noção e controle do tempo.

Outras características de um roteiro baseado nestes padrões são usar a fonte *Courier New* número doze, com fim de relembrar a escrita de antigas máquinas datilográficas, e não separar sílabas.

Os tipos de cortes de cena, assim como os planos de enquadramento podem estar presentes ou não no roteiro. Existem roteiristas que gostam de colocá-los, principalmente quando os mesmos também dirigem o filme. E há outros que não colocam, a não ser em ocasiões em que seja estritamente necessário a algum fim, por considerar uma atribuição característica dos diretores do filme, que interpretam o roteiro.

A linguagem indicada nos antigos roteiros é, agora, uma total responsabilidade do diretor, o criador da mise-en-scène, considerado o “autor” do filme. O roteirista tem de indicar o que vai acontecer naquela cena, seu conteúdo, o que vai ser visto, mas do que como vai ser visto. [...] a unidade narrativa do diretor é o plano, mas a do roteirista é a cena.” (MACIEL, 2003, p.15)

Em *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras - O filme* não estão disponíveis informações sobre o enquadramento, apenas há poucas indicações sobre planos e cortes, quando de fato remetem a uma finalidade. Mesmo assim, o diretor ainda teria autonomia para propor uma nova maneira de se fazer.

2.3.2 ETAPAS

Um roteiro não é escrito diretamente na forma como se vê. Existem etapas a se cumprir antes de desenvolvê-lo por completo. Cada autor tem a suas subdivisões e nomenclaturas, mas em geral, as etapas são a *storyline*¹, o argumento, as escaletas e o roteiro propriamente dito. Paralelo a tudo isso está a criação dos personagens, com destaque ao protagonista, que é o elemento fundamental que permeia a estória.

A primeira parte evidentemente compreende a idéia. Ela é transposta para a *storyline*. Trata-se de uma idéia clara que compreende a linha da estória. Uma espécie de resumo, que no campo prático não passa de seis linhas. A *storyline* deve abranger a estória toda, uma visão aérea, sem detalhes, mas total sobre o que vai contar. Isso inclui saber o final da estória. Não adianta começar a contar uma história que não se sabe aonde nem como vai acabar. A melhor maneira de começar um roteiro é saber o seu final. “Você não tem que saber detalhes específicos, mas tem que saber o que acontece.” (FIELD, 2001. p.49)

O argumento é um desenvolvimento maior da primeira etapa. É uma espécie de sinopse. Neste momento já é preciso ter clareza do personagem. Personagem ou trama é uma dúvida sobre quem nasce primeiro. Ambos são inteiramente interligados, um dependente do outro para existir.

“O argumento já descreve toda a ação da história, começo, meio e fim, personagens e tudo mais.” (REY, 1989, p.11)

As teorias sobre argumento são diversas também. Cada autor segue uma forma de estruturar seu argumento. Variam em tamanho e quantidade de informação, mas o importante é vender a estória. Em Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O

¹ Tradução: Linha de estória.

filme o modelo usado é o de Lajos Egri, da publicação *The art of dramatic writting*. Ele consiste em subdividir a estória em tema do filme, premissa, personagem e três acontecimentos relevantes. Esses acontecimentos tendem a ser a crise, o clímax e a resolução.

O tema do argumento consiste sobre o quê se trata a estória. Ambiente, época, classe social, lugar, gênero são informações que podem aparecer. Neste modelo, uma ou duas linhas bastam para o tema.

A premissa é a parte responsável por dizer a finalidade da estória, isto é, o que se está querendo dizer com aquilo. Algo como a moral da estória. Duas linhas bastam.

O personagem no argumento é o protagonista da estória. Ele é o coração de toda idéia e deve ser descrito em no máximo 6 linhas, contando aquilo que é o mais importante para entendê-lo e buscá-lo na trama.

O acontecimento é tudo que produz movimento na estória. É aquilo que estimula atitudes na trama. Podem ser escolhidos outros acontecimentos, mas para este caso foram selecionados os mais comuns: a crise, o clímax e a resolução. A crise é o que lança o personagem no conflito; é o que gera o desequilíbrio no estado das coisas. Equivale ao chamado *Plot Point² I*, de Syd Field (2001). O clímax é o auge do conflito. É o *Plot Point II*, de Syd Field (2001). É o ponto onde se descobre o que se quer descobrir. O ponto onde a estória toma outra direção, a da resolução do elemento causador da crise. “O clímax é o destino final do roteiro, o ponto de chegada de sua trajetória. Ele determina o caminho que deve ser percorrido para alcançá-lo. Por isso o roteiro deve ser construído para chegar ao clímax.” (MACIEL, 2003, p.48) Por fim, a resolução, como o nome indica, é o final da estória. Como se desfecha a trama, como

² Tradução: Ponto de Virada

se resolve o conflito e como fica o personagem. Em doze linhas eles devem ser descritos.

Muitos produtos audiovisuais são aprovados por emissoras e produtoras através da *storyline* e do argumento. Existem modelos muito mais desenvolvidos do que o de Lajos Egri, que é um modelo enxuto e prático, de fácil leitura e entendimento inicial. Há outros que pedem por quatro páginas como o de Syd Field ou até por dez páginas, como o de Marcos Rey. Cada autor tem liberdade de escolher ou até criar o seu, tudo depende dos objetivos de cada projeto. O importante é que no argumento esteja contida a “curva dramática” (MACIEL, 2003, p.42). Vide APÊNDICE C.

A fase seguinte compreende o processo de fazer as escaletas. As escaletas nada mais são do que todas as seqüências da trama descritas e numeradas, sem a colocação dos diálogos. Nas escaletas escreve-se o que acontece em cada cena, as informações que são coletadas, mas sem o árduo trabalho da colocação dos diálogos. “A escaleta é o esqueleto do roteiro, sua estrutura específica.” (MACIEL, 2003, p.93) Depois de pronta, tem-se uma noção do todo e do tempo da estória e pode-se cortar cenas que não tem nenhuma razão de existir, que não acrescentam à trama. Um longa-metragem tem em torno de 80 a 90 seqüências na escaleta. Cerca de oitenta por cento da criação está nesta fase (REY, 1989). O objetivo de se escrever a escaleta antes do roteiro é justamente poupar tempo e trabalho. “A escaleta serve ainda para você precisar as conexões causais entre cada cena, a que a precede e a que a segue.” (MACIEL, 2003, p.69) As escaletas de *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* – O filme encontram-se no APÊNDICE D.

Por fim, o roteiro termina com a colocação dos diálogos. É a parte mais trabalhosa e que exige mais tempo e atenção. Os diálogos precisam parecer verdadeiros e

combinar com seus personagens, além, é claro, das rubricas. Não é uma tarefa fácil. Na verdade, o roteiro compreende o desenvolvimento das escaletas e culmina no projeto de fato pronto para ser entregue. É a conclusão de todo o processo da construção do roteiro.

2.3.3 CONTEÚDO E PRÁTICA

Escrever um roteiro é um processo inteiramente diferente de se fazer textos literários e crônicas. Por essência, um romance narra, ao passo que um roteiro mostra. “Ele (roteiro) indica como a história será testemunhada diretamente pelo espectador, através de cenas vividas por atores.” (MACIEL, 2003, p.33) Traduzir palavras para imagens é o desafio de qualquer roteiro, que já é, em si, um filme ou qualquer outro produto audiovisual.

“A grande dificuldade inicial do roteirista aprendiz é pensar em termos de imagem. Sim, porque a princípio ele pensa em termos de palavra.” (REY, 1989, p. 48)

“Um roteiro lida com exterioridades, com detalhes – o tique-taque de um relógio, uma criança brincando numa rua vazia, um carro virando a esquina. Um roteiro é uma história contada em imagens, colocada no contexto da estrutura dramática” (FIELD, 2001, p.175)

Conseqüentemente, a característica mais marcante a ser observada ao se escrever um roteiro é a forma como os verbos são empregados no texto. O roteiro relata ações que estão acontecendo, como se o público estivesse de fato assistindo ao ato, o presenciando naquele momento. Logo, os verbos estão sempre no presente, à exceção dos diálogos entre personagens. Por exemplo: “Machado Machado pensou que era hora de partir”. Trata-se de uma forma inapropriada de descrição de cena,

afinal como que o público vai ver ou ouvir o pensamento de Machado Machado? O personagem precisa demonstrar seus sentimentos, seus pensamentos, e enfim, seu modo de ser e agir, através de ações e fala.

Já considerado como produto audiovisual, vale ressaltar que o roteiro está comprometido com o produto final, e, portanto, deve estar coerente com todas as inerências de uma produção, como custos, possibilidades de locação, números de personagens e tamanho de elenco, entre outros fatores que limitam a liberdade da criação. No entanto, as formas de se solucionar tais problemas e enquadrar o roteiro nas possibilidades de produção são o grande diferencial do trabalho.

Existe uma série de possibilidades de narrativa para um roteiro. A que o narrador (espectador) sabe mais do que o personagem é a mais clássica de todas. É aquela em que o espectador já sabe de coisas que o personagem ainda não descobriu. Outra teoria é a que o narrador sabe menos do que o personagem. É aquela em que o personagem faz coisas sem que o espectador saiba as motivações e os objetivos. Só o personagem sabe, o que normalmente produz tensão à estória. Por fim, há ainda a teoria em que o narrador é como o personagem. Nesse tipo de estória o espectador só sabe daquilo que o personagem sabe. Ambos descobrem tudo juntos (TODOROV, 1979).

Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme se enquadra na última teoria de Todorov, já que conforme Machado Machado e Penna-Monteiro investigam os fatos e descobrem informações é que o espectador vai decifrando, junto à dupla, o enigma. O gênero policial costuma se enquadrar neste tipo de narrativa, uma vez que estimula o público à tentar desvendar o mistério gerando uma relação de trabalho em equipe, isto é, atrai o espectador para o interior da trama.

Sempre existe um modelo de narrativa dominante num filme, o que não impede momentos de alternância no mesmo. Aliás, o que é bastante comum. Alguns, inclusive, variam com a mudança do personagem. Em *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme*, isso pode ser observado quando surgem determinadas cenas do assassino envenenador, em que ele pratica alguns rituais, em lugares estranhos, sem dar para entender muito bem o quê faz e quais são as suas razões.

O fundamental, porém, no roteiro, é que de seqüência em seqüência perceba-se que há um avanço na estória. Informações repetidas, e a lentidão do avanço do processo tendem a abaixar a atratividade da trama para o espectador. Este tem que ter a sensação de que o filme está andando, e que os acontecimentos fluem. Daí se existir a chamada “curva dramática” (MACIEL, 2003, p.42), que representa subdivisões da estória que precisam ser atingidas, dando sensação de que algo está acontecendo e avançando para se chegar a alguma conclusão no final. Esses acontecimentos dramáticos para serem satisfatórios, devem ser inesperados e inevitáveis; duros e reais. Cabe ressaltar que é natural que as situações se modifiquem mais intensamente quanto mais se aproxima o fim do filme, ou seja, o clímax.

Algumas coisas merecem serem destacadas nessa questão das seqüências e cenas. “A unidade celular do roteiro contemporâneo é a cena.” (MACIEL, 2003, p.89) A cena é a unidade mínima e específica da ação em um roteiro. Somadas formam as seqüências. O importante é que toda ação tem que produzir mudanças. Se existe uma cena em um filme, ela tem que ter um por quê de existir. Cenas gratuitas, ou irrelevantes, devem ser retiradas, pois em nada fazem avançar a estória. Daí a importância das escaletas, assunto tratado anteriormente. Logo, enfatizar idéias e informações através da repetição em um filme não é uma forma plausível de se fazer,

até porque o espectador costuma se julgar inteligente para tirar suas próprias conclusões. Ficar repetindo, pode causar nele uma sensação de estupidez. Portanto, não se deve contar o que já se viu, nem o que vai se ver (CARRIÉRE, 1996). Isto significa dizer que não se deve verbalizar no filme o que as imagens já mostram.

E, por fim, as ações têm que ser justificadas pelos interesses dos personagens ou forçadas pelas circunstâncias. Os personagens e suas particularidades são o próximo assunto do trabalho.

2.3.4 PERSONAGEM, A ESTRELA DO ESPETÁCULO

“Quem nasce primeiro: o ovo ou a galinha?” Essa é uma discussão similar a que ocorre entre personagem e história. Por isso, merece um tópico à parte.

“Há duas maneiras de abordar um roteiro. Uma é ter uma idéia e depois criar os personagens que caibam nessa idéia. (...) A outra (...) é criando um personagem; desse personagem emergirão uma necessidade, uma ação e uma história.” (FIELD, 2001, p.34)

Costuma-se dizer que o personagem precisa parecer real ou passível de existência. Isso é o que dá autonomia e credibilidade à ele. Ele precisa ser o motor de suas próprias decisões, o que é visto através de suas ações e diálogos. Tudo isso depende de um personagem bem construído e forte; ele não pode desistir de sua luta no meio do filme. Tem que ir até o fim, mesmo sendo confrontado pelos acontecimentos que o tiram de sua trajetória estável.

O personagem precisa querer alguma coisa ou algumas coisas, mesmo que seja obrigado para tal. Ele tem que ter uma necessidade, e precisa ser uma necessidade

que tenha força suficiente para manter um filme inteiro, pois ele tem que ter fidelidade a sua busca. Isso lhe dá consistência.

Muitas coisas podem mover o personagem, como terror, piedade, sorte, destino, reconhecimento, dívida, mal entendidos, engano, valores morais, crenças, condição social, objeto de cobiça, antagonista, entre outros. No caso de *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme*, um dos fatores que move o personagem Machado Machado em sua busca pela investigação dos crimes é a sua incapacidade de acreditar em coincidências, por exemplo. O importante é que ele busque por objetivos e que dificuldades irão surgir, caso contrário não haveria o menor sentido de se contar uma estória. O personagem precisa terminar o filme em um patamar superior àquele em que começou. (MACIEL, 2003).

O perfil do personagem é traçado sob três aspectos. Pela sua dimensão física ou fisiológica: peso, sexo, aparência, olhos, cabelos, idade, seu jeito, etc. Por sua dimensão social: classe social, educação escolar, religião, profissão, *hobby*, etc. E por sua dimensão psicológica: família, auto-estima, atitudes diante da vida, habilidades, qualidades, defeitos, vícios, vestuário, etc. São apenas itens ilustrativos. Via de regra, nenhum deles é obrigatório. Podem ser usados alguns ou outros como forma de descrever o personagem. É claro que quanto mais importante for um personagem no roteiro, mais detalhado ele deve ser. Os personagens de *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme* encontram-se descritos no APÊNDICE E.

Entretanto, não é através da leitura do perfil do personagem que o espectador o conhece. Esses elementos só servem para o roteirista e para a direção/produção. Na narrativa a melhor forma de conhecer um personagem é pelo que ele faz, depois pelo que ele diz e por último, somente se não houver outro jeito, pelo que os demais

personagens da trama falam dele. Assim se mostra um personagem que parece real em uma história que parece real também. A qualidade do roteirista está exatamente em fazer o público entender um personagem através de suas ações. Para tanto, “O roteirista tem de ser capaz de ver o mundo com os olhos de cada um de seus personagens.” (MACIEL, 2003, p.79)

“Imagens também falam. Nunca coloque em palavras o que a imagem ou a ação já tornou explícito.” (REY, 1989, p.41)

Essa afirmação também implica dizer que não há necessidade de um personagem falar em cena algo que já se vê na ação. No que tange a fala dos personagens, o diálogo, uma das qualidades mais importantes e também mais difíceis é pôr na boca deles a linguagem condizente com seu ambiente de vida, ou seja, aspectos sociais, econômicos, familiares, culturais, de faixa etária e da época em que vive devem ser levados em consideração e inseridos no linguajar. “Diz-se que o diálogo eficiente tem três funções: faz avançar a história, define os personagens e fornece ainda outras informações necessárias ao espectador.” (MACIEL, 2003, p.91)

Em *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras – O filme*, por se tratar de uma adaptação, os personagens já estão construídos. A maior parte de suas falas também. Basta adaptar. Alguns sofrem acréscimos de informações e outros o oposto. Por exemplo, a personagem Gaitea Fernandes não possuía no livro informações físicas sobre ela, a não ser que era uma jovem bonita de 27 anos. Como é uma personagem que assume relativa importância ao longo do roteiro, mereceu receber mais características, para favorecer a imaginação e a visualização. Em alguns outros casos, pequenos personagens, desnecessários ao objetivo final, foram retirados, pois não tinham nenhuma relevância e só atrapalhavam. O mesmo processo se repete com os

diálogos. Alguns foram cortados, outros mesclados, trocados de situação e de personagem, e também mantidos na íntegra.

Algumas destas nuances da experiência de adaptar um livro para roteiro de cinema, é o assunto da próxima parte do trabalho.

2.4 PROBLEMAS, QUESTÕES E SOLUÇÕES

Ao longo deste trabalho experimental uma série de dificuldades inerentes ao processo de adaptar uma obra de literatura para um roteiro cinematográfico foram surgindo. Muitos destes problemas são devidos a dificuldade de qualquer iniciante, que se depara com um problema e por algum momento fica sem saber como seguir o curso da estória. No entanto, outros são do próprio original, que por se tratar de um romance literário permite fugas e erros de seqüência dramática que passam, em alguns casos, tranqüilamente até, em um texto, mas não passam em um roteiro e precisam ser solucionados. Algumas dessas questões, que não foram poucas, serão ilustradas nesta seção.

No livro *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras* (SOARES,2005), em alguns momentos da estória, o jornal *O Paíz* aparece estampado revelando fatos importantes ao desenvolvimento da trama. Entretanto, estampar uma página de jornal na tela para que o expectador encontre e leia a informação não parecia um opção agradável. Por isso, sabendo que em 1924 poucos eram os letrados no Rio de Janeiro, adaptou-se a situação para que um garçom, mais instruído um pouco, Bodoque, lesse para seus companheiros de trabalho o jornal, revelando assim as informações que se desejava passar. Por exemplo, cena 95.

Ainda no livro há uma seqüência da narrativa em que o comissário Machado Machado presta contas de sua investigação ao general Floresta, na delegacia, enquanto que um suspeito, Heroíldo Capanema, aguarda numa salinha para ser interrogado em seguida. Na conversa, Floresta reclama ao comissário da atitude do legista Penna-Monteiro, brigando e se perguntando onde ele estava, que não lhe dava nenhuma satisfação. Essa situação se inicia na página 115 do livro e correspondem as cenas 47 e 48 do roteiro. O problema é que na seqüência, Machado sai da conversa com Floresta e vai interrogar o tal suspeito, só que, deste interrogatório Penna-Monteiro participa. Oras, se Penna-Monteiro não estava na delegacia na hora da cobrança do general, como poderia estar na salinha de interrogatório, que é a situação que se passa logo em seguida? Algo está errado. Ou interrogatório não podia ser no mesmo dia ou Penna-Monteiro não podia estar lá. A solução encontrada foi retirar totalmente Penna-Monteiro do interrogatório. Todas as suas perguntas relevantes ao suspeito no original, foram transferidas de alguma forma ao comissário Machado Machado.

Outra decisão foi retirar do roteiro uma luta de esgrimas entre Max Muchenot e Machado Machado. No livro, esse momento se encontra nas páginas 126 a 131. Como essa luta dizia muito pouco à estória, optou-se por retirá-la dentro da regra de escrever roteiro que diz para excluir cenas que não produzem sensação de avanço. Entretanto, uma série de mudanças precisaram ser feitas para retirar essa seqüência. No livro, a luta de esgrimas foi marcada na conversa em que Machado Machado teve com Max Muchenot no cassino do Copacabana Palace. Quando se decidiu por excluí-la foi necessário reescrever a cena que originara o encontro, de modo que o assunto esgrima não aparecesse e de modo que as características da conversa não desaparecessem, pois assim se fazia necessário, já que Max Muchenot deveria permanecer ao menos

por um tempo como suspeito para efeito dramático. E as poucas informações relevantes ditas na conversa entre os dois personagens na luta de esgrimas, foram adaptadas e descobertas de outras formas, espalhadas no roteiro.

De certa forma, em contra-posição à regra de se escrever roteiros citada no parágrafo anterior, algumas cenas que não continham diálogos nem produziam sensação de avanço na história precisaram ser acrescentadas ao longo do roteiro. Em primeiro tratamento elas não existiam, mas por se tratar de gênero policial, em que há muitos diálogos que transmitem muitas informações na busca do assassino, achou-se por bem pincelar a história com cenas sem diálogos que permitam ao espectador tempo para raciocinar e juntar as informações. Isso foi um erro gravíssimo cometido em primeiro momento. Não havia tempo para respirar. Posteriormente, algumas coisas foram acrescentadas com intuito de corrigir a deficiência. Um exemplo é a cena 14, em que o Legista Penna-Monteiro segura o coração de um acadêmico no Instituto Médico Legal. Outro exemplo é a cena 54, também no IML, logo após a morte de Lauriano Lamaison. Esta tinha uma série de diálogos no original que foram poupados para dar descanso ao espectador. A cena 56 é mais uma criada com o mesmo intuito, apenas um passeio de bonde, entre outras. O importante era dar pausas à narrativa.

Outro caso interessante, que vale ser ressaltado, ocorreu com as cenas 42, 43 e 44. Nesta seqüência, Padre Ignácio de Villaforte sai da Alfaiataria Dedal de Ouro e na cena seguinte Machado chega à Alfaiataria. Por não estar usando ao longo do roteiro este tipo de corte, ou seja, de um local A para o mesmo local A com algum tempo de passagem entre os dois, houve uma certa estranheza na interpretação da seqüência. Com objetivo de solucionar tal problema criou-se a cena 43 para a transição, uma cena que é apenas um lento plano detalhe do bilhete deixado por padre Ignácio de Villaforte

ao alfaiate Camilo Rapozo. Algo similar, ocorreu na seqüência em que Machado está na limusine com Manuela Pontes-Craveiro e em seguida está na Academia Brasileira de Letras sendo recebido por Leonardo Feijó. Em primeiro tratamento, esse corte ficou muito estranho, por isso criou-se a cena 38, que, sem diálogos, faz a transição que faltava.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de adaptar uma obra para roteiro de cinema confirmou-se um projeto válido para formação em Rádio e TV. Os objetivos foram cumpridos, praticamente em sua totalidade, e com prazer, principalmente, no que se refere ao roteiro. As dificuldades surgiram, mas também levaram a uma progressão do trabalho em seu sentido mais amplo.

Conseguiu-se, com bastante antecedência ao prazo de apresentação, concluir tanto o roteiro quanto o relatório. O resultado foi melhor do que o esperado, até por ser a primeira experiência neste sentido na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Até por isso, acredita-se que o trabalho possa servir como auxílio para colegas que tenham, no futuro, interesse sobre o assunto de roteiro-adaptado, uma vez que além de um roteiro completo, o trabalho apresenta uma espécie de manual que dá indicações e, principalmente, boas referências documentais.

O próprio relatório gerava uma expectativa bastante ruim a seu respeito. Não se tinha clareza sobre como fazê-lo, nem tão pouco vontade para o mesmo. Aos poucos as coisas se encaminharam e a sua escrita acabou por contribuir, já que pedia por algumas releituras bibliográficas em sua confecção, para o trabalho de roteirizar. No fim, tudo acabou bem, dentro daquilo que se propôs a fazer.

Como desafio para o futuro fica a roteirização de uma história nova, também para longa-metragem, sem bases literárias, isto é, com criação total, do início ao fim do processo. Sem dúvidas uma atividade mais difícil, mas, com certeza, prazerosa e desafiadora para qualquer aluno ou profissional que têm gosto pela arte dos roteiros e do cinema.

REFERÊNCIAS

CARRIÈRE, Jean Claude e BONITZER, Pascal. **Prática do Roteiro Cinematográfico**. 2ª ed. São Paulo: JSN, 1996.

COMPARATO, Doc. **Roteiro: Arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. 3º ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

EGRI, Lajos. ***The art of dramatic writing: its basis in the creative interpretation of human motives***. Nova Iorque: Touchstone, 1960.

ESPERA de um Milagre, À. Direção e Roteiro adaptado: Frank Darabont. Warner, 1999. 1 DVD.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KING, Stephen. **À Espera de um Milagre**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Poder do Clímax: fundamentos do roteiro de cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REY, Marcos. **O Roteirista profissional: Tv e cinema**. São Paulo: Ática, 1989.

SOARES, Jô. **Assassinatos na Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

SOARES, Jô. **O Xangô de Baker Street**. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

Cf. TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

XANGÔ de Baker Street, O. Direção: Miguel Faria Júnior. Roteiro adaptado: Miguel Faria Júnior e Patrícia Mello. Tristar Films do Brasil, 2001. 1 DVD.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Padrão de roteiro de TV

3- INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

Ouve-se a campanha. Camilo Rapozo, com a almofadinha povoada de alfinetes ao pulso, e empunhando um exemplar do livro "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras" abre a porta delicadamente e reverenciando o cliente cumprimenta Belizário Bezerra, que segue a passos largos para a cabine de provas.

RAPOZO - *(Correndo com o livro e caneta atrás de Belizário)* Será que antes de experimentar o fardão, o senador pode me dar um autógrafo?

Indiferente, sem dizer uma palavra, Belizário rabisca de qualquer jeito seu nome na contracapa do livro.

BELIZÁRIO - Vai demorar? Tenho reuniões no Senado.

RAPOZO - Não!Não! Vou já buscar. Está belíssimo, uma obra-prima! Também, o físico do senador ajuda muito.

Camilo Rapozo larga o livro e a caneta e pega com todo cuidado o fardão que está sobre a mesa. Belizário já está no provador.

RAPOZO - *(Passando o fardão para Belizário no provador)* Nem vai precisar de retoques. É de longe meu melhor trabalho.

APÊNDICE B - Padrão Americano de roteiro

3- INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

Ouve-se a campanha. Camilo Rapozo, com a almofadinha povoada de alfinetes ao pulso, e empunhando um exemplar do livro "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras" abre a porta delicadamente e reverenciando o cliente cumprimenta Belizário Bezerra, que segue a passos largos para a cabine de provas.

RAPOZO

*(Correndo com o livro e caneta atrás
de Belizário) Será que, antes de
experimentar o fardão, o senador
pode me dar um autógrafo?*

Indiferente, sem dizer uma palavra, Bezerra rabisca de qualquer jeito seu nome na contracapa do livro.

BELIZÁRIO

Vai demorar? Tenho reuniões no Senado.

RAPOZO

*Não!Não! Vou já buscar.
Está belíssimo, uma obra-prima!
Também, o físico do senador ajuda muito.*

Camilo Rapozo larga o livro e a caneta e pega com todo cuidado o fardão sobre a mesa. Bezerra já está no provador.

RAPOZO

*Nem vai precisar de retoques.
È de longe meu melhor trabalho.*

APÊNDICE C – Argumento

Tema:

Assassinatos em série de membros na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro de 1924.

Premissa:

Nem tudo que reluz é ouro.

Personagem:

Machado Machado é um comissário de polícia no Rio de Janeiro. Solteiro e sem filhos, é um homem bem apessoado que faz certo sucesso com as mulheres, apesar de seus trinta e poucos anos. Veste-se meio largado e não dispensa seu chapéu palheta. Fuma desesperadamente. É um homem que não acredita em coincidências, e por isso está na polícia. É um aficionado pela literatura nacional, em especial Machado de Assis, costume que herdou de família.

Conflito:

A imprensa e a polícia não parecem interessadas em investigar o caso dos acadêmicos, se acomodando como sendo simplesmente um fato casual. Machado resolve querer investigar o caso de toda forma, para encontrar uma relação nas mortes, e encontrar o culpado, provando, de fato, que coincidências não existem.

Crise:

Belizário Bezerra vai iniciar o discurso de sua nomeação como mais novo membro da Academia Brasileira de Letras, quando subitamente morre. Em seu enterro, Aloysio Varejeira, também acadêmico, morre estranhamente sobre o caixão de Belizário.

Clímax:

Galetea Fernandes está nas mãos do assassino, que prepara sua última cartada. Servir um chá envenenado aos membros da Academia Brasileira de Letras e completar o serviço de eliminar a todos.

Resolução:

Machado chega a tempo ao esconderijo do assassino e impede todo o seu plano, acabando por matá-lo sem querer. As motivações dos crimes são descobertas e Machado resolve abafar o caso, escondendo a identidade e as razões do criminoso.

APÊNDICE D – Escaletas

1 - Belizário Bezerra sai do chuveiro do banheiro da suíte, se enxugando. Olha para sua imagem no espelho do banheiro e sorri com ar de aprovação daquilo que vê. Veste um dos 40 ternos de linho branco do guarda roupa e sai pela porta do quarto.

2- Belizário, assobiando um frevo entra no seu Hispano-Suiza conversível(carro) e parte.

3 - Belizário Bezerra vai a alfaiataria de Camilo Rapozo experimentar seu fardão para cerimônia de posse. Ficou perfeito. Belizário tem pressa e diz que quem paga o fardão é a Academia e não ele. Belizário a penas lhe dá um convite para a cerimônia.

4- Entrada de Belizário pela Academia Brasileira de Letras lotada para a posse do senador.

5- Euzébio Fernandes atropela o início do discurso de Belizário Bezerra e profere longo discurso.

6- Quando Euzébio finalmente acaba Belizário Bezerra assim que começa seu discurso de posse ele o interrompe, suas mãos começam a tremer e ele cai fulminado no chão do salão.

7 - O Garçom Bodoque está no restaurante Lamas lendo a manchete do jornal O PAIZ para os demais garçons: "Paradoxo fatal: O mais recente imortal morre no dia de sua posse"

8 - Enterro do quase imortal Belizário Bezerra. Cemitério São João Batista lotado. Muitas fofocas e burbúrios. Aloysio Varejeira se prepara para iniciar o discurso e também cai morto misteriosamente.

9- Comissário Machado Machado tenta convencer o general Floresta a investigar os casos que segundo ele não são coincidências. Depois de muita insistência Machado vence o general pelo cansaço.

10 - O legista Penna-Monteiro está com Machado Machado no IML fazendo a autópsia dos dois cadáveres. Penna-Monteiro diz que se trata de algum tóxico não habitual e suspeita de envenenamento de ambos.

11- Machado está dentro do carro do instituto para levar os corpos de volta ao São João Batista.

12 - _O General Floresta concede uma coletiva de imprensa. Diz que vai mandar apurar o caso, uma vez que foi constatado que não foi coincidência. Machado entra e se revolta com a concessão de uma coletiva.

13 - Todos no restaurante Lamas burburam sobre a notícia dos jornais. Machado conversa com o divertido Garçon Bodoque para obter informações do bisbilhoteiro. Descobre que Belizário Bezerra esteve no local acompanhado pela atriz francesa Monique Margot e que tiveram uma discussão. Surge a nomenclatura crimes do penacho em referência ao chapéu de plumas dos imortais.

14 - Machado vai ao teatro São José atrás de Monique Margot. Chega ao se fecharem as cortinas.

15 - Machado vai ao camarim da atriz. È recebido com espanto e depois é bem tratado. Investigando, Monique diz que o Senador reclamou que aguardava a chegada de um guarda-costas do Recife para a posse que ainda não havia chegado. O clima esquentava entre os dois.

16- Machado está em seu apartamento e cochila lendo o livro de Belizário Bezerra "Assassinatos na ABL".

17- Machado acorda no início da noite ouvindo barulhos de passadas estalando no corredor de seu andar do prédio. Corre para ver e encontra um envelope sem remetente por de baixo da porta. Vai até a janela e olha para a rua, a tempo de ver um vulto alto e cabisbaixo, de chapéu e sobretudos pretos, perdendo-se na escuridão da noite.

18 - Ao abrir o envelope encontra-se o escrito "BRÁS DUARTE", encima do "D" tem um pássaro. Todos os dígitos são recortes de jornais.

19 - Penna-Monteiro está na biblioteca do casarão da família no Cosme Velho lendo antigos calhamaços de medicina e escritos arcaicos em busca de informações sobre o veneno que matou os imortais. Machado chega ao casarão e mostra ao amigo o bilhete. Eles levantam hipóteses sobre caso. Falam do enigma, da possibilidade do pássaro ter relação com uma pesquisa de algum imortal que tenha escrito sobre ornitologia, falam do tal guarda-costas e também devem buscar pistas sobre o outro defunto, Aloysio Varejeira.

20 - Penna vai ao Tribunal de Júri onde trabalhava Varejeira. Na entrada encontra Rodrigo Dantas. Ambos decidem ser melhor conversar num boteco próximo dali.

21- No boteco, o assunto é Aloysio Varejeira. Dantas dá ao legista uma importante informação, dizendo que Varejeira havia entrado para a academia chantageando um dos membros mais influentes da Casa, o acadêmico Lauriano Lamaison. Mas não tem provas concretas e pede sigilo. Penna diz não ter conhecimento de nenhum livro de Lamaison e Dantas diz que foi apenas um: "Tratado ornitológico sobre a fauna alada do Brasil".

22- Machado está cumprindo trabalhos burocráticos na chefatura de polícia, quando Penna-Monteiro liga para ele para passar as descobertas obtidas com Rodrigo Dantas. Machado se recorda de uma antiga fofoca abafada de que o Rolls-Royce prateado de Manuela Pontes-Craveiro foi visto estacionado nos jardins da casa de campo do Lamaison em Petrópolis. Penna diz que a casa fica próxima da de sua família na cidade e que vai perguntar a respeito ao caseiro Arlindo.

23 - No laboratório do envenenador, Ele prepara novas porções num ambiente escuro e macabro, sempre sussurrando cantigas ininteligíveis onde se decifra a expressão "Veneficorum Secta". Páginas de revistas recortadas são vistas no local, junto a bíblia negra, velas pretas um grande caldeirão e um aparato de destilação.

24 - Machado vai ao Copacabana Palace. No saguão avista sua fonte, o boy Fabinho. Machado pede todas as informações que o jovem rapaz puder-lhe dar sobre o antigo hóspede Belizário Bezerra. O jovem confirma que Belizário esperava por alguém que viria de Pernambuco. Diz ainda que Manuela Pontes-Craveiro foi uma das muitas amantes de Belizário, e que seu marido, Caio Pontes-Craveiro, era manso e vivia paparicando o senador Belizário como se almejasse entrar para Academia. Diz também que o senador costumava presentear os membros da academia e que o que mais lhe chamou a atenção foi uma cigarreira de ouro que mandou para Aloysio Varejeira. Por fim, Fabinho diz ter visto o chefe do cassino do Copacabana, Max Muchenot, discutindo dentro do carro com Belizário Bezerra.

25 - A jogatina come solta no Cassino do Copacabana. Machado aborda Max para algumas perguntas. Sobre a suposta briga com Belizário Bezerra, Max confirma uma discussão por causa de uma mulher, a quem ama e foi desprezado, Monique Margot, para surpresa de Machado. Max ainda disse que às vezes trabalhava no

Petit Trianon, como mordomo da Academia, os membros adoravam seu requinte. Depois diz que foi despedido pelo canalha do Aloysio Varejeira, por ter sido acusado pelo roubo de sua cigarreira de ouro, crime ao qual não nega. Se arrependeu e devolveu depois. O único que queria lhe dar uma segunda chance foi Euzébio Fernandes.

26- Ao esperar um táxi na saída do Copacabana Palace, Machado avista uma Limosine aguardando a saída de uma linda mulher do Hotel. Quando percebe de quem se trata, Manuela Pontes Craveiro, Machado corre para abrir a porta da limosine e pede para lhe fazer algumas perguntas.

27 - Dentro do carro em movimento Machado interroga a embaixatriz Manuela perguntando sobre sua relação com Belizário Bezerra, e se sabia algo sobre "Brás Duarte". Segundo ela, o único motivo que poderia levar ao assassinato do senador era que ele era um péssimo amante. Sobre "Brás Duarte" ela disse desconhecer de quem se trata. A atração é mais forte do que a investigação e os dois fazem amor no carro.

28 - Machado vai à Academia onde é recebido pelo escritor Leonardo Feijó. Procurava por Lauriano Lamaison e Euzébio Fernandes. Leonardo Feijó diz que Euzébio nem sai de casa, abalado pela morte do amigo conterrâneo Belizário Bezerra, a quem ajudou a eleger. Leonardo diz que o apoio de Euzébio a Belizário se deveu a recompensas financeiras, já que Euzébio anda a míngua há algum tempo. Mas destacou que Euzébio é um homem de bem e que todos gostam dele. Quanto a Lauriano, Leonardo diz que ele está em São Paulo, viajou logo após os enterros, mas que volta para a recepção no Hotel das Paineiras. Diz ainda que nos bastidores se comenta que o autor de "Tratado Ornitológico sobre a fauna alada do Brasil" é, na verdade, um escritor de aluguel. Machado descobre que Varejeira só teve um voto contrário, do padre Ignácio Villaforte, uma afronta aos poderes chantagistas de Lamaison, que praticamente obrigou todos os imortais a apoiar o único candidato, Aloysio Varejeira.

29 - Padre Ignácio Villaforte vai a alfaiataria de Camilo Rapozo para fazer sua batina para missa solene dos irmotais falecidos. O Padre faz algumas investidas sobre Rapozo que tenta se esquivar de toda forma. No fim, Rapozo ganha um poema do Padre, assinado como Dorian Gray.

30 - Machado vai a alfaiataria interrogar Camilo Rapozo. Este o recebe muito bem e o força a fazer uma nova roupa, por conta da casa. Durante as tiradas de medidas do comissário Machado

pergunta sobre sua relação com os imortais, mas Rapozo se mantém discreto. Em seguida pergunta se tinha algum cliente chamado "Brás Duarte". Camilo nada sabe. E por fim pergunta se o Padre Ignácio Villaforte é seu cliente, fato que estremece o alfaiate, que se enrola todo para responder que também faz suas roupas.

31- No cemitério São João Batista à noite, Pedro Menelau, se culpa por não ter chegado a tempo e chora a morte de Belizário Bezerra, quando é assassinado por trás.

32 - Machado Machado vai ao cemitério apurar o novo assassinato e descobre que se tratava do esperado capanga de Belizário Bezerra. O assassino deixou o mesmo bilhete "Brás Duarte" com um pássaro empoleirado sobre as letras. Descobre ainda que a morte foi um acidente, que o que o assassino queria mesmo era abrir os túmulos e roubar os fardões.

33 - Machado Machado na delegacia dá algumas explicações ao General Floresta que cobra resultados. Ele omite informações. Um comissário diz que foi preso um suspeito nas redondezas do cemitério.

34 - Interrogando o suspeito Machado descobre que se trata de um arqueólogo contemporâneo de muito bom humor apesar de safado e cínico. Ele diz ter chegado ao cemitério logo após a operação do Assassino e o viu saindo, ainda o descreveu.

35 - Machado vai novamente atrás de Monique Margot atrás de alguma resposta para "Brás Duarte".Chegando em seu sobrado ele vê Caio Pontes Craveiro saindo de lá. Machado se esconde.

36 - Machado conversando com Monique Margot confirma de fato sua relação com o embaixador Caio Pontes Craveiro, descobre ainda que a mulher dele, a embaixatriz, também teve um caso com Max Muchenot. Por fim Machado descobre que o capanga Pedro Menelau havia telefonado para Monique assim que desembarcou no porto do Rio de Janeiro, vindo de Pernambuco. Quando o assunto foi o bilhete "Brás Duarte" Monique também disse não saber do que se trata.

37 - Machado e Pena Monteiro se encontram no Café Papagaio, onde Pena Monteiro lê a matéria do jornal O PAIZ para Machado que se refere ao banquete que será dado por Lamaison no Hotel Paineiras em comemoração à escolha da maquete da obra do Cristo Redentor. Penna Monteiro também relata a Machado que descobriu através de seu caseiro em Petrópolis que Lamaison não tinha nenhum caso com Manuela Pontes Craveiro, como se desconfiava, mas sim com seu

motorista japonês, Yamamoto. Ele usava o carro dela quando a mesma viajava. E era isso que Aloysio Varejeira tinha contra Lamaison, só ele sabia do caso.

38 - Machado vai ao encontro de Lamaison que está a caminho da recepção, ele está no último vagão do trem. Machado fala para Lamaison que já sabe de seu caso com o motorista da embaixatriz e que já sabe que Varejeira o chantageava por isso, logo ele era um suspeito. No final da conversa Machado mostra o bilhete "Brás Duarte", com o pássaro sobre as letras. Para surpresa de Machado ele diz que sabe quem é Brás Duarte. Neste momento ele começa a ficar roxo diante de Machado e profere suas últimas palavras antes de morrer dizendo que Brás Duarte é Olavo Bilac.

39 - Machado e Penna Monteiro estão saindo do necrotério após autópsia em Lauriano Lamaison, Penna Monteiro discorre sobre o veneno que atacou a vítima. Um vulto escuro os observa e em seguida entra no instituto.

40 - Machado se encontra com Padre Ignácio de Villaforte. O Padre está com medo pois achou na sacristia o bilhete "Brás Duarte" encimado por um pássaro, mas neste havia ainda os dizeres "houve outra logo depois". Ambos nada conseguem decifrar, mas Machado aconselha o padre a tomar cuidado, porque o bilhete tem relação direta com assassino.

41 - Machado vai a casa de Euzébio Fernandes, é recebido pela linda filha do escritor, Galetea, que o leva até o pai. Os dois trocam olhares.

42 - Euzébio recebe muito bem Machado que deseja saber qualquer coisa importante sobre o funcionamento da Academia. Euzébio confessa por livre vontade que batalhou pela eleição de Belizário Bezerra por uma promessa de emprego no governo de Pernambuco. Confessa também que sem a pressão do Lamaison não teria votado no Varejeira. Euzébio diz que todos querem ser membros da ABL e os Imortais adoram quando há vagas, pois ganham muita atenção entre outros presentinhos. Machado pergunta sobre "Brás Duarte", se sabe de alguma relação com Olavo Bilac. Euzébio desconhece, apesar de sua grande amizade com o poeta, mas cede de bom grado toda a obra de Bilac que possui ao novo amigo. Através de Euzébio machado fica sabendo da missa solene em homenagem aos três mortos na Igreja da Candelária.

43 - O assassino envenenador está sem eu ambiente macabro, escurecido recitando um ritual estranho diante de quatro bonecos

de massa em tamanho real, três dos quais vestidos com os fardões dos imortais.

44 - Igreja da Candelária lotada para a missa dos três mortos. Machado está sentado ao lado de Galetea e de Penna Monteiro. Machado passa um bilhete a Galetea e diz esperar por ela amanhã. Os acadêmicos estão sentados na primeira fila.

45 - Machado observa de longe um homem alto, vestido de preto surrado aproximar-se de Euzébio Fernandes e saudá-lo. Em seguida o homem segue por um corredor lateral.

46 - A missa transcorrendo, Padre Ignácio Villaforte abre o missal e retira dele um papel dobrado que quando lê fica pasmo. Começa a asfixiar-se e suar e morre. Machado e Penna chegam a tempo de apagar-lhe antes de cair de fato do altar.

47 - Machado pega o papel das mãos do Padre morto e lá está o de sempre: "Brás Duarte, Lascive Factum". O alvoroço na Igreja neste momento é enorme.

48 - Um homem alto, vestido de negro sai serelepe da Igreja em meio a toda a confusão, atropela um mendigo e pronuncia "Lascive Factum" repetidamente.

49 - Machado conversa com o mendigo que diz ter visto o suposto responsável pela morte. O mendigo apenas relata como ele é fisicamente e como estava vestido, diz que pronunciava coisas estranhas e que acabou com a féria do dia que juntava em sua caneca.

50 - Pela manhã Galetea vai ao encontro de Machado em sua casa. Os dois se amam ardentemente.

51 - Na cama ambos conversam sobre suas vidas. Machado descobre que Galetea fizera pós graduação em neurologia e fora aluna e assistente do Professor Antônio Austragésilo, psiquiatra renomado que também é membro da Academia. Eles decidem procurá-lo na esperança que possa decifrar o sentido da frase "Lascive Factum".

52 - Machado e Galetea vão ao Sanatório Botafogo atrás do professor Austragésilo. Após discutirem possíveis significados Galetea chega a conclusão que "Lascive Factum" significa para o louco assassino "fazer travessuras". O professor ainda entrega a Machado quatro livros antigos sobre venenos e pede para repassar a Penna-Monteiro.

53 - Machado e Galetea estão voltando de trem, enamorados. Ela recusa convite para passar a noite na casa de Machado pois não pode deixar seu pai sozinho. Uma figura observa o trem se perder no horizonte.

54 - Penna Monteiro chega em casa carregando uma pilha de livros e documentos e a batina do Padre Ignácio de Villaforte, além de estar comendo um sanduíche. Ele larga a batina sobre o móvel e segue para seu pequeno laboratório.

55 - A campanha toca na casa de Euzébio Fernandes, que não aguardava nenhuma visita. É Urbano Negromonti. Ele pressiona Euzébio Fernandes a apoiar sua candidatura a ABL, já que são quatro vagas em aberto. Euzébio tenta se desviar e os dois discutem arduamente até Euzébio expulsar Negromonti de sua casa.

56 - Depois de rever todos os estudos Penna Monteiro chega à conclusão de que o veneno é depositado na roupa das vítimas e o calor é o agente catalisador. Ele vai buscar então a batina que trouxe consigo, mas ela não está mais lá. Apenas um bilhete: "a fome é inimiga da virtude". A janela está entreaberta. Penna Monteiro liga para Machado para comunicar...

57 - Machado ao telefone tenta descobrir o paradeiro de Negromonti. Liga para o colégio onde ele lesionara e descobre que já não trabalha mais por lá. No endereço onde ele morava o informam que já se mudara a mais de um ano. Então liga para Galetea e marca encontro. Na ligação pra Galetea, Machado explica todas as ligações e informações.

58 - General Floresta cobra resultados de Machado, diz que está sendo pressionado pelo prefeito, pelo ministro da Justiça e até pelo cardeal, em função da morte do padre Ignácio de Villaforte.

59- No apartamento de Machado, Galetea tenta colocar uma ordem na completa zona do local. Enquanto coloca com enorme carinho na estante os volumes de Olavo Bilac, dados por Euzébio Fernandes, um cai e revela as histórias de "As travessuras de Juca e Chico", de origem alemã e traduzidas por Olavo Bilac. Na conversa descobrem que os quadrinhos "Sobrinhos do Capitão", que saem no jornal de Lauriano Lamaison, são inspirados nas travessuras de "Juca e Chico". Machado não acredita em coincidências. Os dois se põem a ler o livro.

60- Penna Monteiro chega a casa de Machado com aparência de quem não dorme a dias. Machado e Galetea o consolam pelo roubo do fardão e contam a ele sobre o livro de "as travessuras de Juca e

Chico" que estão lendo. Machado diz que o final do segundo capítulo de travessuras é encerrado pela mesma frase com grafia infantil que foi deixada na sacristia do padre "Houve outra logo depois". Penna Monteiro se interessa.

61 - Machado agora recita em voz alta para sua platéia de dois o terceiro capítulo de "As travessuras de Juca e Chico". "- Havia um homem na aldeia, alfaiate de mão cheia. Blusa, capa, sobretudo, casaca de rabo, tudo. Sabia fazer com arte. O alfaiate Brás Duarte". Neste momento um silêncio no apartamento. Lauriano Lamaison não confundira Brás Duarte com Olavo Bilac. Lauriano tentara avisar que Brás Duarte era personagem do livro "As travessuras Juca e Chico", traduzido pelo poeta.

62 - Galetea está terminando de por a ceia na mesa enquanto Pena Monteiro e Machado pensam sobre o caso já sentados. Pena defende que Camilo Rapozo não se enquadra nas características físicas do malfeitor. Galetea apóia acrescentado que seu pai, Euzébio Fernandes, sempre falou muito bem de Camilo Rapozo, rindo inclusive da tradicional apalpada na cabeça que os membros costumavam dar em Camilo para dar sorte. Machado insiste, dizendo que talvez ele possa ter um parceiro alto, que ele por fazer os fardões dos acadêmicos teria fácil acesso para pôr o veneno. Penna Monteiro diz que não há um motivo claro para Camilo ser o assassino. A conversa se estende.

63 - Machado e Penna já estão meio bêbados, garrafas de vinho estão vazias sobre a mesa com restos de comida. Penna se levanta e diz que vai pra casa descansar. Machado diz que vai falar com Rapozo na manhã seguinte, já que o alfaiate lhe deve um terno tropical que prometeu. O casal acompanha Penna à porta e, falando enrolado, Machado profere uma frase de Sherlock Holmes: "Quando você eliminou o impossível, o que restar, por mais improvável que pareça, tem que ser a verdade".

64- Machado acordado ressecado, passa a mão na cama, percebe que Galetea não está, porém acha um bilhete em seu lugar. No bilhete, ela diz que fez café e comprou pão. Diz que lembrou de algo que pode ajudar bastante e foi em casa buscar. Machado tenta se levantar, mas desaba de sono na cama e segue a dormir.

65- Galetea está em seu quarto a revirar umas coisas num baú. Após tanta procura ela parece achar o que procura. Uns livros amarrados em barbantes cheios de poeira. Ela começa folhear um em especial, visivelmente um livro infantil cheio de figuras. Até que ela se depara com o que está procurando: o pássaro-alfaiate,

que fica sobre as mensagens de "Brás Duarte" deixadas pelo assassino. Ela lê a descrição da figura.

66 - Galetea ainda em seu quarto se dá conta de que a hora havia passado quando olha em seu relógio.

67 - Galetea pegando sua bolsa e já saindo pela porta de casa grita para a empregada Maria Eugênia dizendo que caso o Doutor Machado Machado a procure para lhe dizer que o encontra na Alfaiataria Dedal de Ouro. A empregada não entend direito o recado, confunde com Tabacaria. Galetea sai mesmo assim gritando o recado novamente.

68 - Machado acorda novamente. Olha para o relógio e grita, 4 da tarde. Percebe que Galetea não está lá quando pega o novamente o bilhete deixado por ela. Pega o telefone que estava derrubado fora do gancho ao lado de uma garrafa semi-vazia de vinho na mesa de cabeceira e liga pra casa de Galetea.

69 - Ao telefone com Maria Eugênia, Machado, desesperado, recebe o recado errado da confusa empregada. Machado vai perdendo a paciência ao longo da longa conversa confusa com Maria Eugênia, até que sua ficha cai e ele percebe que o recado se trata de encontrá-lo na Alfaiataria Dedal de Ouro e não na Tabacaria Pedal de Couro. Ao desligar o telefone, ele faz uma outra ligação e a cena se corta.

70 - Galetea está no casarão onde fica a residência e a alfaiataria de Camilo Rapozo. As portas da alfaiataria já estavam fechadas. As luzes lá no alta da mansão criam um ambiente de penumbra. Ela circula tensa a casa examinando as janelas até encontrar uma em que a janela estava parcialmente aberta, apenas com uma castigada persiana fechando. Galetea pula para o saguão da alfaiataria.

70- Penna Monteiro está a esperar já dentro de sua Bugatti Royale, em frente ao Instituto médico legal, quando Machado chega correndo e entra no automóvel ofegante.

71 - Num ambiente muito escuro, Galetea tateando as paredes começa a subir as escadarias da mansão e chega em um segundo andar, quando, de repente, é agarrada fortemente por dois braços. Um lenço encharcado é jogado sobre a cabeça de Galetea, abafando seus gritos até se emudecer.

72 - Penna Monteiro e Machado no carro seguem em alta velocidade para a Alfaiataria, para desespero de Machado que ao mesmo tempo

em que morre de medo da velocidade com que Penna dirige, quer chegar o mais rápido possível.

73 - Galetea acorda deitada no chão de tábua corrida e amarrada nos pés e nas mãos em um ambiente iluminado apenas por candelabros. Ela cheira o lenço que está ao seu lado e se sente enojada. Ouve uma cantiga estranha em latim que parece vir do outro lado da porta do aposento em que está.

74- A porta se abre e se vê pela contra-luz uma silhueta gigantesca vestida com uma longa bata negra que vai até ao chão. Galetea pergunta pelo o anão. O malfeitor se aproxima dela e se percebe refletir uma longa lâmina metálica em seu dedo. O malfeitor abre a longa roupa e revela-se o anão Camilo Rapozo sobre longas pernas-de-pau com botas ao final. As pernas de pau são mais grossas do que o habitual.

75 - A Bugatti Royale em que estão Machado e Penna-Monteiro engasga e morre no meio da rua. Machado desce desesperado e começa a chutar o carro. Penna Monteiro pede calma a Machado e começa a abrir o capot do motor.

75 - Camilo Rapozo senta-se ao lado da amarrada Galetea e começa a desatar as pernas de pau. Em seguida levanta-se e começa a se gabar por seu feito e explicar que quando era criança treinava diariamente com palhaços de um circo das redondezas. Galetea tenta se mostrar admirada por Camilo Rapozo e disfarçar o real motivo de estar ali. Ela diz que foi à casa apenas levar um recado de seu pai que queria alargar o fardão. Camilo Rapozo não acredita na história e torna-se mais ríspido no diálogo com Galetea. Diz que sabe do namorico dela com o detetive. Galetea insiste nas mentiras e tenta bajular Camilo Rapozo para ganhar tempo, o que o irrita mais ainda. Camilo pergunta, então, como foi que descobriram e Galetea estimula o anão a se deliciar com suas histórias de travessuras se comparando com "Juca e Chico". Camilo Rapozo baixa o tom ríspido. Galetea pergunta sobre seu conhecimento em venenos e ele explica que sua mãe fora grã-sacerdotisa da Veneficorum Secta (Seita dos Envenenadores). De repente Camilo encerra bruscamente a conversa, pede licença e vai em direção a caldeira no centro do aposento.

76- Penna metido a entender de automóveis está tentando descobrir qual o problema do carro. Vai pensando em todas as possibilidades mecânicas e testando até que Machado, muito irritado, pergunta se não seria falta de gasolina. Penna constata que sim.

77 - Endoidecido, Camilo Rapozo, em cima de uma cadeira, lança líquidos estranhos e alguns pós na recitando alguns versos de "Juca e Chico". Camilo conta a Galetea como seu tataravô, ainda em Portugal, se tornou bobo da corte, conheceu a Veneficorum Secta e envenenou o Rei Dom José I.

78 - Penna e Machado estão correndo pelas ruas do Rio de Janeiro. O carro de Penna se vê ao fundo parado, por pane seca.

79 - Camilo Rapozo diz a Galetea que depois de seu tataravô vários foram os feitos de sua família, com destaque para a Rainha Maria I, a mãe de Dom Pedro VI, e que por causa de um veneno teria ficado louca, daí Maria a Louca. Galetea segue dando corda para o anão falar e ganhar tempo. Camilo Rapozo coloca mais lenha na caldeira. Camilo diz que Galetea é muito esperta e por isso sua morte será rápida e ainda conta sua última ação como Veneficor. Diz que na sessão solene do dia seguinte no Petit Trianon ele vai se encarregar do chá dos Acadêmicos e aponta para o caldeirão com sua lâmina metálica no dedo. Camilo ainda brinca com o livro de Belizário Bezerra, "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras", em que os acadêmicos morrem bebendo chá.

80- Camilo se volta para Galetea e vai em sua direção para pegá-la, ela toda amarrada tenta rastejar em fuga. No momento em que Camilo a segura pelos cabelos já se preparando para cortá-la com a lâmina, Machado e Penna Monteiro quase sem fôlego arrombam a porta e caem diante do assassino e da vítima. Eles se levantam rapidamente, e nesse momento Camilo puxa Galetea contra seu corpo e vai para trás até subir na cadeira diante da caldeira. Com o braço em volta ao pescoço de Galetea, ameaça matá-la. Machado e Penna tentam conversar, ponderar e distrair Camilo Rapozo. Aos poucos, Machado e Penna vão se aproximando. Camilo explica o quanto foi humilhado, não só ele, mas toda sua família, toda vida pela sociedade, por ser anão, principalmente pelos acadêmicos e a academia que nunca deram valor a seu perfeito trabalho e sequer o pagavam. Camilo começa a se referir à ele e à Veneficor como duas pessoas diferentes. Ele começa a relatar um a um os primeiros mortos e seus motivos. Camilo aponta para uma parede do ambiente onde se encontram diversos bonecos de ceras, dos quais quatro estão com fardões. Penna, Machado e Galetea parecem concordar com a dissertação de Camilo Rapozo. Machado diz que se ele se entregar nem vai haver processo, no máximo ficaria internado alguns dias na clínica psiquiátrica do doutor Antônio Austregésilo. O nome de mais um imortal deixa Camilo enraivecido e por um instante ele afasta a lâmina do pescoço de Galetea e neste momento Machado arremessa seu chapéu palheta na testa de Camilo Rapozo, que se desequilibra da cadeira e cai para trás

urrando, dentro da caldeira com a mistura que preparava. Os três, em silêncio, olham dentro da caldeira.

81 - Já do lado de fora do casarão, Machado, Galetea e Penna-Monteiro observam a casa queimar. Eles concordam ter sido a melhor escolha, já que haviam venenos, tóxicos, vermes e produtos químicos demais na casa, que nem o Doutor Carlos Chagas reconheceria tais estranhas substâncias de uma Seita.

82 - Machado, Galetea e Penna-Monteiro estão andando lentamente. Penna-Monteiro pergunta a Machado no que ele está pensando e ele diz que é no terno azul de tropical inglês que o alfaiate o havia prometido. Ao fundo se houve a sirene dos bombeiros chegando. Penna questiona se os bombeiros não conseguiriam descobrir vestígios do que houve e Machado diz para Penna não se preocupar pois apesar de corajosos, os bombeiros esbarrariam na falta de água que assombra o rio de janeiro. Os três se voltam para a fumaça bem ao longe. Machado recita um verso em homenagem ao anão. Penna questiona se é Machado de Assis e Machado diz que não, que é Machado Machado.

83 - No restaurante Lamas, o garçom Bodoque lê para os demais garçons a ultima edição de "O Paiz". Na matéria, Camilo Rapozo não é revelado como assassino e sim como um bravo lutador e todas as honras do caso vão para General Floresta.

84 - Machado Machado e Galetea estão se amando no sofá do apartamento de Machado. A campainha toca. Ele corre para abrir a porta meio desnudo. O zelador do prédio entrega a Machado o jornal e uma bela caixa de presente. O zelador diz que era para ter chegado na semana passada, mas o entregador esteve gripado e por isso atrasou. Machado fecha a porta e se volta ao sofá lendo em voz alta o bilhete que diz "para o excelentíssimo Senhor Doutor Comissário Machado Machado". Ele e Galetea tiram rapidamente o laço vermelho do embrulho e abrem a caixa que revela num cabide revestido de veludo vermelho, um lindo terno azul-escuro, de tropica inglês. Preso à lapela por um alfinete, há um bilhete que Galetea e Machado lêem ao mesmo tempo e em seguida se olham com espanto: "Caro comissário, use com saúde. Camilo Rapozo".

APÊNDICE E – Personagens

MACHADO MACHADO

Comissário da polícia. 34 anos. Branco, magro, olhos negros, olheiras cavas (dorme pouco), que lhe valem o apelido de Coruja, cabelos compridos de poeta, que irritam seus superiores. É um homem bonito. Mãos longas de pianista, unhas impecavelmente tratadas pelas manicures do Hotel Avenida. Não por vaidade, mas sim pelas fofocas que lhe servem de informações. Não dispensa seu chapéu feito de palha trançada diferentemente dos de feltro dos demais policias. O chapéu-palheta e o terno mal passado que sempre usa lhe conferem um ar jovial, que encanta as mulheres. Fumante desde os 18 anos, não dispensa os cigarros Cairo, da Tabacaria Londres, feitos de fumo turco e de cheiro inconfundível. O único esporte que pratica é a esgrima, mas poucos sabem, pratica semanalmente. Usa um coldre de ombro onde porta algema e um Colt 45(arma). Machado não dirige, tentou aprender, mas não conseguiu se adaptar a mudança de marchas. Católico não praticante. Não acredita em coincidências, os 10 anos de polícia o haviam convencido disso. Ama a leitura, é um devorador de livros, hábito que herdou do pai, Rubino Machado, escrivão falecido. Tamanha era a admiração do pai por Machado de Assis, que batizou o filho com o nome do escritor. Por isso, Machado Machado, motivo de chacota desde sempre. Mora em um apartamento no segundo andar de um prédio em Copacabana.

GILBERTO DE PENNA-MONTEIRO

Legista do Instituto médico legal. 34 anos. Figura imponente, quase 2 metros de altura, cabelos encaracolados e voz baixa e profunda. Tem pele clara. Olhos castanhos. Muito cuidadoso e meticoloso. Advém de uma Família de médicos, todos obstetras. Ricos, moram em um casarão no Cosme Velho. Ele é o único legista da família, e apresentou sua tese sobre venenos (sua especialidade) em Cambridge, na Inglaterra, onde primeiro se graduara em medicina forense e em química. Amigo de ginásio do comissário Machado Machado, é o principal ajudante do comissário com as investigações.

GALETEA FERNANDES

27 anos. Filha única de Euzébio Fernandes. Linda jovem. Morena, cabelos lisos e compridos. Seios fartos. Solteira. Formada em medicina, profissão que não exerce desde que a mãe adoecera e

mais tarde falecera. Sempre foi a aluna número um da classe. Mulher inteligente e decidida, inclusive quando ao assunto é amor. Veste-se de maneira despojada para a época e pode-se dizer que é uma mulher moderna. Mora com o pai e é tem ótima relação com o mesmo. Namorou por pouco tempo Urbano Negromonti, mas recentemente terminou tudo porque nunca conseguiu gostar dele.

BELIZÁRIO BEZERRA

Senador de Pernambuco. Homem de 50 anos que aparenta 40, em função da ginástica sueca que pratica diariamente. Cabelos negros, pintados com tinta da L'Oreal que compra em Paris. Pele morena, queimada de sol. Pernambucano com sotaque carregado. Vaidoso e mulherengo. Costuma usar um indefectível terno de linho branco. Sua família se dedica ao cultivo da cana, possui usinas de açúcar e é proprietária de metade da Zona da Mata pernambucana. Sem sua fortuna e influência política jamais haveria tido um livro publicado.

CAMILO RAPOZO

Alfaiate. 36 anos. Anão , musculoso, pele morena, herança dos mouros que ocuparam a península Ibérica. Cabeça raspada a navalha, o que ressalta o formato oval de seu rosto. Sua maior vaidade é uma unha longa no dedo mindinho da mão direita, que na verdade usa como um instrumento de trabalho(marcações em tecidos, por exemplo). Herdeiro da alfaiataria e do dom de alfaiate de seu avô Apolinário Rapozo, que foi artífice-alfaiate-mor de Dom João VI, inclusive trazido pela majestade de Portugal para o Brasil. Camilo é um profundo conhecedor da arte de corte e costura e seu talento o transformou no alfaiate oficial dos Acadêmicos. Camilo mora em um casarão de três andares na Rua dos Inválidos onde no térreo fica sua alfaiataria Dedal de Ouro.

EUZÉBIO FERNANDES

53 anos. Acadêmico. Pernambucano. Grande amigo de Recife do senador Belizário Bezerra e responsável diretamente por sua indicação à cadeira 10 da ABL. Apresenta fartos bigodes e barriga empinada. Não usa mais seu fardão nas cerimônias da Academia por que nem os dons de Camilo Rapozo dão jeito no terno original para que caiba nele hoje, 20 quilos mais gordo do que na época de sua posse. É viúvo. Mora com sua filha, Galettea, e a empregada, a portuguesa Bá Maria.

BODOQUE

24 anos. Garçon do restaurante Lamas. Mulato e magro. Muito observador e fofoqueiro. Não consegue guardar um segredo. Sabe de tudo que se passa na sociedade carioca, grande freqüentadora do Lamas. Adora uma boa gorjeta e é metido a engraçadinho. Trata-se de uma boa pessoa.

ALOYSIO VAREJEIRA

Acadêmico e Advogado criminalista. Conhecido por seu péssimo mau hálito, do qual as pessoas fogem. Advogado competente, mas muitos atribuem seu sucesso pelo mau hálito que expelle sobre os jurados. Fora isso, um homem comum, que porta bem seus 78 anos, cabelos brancos, dentes perdidos, mas com dentadura novíssima de marfim. Seu fardão é esmaecido por anos de baú.

GENERAL FLORESTA

Superior de Machado Machado na polícia. Tem quase 60 anos. É gordo e possui barba completa. Os cabelos ainda não são totalmente brancos. Ele não admite pintar. É um cara acomodado que se acha esperto. Quase sempre tenta tirar vantagem do trabalho alheio. Se tornou General por indicação. Gosta de ler as fofocas e a seção de quadrinhos que saem nos jornais e revistas.

MONIQUE MARGOT

Quase 30 anos. Atriz francesa. Linda e em plena forma, disputadíssima pelos rapazes, coronéis e ricassos da sociedade do Rio de Janeiro. Chegou ao Brasil na companhia das revistas Ba-Ta-Clan. Conhecedora de suas limitações artísticas, utiliza-se de seus atributos físicos, que lhe renderam carros, apartamentos e outros bens no país. No momento, está no espetáculo "Alô!... Quem fala?", no Teatro São José. Gosta de por palavras francesas nas suas conversas. Mora em um sobrado na rua Constante Ramos.

RODRIGO DANTAS

66 anos. Jurista. Um velho bem humorado jurista, amigo pessoal do pai e da família de Penna-Monteiro. Fã de Émile Zola, copia seu corte de barba, bigode e o pince-nez. Dantas é tido como um dos adversários mais perigosos diante de um júri. Usa o humor como

arma mortal. Grande defensor de operários, anarquistas e comunistas, mesmo quando não podem lhe pagar os honorários.

FABINHO

20 e poucos anos. Boy do Copacabana Palace. Pequenino, voz, fina, usa óculos, parece uma criança inocente. Aspecto inofensivo. Suas relações ecléticas vão dos políticos do Congresso às cafetinas mais importantes da capital. Conhece os pontos de jogo da cidade, relaciona-se com delegados, marginais, artistas e alcoviteiros. Entende muito de motores de carro. É um pechinchador de primeira linha. Tem excelente memória. Em suma, sabe de tudo que acontece na cidade. Um verdadeiro malandro, o que lhe rende bons negócios e gorjetas. Criador do tal "jeitinho" brasileiro.

MANUELA PONTES-CRAVEIRO

35 anos. Embaixatriz, mulher do embaixador Caio Pontes-Craveiro. Mora no Copacabana Palace com o marido. Foi amante de Belizário Bezerra. Mulher elegante, de cabelos negros e cacheados, e corpo esguio.

CAIO PONTES-CRAVEIRO

40 anos mais velho que Manuela, beira aos 80 anos. Embaixador. Morador com a mulher do Copacabana Palace. Conheceu a esposa nos famosos Saraus da Laurinda Santos Lobo, que reunia artistas, intelectuais e a elite carioca.

LAURIANO LAMAISSON

62 anos. Acadêmico. Homem vigoroso e jovem para sua idade. Solteiro. Temido de norte a sul do país. Dono de uma cadeia de jornais e revistas de escândalo. Possui arquivos que podem comprometer quase todos os figurões da república. Chamam-no de Barão Amarelo, em função da expressão Jornalismo Amarelo, como eram conhecida nos Estados Unidos a imprensa sensacionalista. Responsável pela eleição de Aloysio Varejeira à Academia.

MAX MUCHENOT

Maximilien Casimire Felisbert Anglois de Muchenot. 31 anos. Chefe do cassino do Copacabana Palace. Homem elegante, de origem notadamente francesa. Corpo atlético, barba impecavelmente feita, cabelos loiros e porte apolíneo. Tem o hábito de após o fechamento do cassino sentar, beber e conversar com os garçons e os crupiês do local. Chegou ao Brasil de navio, como camareiro da primeira classe, onde oferecia préstimos galantes a mulheres ricas e solitárias, mediante disfarçadas gratificações. Amava Monique Margot antes de vir para o Brasil. Os dois se relacionaram durante um tempo, mas ela o dispensou. Por sorte a reencontrou no Brasil. Ainda mistura bastante o vocabulário dos dois países.

LEONARDO FEIJÓ

60 anos. Escritor e Acadêmico. Membro mais recente da Academia. Homem elegante, muito simpático e tranqüilo. Ama histórias policiais, inclusive tendo sido uma delas, sobre qual escreveu há alguns anos atrás, grande responsável pela sua eleição à Academia.

IGNÁCIO DE VILLAFORTE

Magro e alto. Membro da Academia. Padre da Igreja da Candelária e realizador de todas as cerimônias religiosas da Academia. Possui um grande segredo guardado em seu mais profundo interior: gosta de homens e tem paixão pela estrutura física de anões, mas tudo muito sutil e delicado. Assina seus poemas eróticos com o pseudônimo de Dorian Gray. Pensa que assim engana as pessoas, mas muitos conhecem seu pseudônimo.

PEDRO MENELAU

Capanga de Belizário Bezerra. 1,90m. Um galalau caipira. Jovem, mulato e forte. Morre de medo de avião. Tem uma dívida de gratidão com Bezerra e por isso se tornou seu anjo da guarda. Solteiro, órfão e sem família. Sempre carrega sua peixeira presa na cintura.

ANTÔNIO AUSTRAGÉSILO

Professor, psiquiatra, neurologista e membro da Academia. Tem seus 70 anos. Famoso pelo dom quase infalível de fazer diagnósticos. Homem solitário, mas que não descuida da aparência. Entrou pra Academia porque era também um ensaísta e lançara um livro de prosa poética na juventude. Apreciador de rodas de violões na vida boêmia e dotado de um bom senso de humor. Corresponde-se regularmente com os mais renomados psiquiatras e psicanalistas da Europa e tem trabalhos publicados em importantes revistas internacionais especializadas.

URBANO NEGROMONTI

Homem de rosto abatido, ralos cabelos negros oleosos, roupas antigas e desgastadas. É professor. Não tem muitos recursos financeiros. Considera-se um injustiçado e perseguido. Como escritor é fraco e almeja há tempos vaga na Academia. Chegou a galantear Galetea, filha de Euzébio Fernandes, com intuito de que o futuro sogro o apoiasse na busca por tornar-se um acadêmico, mas sempre era enrolado.

MARIA EUGÊNIA

Conhecida por Bá Maria. Empregada da casa de Euzébio Fernandes. É uma senhora bem velha de origem portuguesa que apesar dos anos de Brasil ainda não perdeu seu sotaque carregado. Morena. Em função da idade avançada possui uma deficiência auditiva. Foi babá de Galetea quando esta era mais jovem e já trabalha na família há mais de duas décadas. É muito querida dentro da família Fernandes e mora com eles.

APÊNDICE F – Roteiro

1- INT./DIA - SUÍTE DO COPACABANA PALACE

Belizário Bezerra sai do chuveiro do banheiro da suíte, se enxugando. Olha para sua imagem no espelho do banheiro e sorri com ar de aprovação daquilo que vê. Veste um dos 40 ternos de linho branco do guarda roupas e sai pela porta do quarto.

2- EXT./DIA - FRENTE DO COPACABANA PALACE

Belizário, assobiando um frevo, entra no seu Hispano-Suiza conversível e parte.

3- INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

A oficina, que pertence ao alfaiate Camilo Rapozo, se situa no primeiro andar de um grande casarão. É um grande salão onde se encontram organizadamente dispostos móveis como mesas para corte e armários. Em um dos cantos tem um trocador, que não passa de um cercadinho de madeira. Tecidos e instrumentos estão espalhados no local. Ouve-se a campainha. Camilo Rapozo, com a almofadinha povoada de alfinetes ao pulso, e empunhando um exemplar do livro "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras" abre a porta delicadamente e reverenciando o cliente cumprimenta Belizário Bezerra, que segue a passos largos para a cabine de provas.

RAPOZO

*(Correndo com o livro e a caneta
atrás de Belizário)* Será que antes
de experimentar o fardão, o senador
pode me dar um autógrafo?

Indiferente, sem dizer uma palavra, Belizário rabisca de qualquer jeito seu nome na contracapa do livro.

BELIZÁRIO

Vai demorar?
Tenho reuniões no Senado.

RAPOZO

Não! Não! Vou já buscar. Está
belíssimo, uma obra-prima! Também,
o físico do senador ajuda muito.

Camilo Rapozo larga o livro e a caneta e pega com todo cuidado o fardão que está sobre a mesa. Belizário já está no provador.

RAPOZO
(*Passando o fardão para Belizário no provador*) Nem vai precisar de retoques. É de longe meu melhor trabalho.

4- INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

Belizário totalmente vestido com o fardão, diante do espelho. O fardão está perfeito. Belizário fica diante do espelho se gabando enquanto raposo dá umas ligeiras esticadinhas no tecido admirando a sua obra.

5- INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

Belizário já está de saída, próximo à porta, novamente com seu terno de linho branco.

BELIZÁRIO
Ótimo, preciso ir.

RAPOZO
(*Meio sem jeito*) E quanto ao pagamento imortal? Será que tarda?

BELIZÁRIO
Você sabe muito bem que é costume o governo do estado natal do escritor fornecer o fardão. Não me meto nisso.

RAPOZO
Mas o senhor...(interrompido)

BELIZÁRIO
Tenha paciência, seu Rapozo! E a glória de ser o homem que veste a Academia?

RAPOZO

Já estou cansado de ouvir isso. E,
aliás, glória não enche a barriga
dos meus filhos.

BELIZÁRIO

Não sabia que o senhor
tinha filhos...

RAPOZO

Nem pretendo.

BELIZÁRIO

Então... Entregue amanhã
no meu hotel.

Enquanto Rapozo abre a porta decepcionado, Bezerra lhe dá um envelope, o que anima Rapozo.

BELIZÁRIO

É um convite para a posse. Vá ao
Hotel antes para ajudar a me vestir.

RAPOZO

Claro Excelência.
Obrigado, Excelência.

Ao cruzar a porta, Belizário vira rapidamente.

BELIZÁRIO

(Passando a mão na cabeça do alfaiate)

Ah! Antes que eu me esqueça...
Como de costume, para dar sorte.

6- INT./NOITE - SALÃO NOBRE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O salão está lotado. Senhoras elegantes procuram afastar o calor com seus leques. Um alarido ecoa pela sala. Belizário Bezerra, assemelhando-se a um imperador de opereta, entra no recinto. Vestido de verde e dourado, Belizário carrega sob o braço o chapéu bicorni emplumado. Ele percorre com andar firme de milico o salão sob aplausos, apertando com suas luvas brancas algumas mãos no caminho. A platéia ao fundo grita "Que panache!", "Quelle allure!".

7- INT./NOITE - SALÃO NOBRE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Já na frente do salão, Belizário encontra-se ao lado de alguns imortais, entre eles, Euzébio Fernandes. Euzébio Fernandes, diferentemente de seus companheiros de academia, não se encontra devidamente vestido. Ele está com uma sóbria casaca preta. Belizário começa a insinuar que vai começar seu discurso quando subitamente, para espanto de todos, Euzébio começa a solenidade.

EUZÉBIO

Nobres cavalheiros, nobres damas,
hoje é uma noite muito especial.

O dia da posse de meu amigo e
conterrâneo pernambucano Belizário
Bezerra à cadeira 10 da Academia
Brasileira de Letras, cadeira que
outrora foi ocupada por nosso
grandíssimo intelectual Rui Barbosa...
(*Euzébio continua falando sem parar*)

(FUSÃO)

8- INT./NOITE - SALÃO NOBRE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

As pessoas estão caindo pelas cadeiras, bocejando e "pescando", enquanto Euzébio Fernandes ainda fala.

EUZÉBIO

(*Histriônico*) Finalmente, não poderia
me furtar também ao panegírico da
nossa altipensante instituição, que
se demonstrou capaz de rir de si
mesma com a espirituosa história do
insigne escritor, o qual levou o
picaresco vilão de seu romance,
Assassinatos na Academia Brasileira
de Letras, a envenenar a todos os
acadêmicos de uma só vez. Oh,
brilhante facécia! Como dizia
Voltaire, *l'humour est l'apanage de
l'intelligence*. Parabênizo o Autor
e a Academia. *Bravo l'auteur!*
Bravo L'Académie!

Aplausos calorosos no salão. O calor é enorme, todos suam demais e se abanam. Em seguida Belizário pega seu pequeno papel que se desenrola e mostra-se enorme, onde está seu discurso. Belizário

dá aquela tradicional engasgada para chamar atenção para seu discurso que vai se iniciar.

BELIZÁRIO

Não sei bem se tenho o direito de
sentar-me na cátedra do tão excelso
intelecto que aqui me precedeu.
Sinto-me um pequeno beija-flor à
sombra das colossais asas da Águia
de Haia. É com imensurável emoção...

Belizário pára o discurso, suas mãos começam a tremer e ele cai fulminado no chão do salão.

9- INT./DIA - RESTAURANTE LAMAS

O restaurante está vazio ainda. O dia acaba de amanhecer. O garçom Bodoque está no balcão lendo a manchete do jornal "O PAIZ" para os demais garçons, todos por perto e muito atentos. Todos estranham a manchete, esboçando uma gracinha.

BODOQUE

(Dramatizando) "Paradoxo fatal:
o mais recente imortal morre no
dia de sua posse".

10- EXT./DIA - CEMITÉRIOSÃO JOÃO BATISTA

A tarde é de muitas nuvens e a chuva é de gotas grossas. Todos estão de guarda chuvas. O calor assim mesmo é intenso. Uma multidão se aglomera no funeral. Muitas autoridades, como senadores, deputados e o presidente Artur Bernardes estão presentes. Ainda estão no local membros da Academia vestidos com seus fardões, entre eles Aloysio Varejeira, suas senhoras, turistas ocasionais e um monte de pessoas que não têm nada a ver com aquilo e que nem estão vestidos a caráter como os demais. Todos se amontoam ao redor do caixão. Parece ter mais gente que no dia da posse. Muitas fofocas e burbúrios são ouvidos em todas as partes. Alguns grupinhos parecem contar piadas e riem disfarçadamente. Mulheres envoltas em renda negra trocam idéias.

11- EXT./DIA - CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA

Varejeira, suando demais e com seu fardão esmaecido pelo tempo de baú, puxa do bolso o panegírico. Um enorme círculo abre em sua volta devido ao medo por seu mau hálito. Algumas senhoras protegem suas narinas com lencinhos perfumados, fingindo chorar pelo defunto Belizário. Indiferente a tudo, Varejeira ajusta o lorgnon no nariz como quem vai começar a falar, abre a boca, e engrolando um ruidoso gorgolejo, tomba morto sobre o caixão de Belizário.

12- INT./DIA - GABINETE DO CHEFE NA DELEGACIA DE POLÍCIA

O gabinete é pequeno. Tem apenas uma mesa com alguns papéis e uma máquina de datilografar velha e um móvel de arquivo.

FLORESTA

Que petulância rapaz, vir até meu gabinete com essa história absurda!

MACHADO

Senhor general, estou convencido de que não se trata de uma coincidência.

FLORESTA

(Nervoso e enxugando com um lenço o rosto) Deixemos os mortos enterrarem seus mortos, que eu tenho mais o que fazer! Eu acredito em coincidências comissário, passe bem.

MACHADO

General, só estou lhe pedindo que ordene um exame mais detalhado dos cadáveres. Uma autópsia. Se não surgir...

FLORESTA

(Interrompendo e esbravejando)
Autópsia? Em dois Imortais mortos!?
Você enlouqueceu de vez? Quer que eu seja execrado pela Academia?

MACHADO

Ninguém precisa ficar sabendo.
Posso arranjar isso com o doutor
Penna-Monteiro, lá do Instituto.
Ele é meu amigo de ginásio e sabe
guardar segredo. É só o senhor
dar a ordem.

FLORESTA

Comissário Machado Machado, olhe
que às vezes acontecem coincidências
inacreditáveis. Você conhece o caso
do rei Humberto I, da Itália?

MACHADO

Não senhor.

FLORESTA

Pois bem. Na noite de 28 de Julho
de 1900, o rei Humberto I jantou
com seu secretário num restaurante
em Monza. O rei notou que o dono
do restaurante era idêntico a ele.

MACHADO

Idêntico?

FLORESTA

(Gritando) Não me interrompa!
(Tom normal) Por curiosidade, o rei
começou a conversar com ele e
descobriu que os dois tinham muitas
coisas em comum. O dono do restaurante
também se chamava Humberto, ambos
havam nascido em Turim no mesmo dia,
a sua mulher se chamava Margarida,
como a rainha, e o restaurante foi
inaugurado no mesmo dia da coroação
do rei. Pois bem. No dia seguinte,
o dono do restaurante foi assassinado
por um desconhecido na mesma hora
em que um anarquista matava o rei
Humberto. *(Concluindo se gabando)*
É ou não é uma coincidência?

MACHADO

Pode ser, mas há uma dissonância nessa história. Um era o rei da Itália, e o outro era só dono de restaurante.

FLORESTA

(Dando um tapa na mesa) Está certo!
Se lhe dá tanto prazer revirar as
entranhas alheias, vá em frente!
Mas nem uma palavra a ninguém antes
de descobrir algo suspeito.

13- INT./NOITE - INSTITUTO MÉDICO LEGAL

O legista Gilberto de Penna-Monteiro está entre as duas mesas onde estão os corpos dos dois imortais, que foram enterrados com seus fardões. Ao seu lado Machado fuma perturbadamente, ansioso pela autópsia.

MACHADO

Pena, vamos logo com isso. Tenho
que devolver esses defuntos ainda
nesta madrugada!

PENNA

Calma. Primeiro me ajuda a tirar
essas fatiotas.

MACHADO

(Espantado) Eu?

PENNA

Claro. Você não disse que queria
sigilo absoluto? Dispensei meus
assistentes.

14 - INT./NOITE - INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Machado e Penna-Monteiro estão terminando de despir os fardões dos defuntos. Os cadáveres se apresentam cobertos de manchas rochas e a pele rachada em diversos pontos. Os rostos estão ambos com a mesma coloração acinzentada. A pele embaixo do queixo se encontra violácea, formando um colar à volta do pescoço.

PENNA

(*Abrindo a boca do advogado Varejeira*)
Existe algo estranho aqui. Olhe como
a língua dele está escura.

MACHADO

Claro. Diziam que ele tinha um
hálito horroroso.

PENNA

Não se trata disso. Pode ver que a
língua do colega tem a mesma cor.

Machado afasta com nojo os maxilares de Belizáro e constata a
mesma cor da língua. Os dois imortais estão com as bocas
escancaradas.

PENNA

Os dois apresentam sinais de
pelagra e língua nigra.

MACHADO

Língua o quê?

PENNA

Língua nigra pilosa. A língua parece
preta por causa da hipertrofia e do
alongamento das papilas filiformes
na parte superior. Fica com esse
aspecto peludo e com essa coloração
porque as papilas desenvolvem colônias
de bactérias cromatogênicas...

MACHADO

(*Ironicamente*) Sei, claro,
bactérias cromatogênicas.

PENNA

São fungos formados por carência
de enzimas. O engraçado é que também
estão com todas as características
da pelagra.

MACHADO

E isso, agora, vem a ser o quê?

PENNA

Uma doença causada por má alimentação,
deficiência de ácido fólico, vitaminas
e sais minerais. Está vendo esse colar
(no pescoço) formado pela coloração
diferente da pele? Chama-se colar
de Casal. Nós chamamos a pelagra
de doença dos três D's: dermatite,
demência e diarreia. Só leva a morte
a longo prazo e se não for tratada.
Não é possível que dois homens bem
alimentados tivessem isso. E ninguém
morre de língua nigra, que é de
origem desconhecida, mas é benigna.

Machado esfrega as mãos no rosto, perplexo com tantas informações
e novidades.

PENNA

Não esqueça Machadinho, a Medicina
é uma ciência de verdades
transitórias.

MACHADO

Está bem. Mas enquanto elas
não transitam...

PENNA

Pra mim só tem uma explicação:
veneno.

MACHADO

Eu sabia que essas mortes não eram
naturais! Que veneno?

PENNA

(Estarrecido) Isso eu não sei.
Certamente não é um dos clássicos.
Minha intuição me diz que é algum
tóxico desconhecido, porque nunca
vi nada semelhante. Vou abrir os
corpos para ver se encontro algo
mais aqui.

15- INT./NOITE - INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Nas mãos de Penna-Monteiro um coração enrugado, encolhido e de cor negra.

16- EXT./NOITE - FUNDOS DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Machado dentro do rabecão do instituto está de partida do IML com os corpos na traseira. Penna-Monteiro do lado de fora se despede do amigo. Após a partida, Penna está com um botão do fardão que surrupiou de recordação girando entre os dedos.

MACHADO

Nos falamos depois, agora preciso
levá-los de volta ao São João
Batista antes que amanheça.

17- INT./DIA - DELEGACIA DE POLÍCIA

O General Floresta concede uma coletiva de imprensa. Machado apenas observa a cena encostado na parede, embabacado com o discurso de Floresta.

FLORESTA

Já tomei as devidas providências,
senhores. O comissário Machado
Machado junto ao Doutor Gilberto de
Penna-Monteiro, sob meu comando,
irão investigar o caso, já que não
sou homem de acreditar em
coincidências.

18- INT./DIA - RESTAURANTE LAMAS

Todos no restaurante Lamas estão com jornais abertos e em rodas burburando sobre a notícia dos jornais. Machado, em uma das mesas, tomando um cafezinho, conversa com o divertido Garçon Bodoque.

BODOQUE

Então comissário? (*Fazendo sinal com
as mãos simulando um chapéu*) Alguma
novidade sobre os Crimes do Penacho.

MACHADO

Bodoque, você sabe muito mais
que eu sobre as novidades.

BODOQUE

Pode ser, comissário, mas nesse caso
estou boiando. Vou sentir falta do
senador. Vinha muito aqui. Gostava
de dar boas gorjetas.

MACHADO

E o Doutor Aloysio Varejeira?
Também vinha?

BODOQUE

Quem? O Vavá Boca de Esgoto?

MACHADO

(Disfarçando o riso)
Bodoque, respeite os mortos.

BODOQUE

A morte só pode lhe ter melhorado
o hálito. O sopro daquele homem
derrubava urubu no vôo. Mas ele
vinha menos. Era o homem mais
unha-de-fome que conheci. Não comia
ovo pra não jogar a casca fora.
Gorjetas nem pensar.

MACHADO

Por acaso viu os dois juntos
alguma vez?

BODOQUE

Nunca. O senador Belizário quando
vinha era acompanhado por lindas
mulheres. *(Sussurrando)* Volta e meia
aparecia com aquela artista de teatro,
Monique Margot. Que monumento, seu
delegado. Quando ela chegava, os
garçons aqui derrubavam a bandeja
e tudo. Aliás, estiveram aqui dois
dias antes dele morrer. Chamou a
atenção porque tiveram uma discussão
feia. Falavam baixinho, disfarçando.
Mas eu notei que ele estava tiririca e

BODOQUE(cont.)
a coisa quase descambou num forrobodó.

MACHADO
Você não ouviu do que se tratava?

BODOQUE
Bem que tentei, mas eles sempre se
calavam quando chegava perto.

Machado pondo um dinheirinho sobre a mesa e já se levantando, se despede.

MACHADO
Qualquer novidade, já sabe.

19- INT./NOITE - TEATRO SÃO JOSÉ

Machado, ao fundo da platéia, observa que as cortinas já estão fechadas e as últimas pessoas deixam o local.

20- INT./NOITE - CAMARIM DO TEATRO SÃO JOSÉ

Machado bate na porta do Camarim.

MONIQUE
(*Grita lá de dentro*) Um moment!

Machado estranha, mas vai entrando.

21- INT./NOITE - CAMARIM DO TEATRO SÃO JOSÉ

Monique está de costas semi-nua diante de um grande espelho, pondo um quimono. Machado se espanta ao ver a bela mulher ir se virando.

MACHADO
Perdão! Pensei que fosse para entrar.

MONIQUE
(*Apontando para o sofá do camarim*)
Já que entrou sente-se.
O senhor deseja?

MACHADO

Meu nome é Machado. Sou comissário de Polícia, e gostaria de...

MONIQUE

(*Cortando rispidamente e terminando de por seu quimono, deixando um decote aparente*) Se veio fiscalizar, vou lhe avisando que minha carteira foi registrada. Ou vai exigir que eu faça algum exame de saúde?

MACHADO

Mademoiselle, tenho o maior respeito pelo seu trabalho. Estou apenas investigando a morte de dois acadêmicos.

MONIQUE

(*Rindo e sentando-se ao lado de Machado, que abaixa a vista para o decote*) *Mona mi*, só seria possível eu matar alguém do coração, durante meu número.

Machado levanta-se, tentando concentrar-se, ascende seu cigarro.

MACHADO

É que a senhora foi uma das últimas pessoas a ter uma conversa *tête-à-tête* com uma das vítimas, Belizário Bezerra.

MONIQUE

(*Gargalhando*) *Mon chéri*, era impossível ter uma conversa *tête-à-tête* com ele. O máximo que se conseguia era ter uma conversa coxa-a-coxa.

MACHADO

Eu pediria que a senhora...

Monique levanta-se e se achega juntinho de Machado

MONIQUE

Antes de mais nada, prefiro que me chame de você apenas. Temos intimidade suficiente. Afinal, você me viu *toute nue*.

Machado ascende outro cigarro na ponta do primeiro.

MACHADO

Está certo. Será que você poderia me dizer do que se tratava? Soube que foi mais uma discussão do que uma conversa.

MONIQUE

Bobagem. Uma briga vulgar envolvendo Amor e dinheiro. Ele queria mais amor, e eu mais dinheiro.

MACHADO

Você notou alguma diferença no seu comportamento? Ele falou de algum receio, de algum medo?

MONIQUE

Você já viu "colonel" (*misturando as duas línguas*) pernambucano demonstrar medo? A única coisa que sei, é que ele reclamou de um guarda-costas que devia ter vindo do Recife e ainda não tinha aparecido. Estava nervoso e inseguro. Queria que o capanga chegasse antes da posse. Ficou furioso por isso e quis descontar em mim.

Machado aquiesce positivamente com a cabeça, lhe entrega um cartão. Monique novamente se achega nele.

MONIQUE

Tem preferência, de dia ou de noite?

Machado solta o cigarro e cai no sofá beijando ardentemente Monique.

22- INT./NOITE - CAMARIM DO TEATRO SÃO JOSÉ

Machado e Monique estão se amando no sofá, sem roupas aparentemente, quando ouve-se alguém do lado de fora do camarim aos berros.

HOMEM

(*Desespero*) Dona Monique! Está
pegando fogo aí dentro? Estou
sentindo um cheiro de fumaça!

Monique e Machado interrompem o beijo e olham assustados o carpete pegando fogo com o cigarro de Machado.

23- INT./NOITE - QUARTO DO APARTAMENTO DE MACHADO

O apartamento de Machado Machado é um quarto, sala e cozinha. Pequeno e aconchegante. Machado, adormecido, está em sua cama de casal meio sentado, meio deitado, apenas com o abajur ligado na mesa de cabeceira, com o livro de Belizário Bezerra nas mãos, "Assassinatos na Academia Brasileira de Letras". Dois toques na porta são ouvidos. Ele acorda, atira longe o livro, fazendo cara de desprezo, e se levanta tranqüilamente.

24- INT./NOITE - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado abre a porta e não vê ninguém. Ouve passos descendo rápido as escadas. Encontra apenas um envelope. (Plano Detalhe do envelope) Abre-o e vê letras recortadas de revistas compondo os dizeres "Brás Duarte", com um pássaro encimando os dizeres na letra "D". Machado corre com o papel na mão, abre a janela e olha.

25- EXT./NOITE - APARTAMENTO DE MACHADO

Vê-se pela janela um vulto alto e cabisbaixo, de chapéu e sobretudo preto corre na escuridão da noite, se perdendo ao longe.

26- EXT./NOITE - CASA DE PENNA-MONTEIRO

É uma mansão. Repleta de móveis luxuosos. Penna-Monteiro está recebendo Machado, que acaba de chegar, com o envelope na mão. Eles estão na porta do casarão.

PENNA

O que houve Corujinha? Trocou o emprego de polícia pelo de carteiro noturno, ou está só justificando o apelido?

MACHADO

(Entregando a mensagem) Sei que é tarde, mas não ia dormir sem que você visse isso.

27- INT.NOITE - BIBLIOTECA DA CASA DE PENNA-MONTEIRO

Biblioteca grande, prateleiras cheias, uma mesa tipo escritório com três cadeiras. Ainda há duas poltronas confortáveis. Penna-Monteiro e Machado, exaustos, estão sentados na mesa da biblioteca, com diversos livros espalhados, calhamaços e artigos amarelados.

PENNA

Você conhece algum Brás Duarte?

MACHADO

Nem Brás, nem Duarte. *(Apontando o papel nas mãos de Penna-Monteiro)* Tem mais, odeio aves desde que tive um vizinho que criava uma araponga.

PENNA

Será que algum imortal escreveu sobre ornitologia?

MACHADO

(Já animadinho) Não sei, mas pelo menos é uma idéia. Vou amanhã mesmo ao Petit Trianon.

PENNA

Seja paciente Machadinho. O melhor é ir na quinta-feira, quando o chá das cinco é mais concorrido. É nesse dia da semana que acontecem as reuniões regulares e as eleições.

MACHADO

Tens razão. Aliás, preciso mesmo ir antes ao Copacabana Palace para ver se alguém tem notícias do guarda-costas.

PENNA

(*Curioso*) Que guarda-costas?

MACHADO

Um capanga que era esperado aqui no Rio e sumiu. Parece que o Belizário estava muito chateado com isso. (Se gabando misterioso) Tenho fontes no mundo teatral!

PENNA

Sei muito bem o tipo de fontes... Seria bom, também, investigar mais a vida do outro morto, Aloysio Varejeira.

MACHADO

Já pensei nisso e conto com sua ajuda para dividir os trabalhos. Vê se descobre alguma coisa sobre esse advogado amanhã no Tribunal de Júri. (*Dando um tapinha nas costas do amigo*) Afinal, o Floresta pôs você a minha disposição. Vou ao Copacabana Palace!

PENNA

Que tal trocarmos de tarefa?

MACHADO

Nunca! Você conhece mais juristas do que eu, pobre mortal. (*Brincalhão em tom de tragédia, já se levantando*) Vou ter que me entediar no cassino do hotel. Como dizia meu ídolo

MACHADO(cont.)

Machado de Assis, "a vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente".

28- EXT./DIA - TRIBUNAL DE JÚRI

Na entrada do Tribunal de Júri, Penna-Monteiro está de pé, de braços cruzados, encostado na muretinha, quando se move em direção a Rodrigo Dantas, de terno, saindo do tribunal.

PENNA

Mestre Rodrigo, posso roubar um pouco do seu tempo?

RODRIGO DANTAS

(*Indica por cima dos ombros o prédio do tribunal logo atrás*) Meu filho, roubar não é um termo muito apropriado para se usar aqui. Imagino que se trate dos crimes que você está investigando. Pode falar a vontade. Mas vamos andando, estou morrendo de sede.

PENNA

Nós estamos quebrando a cabeça pra descobrir o motivo dos assassinatos. Acho que ninguém melhor que o senhor para traçar o perfil de uma das vítimas. Tem idéia de quem desejaria a morte do Doutor Aloysio Varejeira?

RODRIGO DANTAS

Praticamente todos que já estiveram no raio de uma légua do seu mau hálito.

Os dois estão entrando num boteco aberto para a rua enquanto Penna-Monteiro ri do comentário.

29 - INT./DIA - BOTEÇO PRÓXIMO AO TRIBUNAL DE JÚRI

O boteco é bem simples. É aberto para a rua. Alguns homens bebem cerveja e conversam. Penna-Monteiro e Rodrigo Dantas, sem parar de conversar encostam no balcão. Rodrigo faz sinal pedindo uma cerveja que logo chega.

PENNA

(Sorrindo) Mas, além desse atributo duvidoso, o que mais pode me dizer a respeito dele?

RODRIGO DANTAS

Nada de muito bom. Era um sujeito miserável, daqueles que não jogam peteca pra não abrir a mão. Sei que ele entrou para a Academia chantageando um dos membros mais influentes da Casa. Os protegidos desse homem são sempre eleitos. Basta que ele anuncie seu apoio pra que o indicado seja candidato único.

PENNA

Mas quem é esse todo poderoso?

RODRIGO DANTAS

Olha, meu filho, vou lhe dizer porque eu era muito amigo de seu pai, meus dois filhos nasceram nas mãos dele, mas, apesar de saber com certeza, não tenho provas concretas. Por isso seja discreto, veja lá o que vai fazer.

PENNA

Nunca trairia sua confiança, doutor Rodrigo. Ainda me lembro dos bonequinhos que o senhor me dava quando eu era garoto. Pode ficar tranqüilo.

RODRIGO DANTAS

(Fala em segredo) O nome do acadêmico é Lauriano Lamaison. É um mistério para mim também. Mas Aloysio era advogado do Barão Lamaison, sem

RODRIGO DANTAS(cont.)

querer pode ter descoberto algo terrível. Varejeira não tinha ética nem escrúpulos, deve ter se aproveitado de alguma patifaria que descobriu pra encurralar o cliente.

PENNA

Sei que Lamaison é um homem muito poderoso, dono de quase todos os jornais e revistas influentes da capital e dizem que tem um dossiê nefasto sobre qualquer um que cruzar o seu caminho. Estranho. Mas não me recordo de nenhum livro que tenha escrito. Como entrou para a Academia?

RODRIGO DANTAS

Escreveu apenas um livro.
(*Irônico*) Às vezes basta um.

PENNA

Romance?

RODRIGO DANTAS

Quem dera. Ele escreveu foi um tratado de ornitologia sobre pássaros brasileiros. (*Ironizando*) O título é muito original: "Tratado ornitológico sobre a fauna alada do Brasil".

PENNA

Ele entende de pássaros?

RODRIGO DANTAS

Se abutre for passarinho... O velhaco entende mesmo é de carniça.

PENNA

Brás Duarte. Conhece alguém com este nome ou algum pássaro?

RODRIGO DANTAS

Não. Nunca ouvi falar. Agora, se me dá licença, preciso ir. Tenho que cuidar de um caso grave. Cuide-se meu rapaz, e lembre-se, informação

RODRIGO DANTAS(cont.)
 é poder.(*Deixa um dinheiro
 sobre o balcão*).

30 - INT./NOITE - DELEGACIA DE POLÍCIA

Machado está sentado em sua mesa na delegacia de polícia com uma pilha de papéis, uma máquina de escrever velha, uma latinha que serve de cinzeiro lotada e ao telefone com Penna-Monteiro. A mesa não é em ambiente especial. Vê-se apenas Machado, mas ouve-se a conversa entre os dois.

MACHADO
 Então Gilberto?
 Valeu a pena ir ao Tribunal?

PENNA(OFF)
 Valeu e muito Machadinho. Mais do
 que eu esperava. Você nem imagina
 o que descobri.

MACHADO
 Vai contar ou não vai?

PENNA(OFF)
 Dou uma bala se você adivinhar
 como foi que Varejeira entrou
 pra Academia.

MACHADO
 (*Impaciente*) Eu lhe dou outra, só
 que de outro tipo, se você não
 contar logo.

31 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

O envenenador assassino, vestido todo de preto, prepara novas porções num grande caldeirão. O ambiente é escuro e macabro, iluminado com velas negras. Ele está sussurrando cantigas ininteligíveis, e de repente profere as palavras "*Veneficorum Secta. Lascive factum*, Brás Duarte! Houve outra logo depois!". Páginas de revistas recortadas são vistas no local e junto está uma bíblia negra e um aparato de destilação.

32 - INT./NOITE - DELEGACIA DE POLÍCIA/SALA CASA DE PENNA

(CONTINUAÇÃO DA 30)

Penna está em sua casa, sentado de pernas cruzadas em uma poltrona. Machado está sentado e com os pés sobre a mesa da delegacia.

MACHADO

Isso coloca o Lauriano Lamaison
como suspeito.

PENNA

Pode ser, mas, conhecendo a reputação
do Aloysio Varejeira, duvido que
ele não tenha tomado precauções.
Sabia muito bem que desafiar o Barão
Amarelo era correr risco de vida.

MACHADO

(lembra-se subitamente do fato) Não
andaram dizendo por aí que era comum
ver o Rolls-Royce prateado da Manuela
Pontes-Craveiro estacionado nos
jardins da casa de campo do Lamaison
em Petrópolis?

PENNA

A mulher do embaixador?
Aquela mulher maravilhosa?

MACHADO

Não se esqueça do poder do Lauriano.
O poder é sedutor. Você e eu temos
a mesma idade, no entanto eu fascino
muito mais as mulheres.

PENNA

(Gargalha) Talvez, mas sou muito
mais bem conservado.

MACHADO

Pudera, lidando o dia inteiro com
formol! De toda forma, é uma pista
a seguir. Os jornais do Lamaison
abafariam qualquer boato, mas o
Varejeira podia conhecer algum

MACHADO(cont.)
detalhe sórdido desse romance.
Seria um escândalo.

PENNA
A mansão dele, em Petrópolis, fica
perto da casa de meus pais. Vou
falar com nosso caseiro, o seu
Arlindo. Trabalha pra gente há trinta
anos. É capaz de ter ouvido essa
história. Você sabe que em cidade
pequena todos os caseiros se conhecem.

MACHADO
Boa idéia. Agora preciso desligar.
Vou pra casa tentar descansar, amanhã
vou ao Copacabana Palace.

PENNA
Ah, antes que eu me esqueça. Você
conhece a obra que levou Lauriano
Lamaison à Academia?

MACHADO
Nem sabia que ele tinha livro
publicado? Que livro?

PENNA
Um tratado sobre os pássaros do
Brasil. Que tal? Um canalha daqueles
escrevendo um livro bucólico...

MACHADO
Nunca se sabe. (*Eloqüente*) "O vício
é muitas vezes o estrume da virtude",
já dizia Machado de Assis.

33 - INT./DIA - SAGUÃO DO COPACABANA PALACE

Uma senhora, já idosa, separa um bolinho de notas de dinheiro e coloca na mão do boy do hotel (Fabinho), que agradece educadamente, guardando no bolso sem verificar o valor. Quando Fabinho se vira, dá de cara com Machado Machado, que carrega de baixo do braço um pacote que contém uma caixa de charutos.

FABINHO

(Susto) Excelência, mas que prazer!
É uma honra encontrar aqui, no meu
novo local de trabalho, a mente
dedutiva mais afiada da polícia.

MACHADO

Minha mente dedutiva está mais afiada
do que nunca. Quer ver? Aquela
hóspede lhe deu uma gorda gorjeta
por algum problema que você e seu
jeitinho resolveram pra ela.

FABINHO

Errou, Excelência. Não é gorjeta,
é comissão.

Machado ri admirado pelo jeitão de Fabinho. Fabinho se aproxima
mais de Machado e lhe puxa para um canto.

FABINHO

Posso ser útil, Excelência?

MACHADO

Como sempre. Sabe que estou
investigando a morte dos acadêmicos?

FABINHO

Sei. Os Crimes do Penacho.

MACHADO

(Concluindo) O nome pegou mesmo.
Bem, agradeço tudo o que puder me
dizer Sobre Belizário Bezerra.

FABINHO

Ah, Excelência. Uma perda muita
sentida no hotel. "Quem melhor nos
gratifica, por menor tempo fica."

MACHADO

Além de ficar de olho nas suas
gorjetas, notou se ele andava
preocupado?

FABINHO

Não diria preocupado, mas volta e meia perguntava na portaria por uma pessoa que ia chegar de Pernambuco.

MACHADO

Sei... (*Em tom mais baixo*)
Era mulherengo?

FABINHO

E como! Casanova perto dele era broxa. Sabe a Madame Pontes-Craveiro?
A Dona Manuela?

MACHADO

A embaixatriz foi amante do Bezerra?

FABINHO

Uma das muitas. Ele lhe deu até um rubi que usa preso no umbigo.

MACHADO

E o marido?

FABINHO

Manso. Ela inventou que achou a pedra quando passeava pelo Jardim Botânico.

MACHADO

Mesmo os mais mansos têm seu dia de revolta. Que eu saiba, o embaixador está com setenta anos mas é de um gênio terrível.

FABINHO

Pode ser, Excelência, mas o embaixador vivia paparicando o senador depois que ele foi eleito imortal. Parece que pretende entrar pra Academia.

MACHADO

O embaixador Pontes-Craveiro quer entrar pra Academia?

FABINHO

Quer sim, Excelência. (*Filosofando*)
 "A vaidade amansa o mais bravio dos
 cornos. "Já imaginou, Excelência,
 aquela mulher linda, nua, só com
 um rubi no umbigo?

MACHADO

Prefiro nem imaginar! Mas, será
 que ela chegou a cativar outros
 acadêmicos?

FABINHO

Que eu saiba não, Excelência. Mas
 o embaixador sabe agradá-los. Cansei
 de levar presentes caríssimos lá
 no Petit Trianon.

MACHADO

Pra quem?

FABINHO

Pra todos. O que mais me impressionou
 foi uma cigarreira de ouro que ele
 deu pro doutor Aloysio Varejeira
 dias antes dele ser assassinado. Eu
 sempre finjo que o embrulho rasgou
 no bonde pra ver o que tem dentro.
 (*Sorriso malandro*).

MACHADO

Só mais uma coisa. Já ouviu falar
 num tal de Brás Duarte? Algum
 hóspede, talvez?

FABINHO

Brás Duarte? Nunca. Não Excelência.
 (*Debochando*) E uma nome desses eu
 jamais me esqueceria.

Machado dá um tapinha nas costas de Fabinho agradecendo e lhe
 entrega a caixa de charutos que estava abaixo do braço.

FABINHO

Que isso Excelência! Não carece.
 (*Se aproxima e em tom de segredo*)
 Acho que o Max Muchenot, um francês

FABINHO(cont.)
 que é crupiê-chefe ali no cassino,
 pode lhe dar mais informações sobre
 o doutor Bezerra. Uma noite dessas,
 quando eu estava indo para casa,
 vi os dois conversando dentro do
 carro do senador. De longe, parecia
 que estavam discutindo.

34 - INT./DIA - CASSINO DO COPACABANA PALACE

A jogatina come solta no Cassino. Não está lotado, mas também não está vazio. Machado se aproxima de um crupiê, faz menção de quem pergunta algo, o rapaz aponta, Machado agradece e sai.

35 - INT./DIA - CASSINO DO COPACABANA PALACE

Max Muchenot, vestido de smoking, comanda a roleta do cassino. Na mesa estão algumas senhoras e um outro crupiê ajudando com as fichas. Machado aproxima-se e mostra a carteira de identificação.

MACHADO
 Gostaria de lhe fazer algumas
 perguntas.

Max, sem responder, passa o rodo de recolher fichas ao crupiê ao lado. Em seguida puxa um cigarro, oferece, e acende. Machado também acende um de seus cigarros Cairo. Os dois estão sentando numa mesa ao lado. Max senta-se à cavalo.

MAX
(Irônico e soltando fumaça) Então,
commissaire? Acha que sou o
 assassino dos escritores?

MACHADO
 Você foi visto discutindo com
 Belizário Bezerra no carro dele.

MAX
(Surpreendido) Quem lhe disse isso?

MACHADO
 Qual era a discussão?

MAX

Commissaire, discutir é um pouco forte. Inclusive porque o senador Belizário Bezerra era um dos homens mais influentes do país e hóspede do Hotel. Eu sou um humilde empregado. Só pedi com educação que se afastasse da mulher que eu amo. E ele riu na minha cara. Na hora fiquei, como se diz... *déboussolé*.

MACHADO

(Procurando decifrar a tradução)
Sei. Desbussolado. Desnorteadado. Não sabia que os franceses podiam ser tão ciumentos. Quem é ela?

MAX

Uma moça da minha terra que eu conheci no cassino de Deauville e que reencontrei aqui, por acaso. *(Lamentação)* Agora ela me despreza. Uma atriz. Quando digo atriz estou sendo gentil. O senhor deve conhecê-la de nome. Monique Margot.

Machado se engasga feio com a fumaça de seu próprio cigarro e tosse, quando houve o nome de Monique Margot.

MACHADO

(Se recuperando) Você e Belizário nunca se encontraram fora do hotel?

MAX

Claro que sim. Às vezes, nas quintas-feiras, no chá da Academia Brasileira de Letras.

MACHADO

Na Academia? O que é que você vai fazer na Academia?

MAX

O senhor não sabe? Pensei que estivesse me procurando por causa disso. Eu trabalhava lá nas minhas folgas aqui. *(Deboche)* Eles adoravam

MAX(cont.)
ter um legítimo *major* parisiense
servindo o chá. Sonhavam estar
na França.

MACHADO
Você disse que trabalhava no
Petit Trianon?

MAX
(*Após uma pausa*) Vou parecer
suspeito, mas é melhor dizer logo.
Fui despedido por causa do Aloysio
Varejeira. Aquele *canaille*!

MACHADO
O que aconteceu?

MAX
Ele me acusou de ter roubado sua
cigarreira de ouro. Fui posto na
rua na mesma hora!

MACHADO
Uma injustiça dessas me deixaria
com vontade de matar.

MAX
Que injustiça? Eu roubei mesmo.

MACHADO
(*Espantado*) Roubou?

MAX
Claro! Um homem tão avarento não
podia apreciar uma obra de artes
como aquela. Mas devolvi depois.
Acredita que mesmo assim me mandaram
embora? O único que queria me dar
uma segunda chance foi Euzébio
Fernandes. Homem muito bom.
Não adiantou.

MACHADO
(*Fazendo algumas anotações num
caderninho de bolso*) Obrigado pelo
seu tempo. Só lhe peço que não se

MACHADO(cont.)
afaste do Rio, porque é provável
que voltemos a conversar.

MAX
Com prazer, *commissaire*, mas pode
ter certeza de que não tenho nada
a ver com esses crimes. O veneno
é a arma dos covardes.

36 - EXT./DIA - FRENTE DO COPACABANA PALACE

Machado Machado, fumando seu cigarro Cairo, está na beira da rua, esperando um táxi. Uma limusine chega e estaciona. Machado se volta para a entrada do hotel e vê Manuela Pontes-Craveiro, linda, de longo vestido verde de cetim, com um corte perfeito que deixa apenas ver o rubi em seu umbigo, se aproximando. Machado corre e abre a porta do carro fazendo uma reverência exagerada com o chapéu palheta.

MANUELA
Valha-me Deus! O D'Artagnan
dos trópicos!

MACHADO
Na verdade, madame, preciso lhe fazer
algumas perguntas sobre o caso que
estou investigando. Sou o comissário
Machado Machado.

MANUELA
Não precisa repetir.

MACHADO
(*Insatisfeito*) Não repeti, madame.
É assim mesmo. Nome: Machado.
Sobrenome: Machado. Culpa do meu
pai, Rubino Machado, que idolatrava
Machado de Assis, e quis fazer uma
homenagem com meu nome. Daí Machado,
Machado.

MANUELA
(*Rindo da gafe e entrando no carro*)
Perdão, comissário. Vou a uma recepção
na embaixada britânica representando

MANUELA(cont.)
meu marido. O pobrezinho está de
cama. Nunca fui interrogada pela
polícia, estou achando muito
excitante. Se quiser me acompanhar?

37 - INT./DIA - LIMUSINE DOS PONTES-CRAVEIRO

A limusine começa a andar.

MANUELA
(*Falando com o motorista*) Yamamoto,
não temos pressa. Dirija bem devagar.
(*Já voltada para Machado*) É meu
criado de confiança. Conheci no
Japão, quando meu marido foi embaixador
em Tóquio. (*Bem próxima de Machado,*
provocativa) Então? Sou suspeita de
algum crime pavoroso?

MACHADO
(*Sedutor*) A embaixatriz só conseguiria
matar alguém de paixão. Ou levando ao
suicídio algum pobre infeliz por um
amor não correspondido.

MANUELA
Vamos deixar a embaixatriz de lado,
apenas Manuela.

MACHADO
Soube de sua amizade pelo senador
Belizário Bezerra, morto tragicamente.

MANUELA
Trágico? Eu diria cômico. (*Gargalhando*)
Morrer entufado naquela fantasia.

MACHADO
(*Se mantendo sério*) Por acaso já
ouviu falar em Brás Duarte?

MANUELA
Não. E tenho certeza que o Caio
também não.

MACHADO

Sabe de algum motivo que pudesse
levar ao assassinato do senador?

MANUELA

Sei. Um motivo sério. (*Colando o
rosto em Machado*) Belizário era
péssimo amante. Eu adoraria saber
se você corre risco de vida pela
mesma razão.

Machado deixa de lado o interrogatório e os dois começam a se
beijar ardentemente.

38 - EXT./DIA - EM FRENTE À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Machado está fora da limusine, se despedindo com um aceno de
Manuela, pela janela entreaberta do carro.

39 - INT./DIA - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Machado acaba de entrar na Academia, tira seu chapéu e o segura
em uma das mãos. Machado é agradavelmente recebido pelo Acadêmico
Leonardo Feijó, que está vestido elegantemente com um sóbrio
terno preto com um colete de brocado lilás. Os dois caminham pela
extensão da Academia enquanto conversam. Durante a caminhada
Machado e Leonardo Feijó cruzam com alguns Acadêmicos conversando
em rodinhas e tomando chá. O cumprimento é apenas através de
movimentos com a cabeça, quando há.

LEONARDO

Ora, viva! Então temos Sherlock
Holmes no Petit Trianon! Conceda-me
o privilégio de atuar como doutor
Watson.

MACHADO

Quem dera o verdadeiro Sherlock
tivesse tido um Watson tão talentoso.
Seu trabalho sobre o "Crime da Mala"
é um dos meus livros de cabeceira.

LEONARDO

Bondade sua, e que sorte nos calhar
um policial que sabe ler. (*Pausa,*
em seguida corrige a gafe) Digo,
que gosta de ler.

MACHADO

Sou obrigado a confessar o vício.
Leio tudo que cai em minhas mãos,
desde o patrono desta Casa as
aventuras de Bolão e Azeitona
na revista O Tico-Tico.

Os dois estão passando pelo Salão Francês, onde há poucos
acadêmicos, sentados tomando chá.

LEONARDO

Vamos nos sentar, comissário.

40- INT./DIA - SALÃO FRANCÊS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Machado e Leonardo estão sentados a sós em uma mesa. N sala há
alguns acadêmicos apenas sentados e conversando. Durante a
conversa um mordomo serve chá aos dois sem que o papo se
interrompa.

MACHADO

Na verdade, vim atrás dos doutores
Euzébio Fernandes e Lauriano Lamaison.
Mas não os vejo por aqui.

LEONARDO

De fato ambos não estão. Euzébio
ficou muito abalado com a morte de
seu conterrâneo Belizário Bezerra.
Quase não sai de casa. O coitado
fez um esforço danado para eleger
o amigo, e deu no que deu. Longe
de mim falar mal de um colega, mas
ali haviam conveniências que iam
muito além da literatura.

MACHADO

Quer dizer que o interesse de
Euzébio Fernandes nesse pleito
ia além da literatura?

LEONARDO

Claro! O pobre do Euzébio anda à míngua. Mesmo sendo viúvo, seu dinheiro mal dá para o sustento dele e da filha. O Belizário prometeu-lhe um cargo como representante de Pernambuco, aqui no Rio.

MACHADO

Daí o empenho.

LEONARDO

Não me entenda mal. Euzébio é uma unanimidade na Academia. Todos gostam dele, como poeta e como pessoa. A verdade é que, apesar do prestígio e poder político do Bezerra, se não fosse a cabala do Euzébio, ele não se elegeria. Provavelmente ainda estaria vivo

MACHADO

O senhor está sugerindo que o assassinato tem a ver com a Academia?

LEONARDO

Não estou sugerindo nada comissário. Só estou pensando em voz alta.

MACHADO

E quanto ao Lauriano Lamaison?

LEONARDO

Está em São Paulo, cuidando de negócios, sabe-se lá de que tipo. Viajou logo após os enterros.

Machado retira rapidamente do bolso o bilhete deixado pelo assassino, contendo a mensagem "Brás Duarte" com um pássaro sobre as letras e mostra a Leonardo Feijó.

MACHADO

Mais uma coisa. Conhece "Brás Duarte", sabe o que é isso?

LEONARDO

Não faço a menor idéia. Nunca ouvi
Falar em Brás Duarte e nem sei que
passarinho é esse.

MACHADO

Por isso procuro por Lauriano Lamaison.
Consta que entrou para a Academia com
um livro sobre pássaros.

LEONARDO

(Baixando o tom de voz) Essa aí é
a versão oficial, mas o que se
comenta nos bastidores é que o autor
de "Tratado ornitológico sobre a
fauna alada do Brasil" é um escritor
de aluguel. Dizem que Lauriano não
consegue distinguir um pardal de um
cuco de relógio. Se é por causa do
pássaro que está interessado,
lhe garanto que é tempo perdido.

MACHADO

Não só por isso. É que descobri que,
sem ele, o doutor Aloysio Varejeira
não estaria na Academia. Muito
menos como único candidato.

LEONARDO

Ninguém se atreveria a contrariar
o Barão Amarelo. Aquele chantagista
tem arquivos detalhados contendo os
podres de todo mundo. Até eu que
sempre detestei o Varejeira votei
nele. *(Irônico)* Ainda bem que entrou
por uma porta e saiu pela outra.

MACHADO

Quer dizer que além de ser o único
candidato, a votação foi unânime?

LEONARDO

Não, comissário. Houve uma voz
contrária, um voto em branco que
lavou a nossa alma e matou de
raiva o Lamaison.

MACHADO

(*Irônico*) Quem cometeu esta audácia
de lesa-majestade contra o Barão?

LEONARDO

O padre Ignácio de Villaforte. Mesmo
que Lauriano saiba de qualquer
detalhe escuso sobre a vida do padre,
ele não tem coragem de investir
contra a proteção da batina.

MACHADO

O padre esteve aqui hoje?

LEONARDO

Que nada. Claro que, sendo da Casa,
é ele quem vai rezar a missa do
trigésimo dia. Anda muito atarefado
com os preparativos. Soube que iria
a alfaiataria de Camilo Rapozo
encomendar sua batina para a ocasião.

MACHADO

Vou fazer uma visita ao padre
assim que puder.

LEONARDO

Comissário, desse jeito, visitando
tantos acadêmicos, vou começar a
desconfiar que o senhor é candidato
à Academia.

Os dois riem juntos da piada.

41 - INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

O padre Ignácio de Villaforte já está vestido com sua nova batina, toda cheia de detalhes dourados. Camilo Rapozo está a seu redor ajeitando o tecido. Ignácio a toda apalpada profissional de Camilo Rapozo, dá uma acariciada no alfaiate, que sempre repudia sem jeito. Ora na cabeça, ora nos ombros.

RAPOZO

Sem falsa modéstia, Vossa
Reverendíssima lembra Richelieu
ou Manzarin.

IGNÁCIO

Achas mesmo? O colarinho não está
alto demais, meu caro Gnomo da
tesoura.

RAPOZO

(*Afastando-se*) De modo algum. O
pescoço de Vossa Reverendíssima é
comprido, e o colarinho alto realça
seus traços de fidalgo.

IGNÁCIO

Aonde vais? Não me ajudas a mudar
de roupa? Não sejas pudico. Se estás
com vergonha eu te absolvo.

42 - INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

O padre Ignácio Villaforte já está com sua batina normal, preta e
simples. Camilo Rapozo e Ignácio estão próximos à porta da
alfaiataria.

RAPOZO

Mando entregar amanhã sem falta.
Será que Vossa Reverendíssima poderia
acertar o pagamento agora? (*Sem jeito*)
Estou meio curto de dinheiro.

IGNÁCIO

Meu amado Gnomo, nada me daria mais
prazer! (*Faz uma carícia em Camilo
Rapozo*) Só que eu jamais encomendaria
essas vestimentas caríssimas. Tudo
isso foi feito para a missa solene
dos imortais. Então não sabias? A
conta vai para a Academia e da
Academia vai para o Estado.

Camilo Rapozo está desconsolado com o não pagamento. Ignácio abre
a porta e de supetão vira-se e esfrega a mão na cabeça de Camilo.

IGNÁCIO

É para dar sorte.

Com a outra mão Ignácio dá um envelope para Camilo e sai. Camilo
Rapozo, sozinho, encostando na porta segura o envelope para ler.

43 - INT./ DIA - PLANO DETALHE DO ENVELOPE

Nas mãos de Camilo Rapozo, vê-se manuscrito de um lado do envelope "Um poema para meu adorado Camilo." Camilo gira o envelope na mão e vê-se no verso "De Dorian Gray."

44 - INT./DIA - OFICINA DEDAL DE OURO

Camilo Rapozo abre a porta da alfaiataria e se depara com Machado Machado.

RAPOZO

Desculpe, mas o senhor não é o famoso comissário Machado Machado?

MACHADO

Sou tão pouco famoso que nem sei como o senhor me reconheceu.

Camilo acena para Machado entrar na alfaiataria. Machado vai dando uma olhada no espaço.

RAPOZO

Não seja modesto, comissário. Por causa dos Crimes do Penacho, o senhor apareceu em todos os jornais. A propósito, não tome como ofensa, mas a alguém tão bem apessoado calhava um traje melhor. Quando via sua foto com esse terno, pensei que o meu jornal é que estava amarrotado.

MACHADO

(Rindo e se ajeitando) Meu salário de policial não permite que me vista no grande Camilo Rapozo. Também não se ofenda. Estou me referindo ao seu talento.

RAPOZO

Então me permita a cortesia de lhe oferecer meus préstimos.

Camilo Rapozo empolgado e ligeiro abre uma gaveta ao lado e retira um tecido azul-marinho. Machado tenta evitar, se esquivar, mas Camilo puxa o banquinho, sobe e já começa a medir jogando o tecido sobre Machado e marcando com sua longa unha.

MACHADO

Seu Rapozo, não posso aceitar, não
tenho condições de retribuir
tamanha gentileza.

RAPOZO

Um tropical inglês azul-marinho vai
lhe cair muito bem. Nem muito claro
nem muito escuro. Serve para qualquer
hora do dia ou da noite. Olha que
maravilha! Ainda combina com a
palidez de seu rosto!

MACHADO

Seu Camilo, eu vim aqui pra me
informar sobre os escritores
assassinados, estou no meio de uma
investigação importantíssima. Não vou
ter tempo pra fazer provas de roupa.

RAPOZO

Quem disse que vai precisar de
provas? Com esse corpo de manequim,
garanto que faço o terno sem precisar
de ajuste nenhum. O senhor não
conhece a minha maestria. É fazer
e entregar.

Camilo Rapozo segue medindo, marcando e anotando, sem dar ouvidos. Machado continua meio sem jeito.

MACHADO

O senhor é o famoso alfaiate dos
fardões. Esses seus cliente tão
especiais... É muito difícil
trabalhar com eles?

RAPOZO

De jeito nenhum comissário. São como
crianças grandes. Só me incomoda um
pouco a mania que eles têm de passar
a mão na minha cabeça. Dizem que é

RAPOZO(cont.)

para dar sorte. Uma superstição tola
que na Academia parece que já
virou tradição.

MACHADO

(*Estranhando a mania*) E quanto
aos que morreram?

RAPOZO

Infelizmente sou obrigado a declinar
de fornecer qualquer informação
sobre os falecidos. Espero que o
comissário não se aborreça. Sigilo
profissional entende? Nunca ouvi
nada que pudesse ajudá-lo. Só pequenas
 vaidades de cavalheiros idosos.
Depois, o que se diz em um provador
de alfaiataria é tão secreto quanto
ao que se diz em um confessorário.
(*Orgulhoso e exaltado*) Meu tataravô,
Antônio Gomes Rapozo, nem sob a
tortura da Inquisição revelou qual
eras o tecido das ceroulas do
marquês de Pombal.

MACHADO

(*De supetão*) Por acaso tem algum
cliente chamado Brás Duarte?

RAPOZO

Não, comissário. Nem sei quem é.

MACHADO

O padre Ignácio de Villaforte é
cliente seu?

Camilo Rapozo deixa cair as anotações no susto.

RAPOZO

Quem?

MACHADO

Padre Ignácio de Villaforte, da
Academia. Às vezes assina Dorian
Gray, quando escreve textos picantes
que o clero condenaria. Uma cautela

MACHADO(cont.)
 inútil, pois todos sabem que Dorian
 Gray é ele. (*Riso de leve*)

RAPOZO
 (*Ainda um pouco assustado*) Faço as
 batinas do padre sim. Estou até
 terminando os paramentos que vai
 usar na missa solene em intenção
 dos imortais. Aliás, veja que
 coincidência, o padre esteve aqui
 hoje, provando roupas. Quase que os
 senhores se cruzam. Mas eu nunca
 soube que ele usava pseudônimo.
 Dorian Gray? Nunca ouvi falar.

45 - EXT./NOITE - CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA

No cemitério São João Batista à noite, Pedro Menelau está de joelhos se lamentando e chorando sobre um túmulo. Ele tem uma peixeira na cintura. De repente um vulto esguio, vestido todo de negro e com chapéu encobrindo o rosto, sai detrás de outros túmulos e se aproxima por trás sem ser percebido. Num salto e com um único golpe com um objeto metálico, fino e cortante em uma das mãos, o elemento corta a garganta de Pedro Menelau.

46 - EXT./DIA - CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA

Um pelotão de guardas cerca a área do assassinato. O local está interditado. Entre dois túmulos de lousas abertas está o corpo de Pedro Menelau, ainda meio ajoelhado. O sangue está seco. De costas, levantando-se de um dos túmulos abertos sai Penna-Monteiro, que caminha em direção de Machado, parado um pouco mais ao lado apoiado em um túmulo.

MACHADO
 (*Apontando para o corpo*) Então,
 Gilberto, já sabe quem é?

PENNA
 (*Puxando de seu bolso os documentos
 do defunto e entregando a Machado*)
 Se chama Pedro Menelau. Solteiro,
 de pai desconhecido, nascido em
 Gameleira, Pernambuco. Ao que tudo

PENNA(cont.)

indica, era o capanga que o Belizário Bezerra aguardava. Infelizmente, chegou tarde. Acharam o sujeito assim. Provavelmente foi surpreendido de costas, enquanto rezava pela alma do seu amado coronel.

MACHADO

De costas?

PENNA

Claro. Viu o tamanho dele? Não ia morrer sem reagir e não há nenhum sinal de luta. Pela rigidez do corpo, ele foi atacado por volta da meia-noite.

MACHADO

E essas campas abertas? O que você fazia dentro da sepultura?

PENNA

Guardei o melhor pro final, Machadinho. A morte desse infeliz foi um acidente. Morreu porque estava no lugar errado, na hora errada. O assassino não estava atrás dele. Veio aqui por outro motivo.

MACHADO

(*Impaciente*) Que motivo, homem de Deus!?

PENNA

Veio roubar os fardões dos acadêmicos.

47 - INT./DIA - DELEGACIA DE POLÍCIA

Outros funcionários estão circulando na delegacia olhando de rabo de olho para o inquieto e nervoso Floresta, que anda de um lado para outro sem parar enquanto Machado, com o chapéu palheta nas mãos, o tenta acompanhar com a cabeça.

MACHADO

Calma, general. Assim o senhor vai acabar tendo um troço.

FLORESTA

Calma merda nenhuma. Que explicações eu vou dar a população? E à Academia? Mais um defunto e até agora o senhor não descobriu nada!

MACHADO

Estamos progredindo. Com o auxílio do Doutor Gilberto de Penna-Monteiro...

Floresta pára de andar de um lado pára outro, se voltando em definitivo para Machado, que anda um pouquinho para trás esquivando-se de Floresta e se senta na primeira cadeira que encontra.

FLORESTA

(Cortando rispidamente) Esse é outro! Nem me dá satisfações. Também, a culpa é minha. Como é que eu fui confiar num médico que só trata o paciente depois de morto?!

MACHADO

A culpa não é dele senhor, é dos pacientes...

General Floresta olha com raiva para Machado, e um outro policial interrompe a conversa.

POLICIAL

Com licença, general, dois guardas que faziam a ronda em Botafogo, ontem à noite, prenderam um homem pulando as grades do cemitério. Está na salinha esperando para ser interrogado.

FLORESTA

Ainda bem. Ainda bem. Se eu não cobro ninguém se mexe. *(Sinalizando para Machado)* Anda Machado, vá lá, o que está esperando?

48- INT./DIA - SALA DE INTERROGATÓRIO DA DELEGACIA DE POLÍCIA

Heroíldo Capanema está sentado diante de uma mesa de madeira velha, meio suja de poeira. A sala é bem pequena e a pintura da parede está bem castigada. Ele veste um terno branco, limpo, cabelos bem aparados assim como o fino bigodinho. O suspeito está tranqüilamente sentado comendo com delicadeza uma média com pão e manteiga. Machado entra na sala e o suspeito se levanta para o receber, oferecendo com um gesto o acento na cadeira do outro lado da mesa.

HEROÍLDO

Por favor, sente-se. Estava terminando meu *breakfast*. Os ingleses afirmam ser a principal refeição. Perdão por ter oferecido uma pequena propina ao carcereiro para que providenciasse o desjejum. Espero não ter quebrado o regulamento.

Machado senta-se devagar, espantado. Heroíldo senta-se e limpa com um lenço branco os lábios e as pontas das unhas impecavelmente. Machado está mudo ainda.

HEROÍLDO

Permita-me que me apresente.
Heroíldo Capanema. O que deseja?

MACHADO

O regulamento você quebrou foi na noite de ontem. O que é que estava fazendo no cemitério numa hora daquelas?

HEROÍLDO

Perdão, doutor, sei que estamos vivendo sob estado de sítio mas a Constituição de 1891 me garante o direito de ir e vir.

MACHADO

(*Perplexo e mudo por um instante*)
Não sei se isso inclui ir e vir de um cemitério àquela hora. Estava fazendo o quê?

HEROÍLDO
Exercendo minha profissão.

MACHADO
Que seria?

HEROÍLDO
Arqueólogo contemporâneo.

MACHADO
(*Estalando os dedos, conclusivo*) Sei.
Claro. O famoso ladrão de túmulos.

HEROÍLDO
Pronto. Começou o preconceito. Invadir
tumbas de faraó é ciência. Agora,
fazer o mesmo hoje em dia é roubo.

Machado acende um cigarro Cairo, oferece a Heroíldo Capanema. Ele
nega com cara de nojo e balançando a cabeça.

MACHADO
(*Após uma longa tragada*) Bom, vou
fazer um trato com você. Se me contar
tudo que viu na noite passada, no
São João Batista, deixo você ir
desta vez.

HEROÍLDO
Bem, doutor, devo confessar que não
presenciei nada muito relevante.
Quando cheguei ao sítio das
escavações, o matador já tinha
executado sua tarefa. Por sorte
não me viu. Passou bem rente a mim,
mas as sombras dos anjos me
protegeram. Parecia forte e era mais
alto que eu. Usava chapéu e sobretudo
com a gola para cima. Não quis olhar
muito, com medo de que me visse.
(*Resmungando*) Mas o safado levou
embora os fardões e os espadins dos
acadêmico. Um espólio que era meu.

MACHADO
Seu coisa nenhuma, Vampiro de
Cemitério!

HEROÍLDO

Vampiro? Eu? Sou apenas um negociante
de mercadorias póstumas. Os tempos
estão difíceis. Não está fácil exercer
arqueologia contemporânea. Permaneço
na ativa por amor à arte.

Machado sacode a cabeça pra baixo e pra cima.

(FADE OUT)

49 - EXT./NOITE - EM FRENTE AO SOBRADO DE MONIQUE MARGOT

Machado caminha pela rua, olhando intensamente um pedaço de papel todo amassado na mão, parece procurar um endereço. Ele seguidamente olha para o papel e para as residências. De repente, já bem próximo a ele, Machado percebe uma limusine encostada em frente a um sobrado. Em seguida, percebe Caio Pontes-Craveiro saindo do sobrado por qual Machado quase passava em frente. Machado se encosta na parede do prédio ao lado ao sobrado, abaixa o chapéu palheta e espera Caio entrar no carro e sair na outra direção. Olha novamente o pedaço de papel, olha para o sobrado e vai em sua direção.

50 - INT./NOITE - SOBRADO DE MONIQUE MARGOT

Monique Margot abre a porta de calcinha, sutiã e cinta-liga, sem nenhum constrangimento. Machado entra rapidamente. A sala do apartamento é bem simples, mas tudo é bem arrumado e limpo.

MONIQUE

Quelle surprise! Só aparece aqui
depois e todos esses dias? Não sei
se devo lhe perdoar.

Monique cola seu corpo junto ao de Machado. Machado, rapidamente se descola.

MACHADO

Vim a sua casa porque me disseram no
teatro que hoje não ria trabalhar.

MONIQUE

É verdade. Estava um pouco febril.

Monique faz nova investida e Machado se esquivava novamente.

MACHADO

Por acaso essa febre tem a ver com
a visita do embaixador Caio
Pontes-Craveiro, que acaba de sair?

MONIQUE

(*Irritada*) Você parece o Max. Ele
viveu uma pequena aventura com a
embaixatriz, mas não aceita que eu
tenha um *affaire* com o embaixador.
Caio é um *bom ami*, e não dou
satisfações a ninguém.

MACHADO

(*Bobo*) Manuela com Maximilian
Muchenot? Enfim, um casal unido
pela infidelidade.

MONIQUE

Por quê não?

MACHADO

(*Acendendo um cigarro*) Bom, na
realidade vim aqui por outros
motivos. Você me contou que o
Bezerra esperava um guarda-costas
que vinha de Pernambuco. O homem
veio, chegou e morreu.

MONIQUE

Eu li no jornal.

MACHADO

Queria saber se por acaso ele
procurou você antes de ir ao
cemitério.

MONIQUE

Telefonou.

MACHADO

Telefonou? (*Esbravejando*)
Por que você não disse logo!?

Monique vira-se de costas e sai para sentar num sofá simples, de
dois lugares. Machado a segue.

MONIQUE

Porque você não me perguntou. Depois,
que importância tem? Estava ligando
do cais do porto, procurando o amado
patrão. Primeiro ligou pro hotel e
soube do assassinato. O coitado não
acreditou e chamou meu número, que
Belizário tinha deixado para
qualquer emergência.

Ambos já estão sentados no sofá da sala.

MACHADO

(Acariciando o rosto de Monique)
Não fica zangada, não é falta de
atenção. É que este caso está tomando
todo o meu tempo. *(Tirando um papel
branco do bolso e mostrando a Monique)*
Por acaso sabe o que é isso?

MONIQUE

(Pega o papel da mão de Machado)
Nunca vi. Que passarinho é este?

MACHADO

Era o que eu esperava que você me
respondesse. Quem é Brás Duarte?

Monique se irrita, pega Machado pela camisa e o carrega para fora
do apartamento.

MONIQUE

(Gritando) Pensou o que? Que fosse
um dos meus amantes? Claro! Faz
parte das centenas de homens com
quem vou pra cama! *Adieu commissaire.*
Você está fora!

51 - EXT./NOITE - EM FRENTE AO SOBRADO DE MONIQUE MARGOT

Machado, ainda se ajeitando e alisando a roupa, sai do sobrado.
Um vulto negro, quase imperceptível, o observa, do outro lado da
rua.

52 - EXT./DIA - CAFÉ PAPAGAIO

É fim de tarde. O Café está lotado. Quase todas as mesas cheias. Muitos boêmios, muita conversa. Paletós abertos, roupas afrouxadas. O garçom passa equilibrando a bandeja cheia de cerveja em meio a tanto movimento. Machado e Penna-Monteiro estão sentados a sós em uma mesa, ambos bebem cerveja. Penna tem o jornal "O PAIZ" aberto nas mãos.

PENNA

Leu o jornal hoje Machadinho?

MACHADO

Claro que não. Não tive tempo. Passei o dia todo folheando aquele insosso "Tratado ornitológico sobre a fauna alada do Brasil", do Lauriano Lamaison. Depois percorri a feira do largo do Capim e da praça do Mercado, mostrando aos maiores passarinhos da cidade o desenho daquela ave do bilhete. Não descobri nada.

PENNA

Na coluna social, diz aqui, que o Lamaison oferece amanhã um banquete no Hotel Paineiras em comemoração à escolha da maquete da obra do Cristo Redentor.

Machado arranca o jornal das mãos de Penna-Monteiro e dá uma espiada.

MACHADO

Que bom! Enfim, vou poder ter uma conversa com o famoso Lauriano Lamaison. Desta vez ele não me escapa.

PENNA

Ficou doido Machadinho? (*Apontado para a matéria do jornal*) Não vê que a recepção exige traje de gala? Você, com jeito de poeta maldito, de palheta, com o terno todo esbandalhado e um cotoco desse cigarro fedido no canto da boca?

PENNA(cont.)

(*Imitando um mordomo e engrossando a voz*) Senhoras e senhores, comissário Machado Machado: a polícia em farrapos.

MACHADO

(*Rindo*) Não vou ao banquete. Pego Lamaison no trem do Corcovado.

Penna termina a cerveja com um longo gole e faz sinal pedindo mais uma.

PENNA

Falando em Lamaison, desencavei uma informação inacreditável. Estive ontem em Petrópolis e soube qual é o terrível segredo que permitiu ao Aloysio Varejeira chantagear o poderoso Lauriano Lamaison.

MACHADO

(*Se desencosta da cadeira*) Como é que você conseguiu?

PENNA

Pois é. Aquela estória do carro dos Pontes-Craveiro na casa do Lauriano não era boato.

MACHADO

Então o malandro estava mesmo tendo um caso com a embaixatriz. Mas isso não é razão para chantagem, e sim motivo de orgulho.

PENNA

Mas não é com a Manuela que Lamaison está tendo um caso. É com o motorista Japonês.

Agora é Machado que dá um grande gole na cerveja e pede outra.

PENNA

Ninguém sabe, mas parece que ele é doidinho pelo tal Yamamoto. O japonês só usa o carro escondido, quando a

PENNA(cont.)

Manuela viaja. O caseiro dele contou
pro Arlindo que uma tarde o
Varejeira chegou sem avisar e
surpreendeu os dois. Foi um
escândalo.

MACHADO

Fantástico. Quer dizer que o Aloysio
descobriu essa brecha na fortaleza
do Barão?

PENNA

Por isso é que o todo poderoso Barão
Amarelo, Lauriano Lamaison, homem
mais temido deste país, ficava
indefeso nas mãos daquele chicaneiro.

MACHADO

Ficava, não fica mais. (Pensativo)
Seria motivo pros assassinatos?
Talvez, mas não justifica a morte
dos outros, nem o veneno. Lamaison
deve dispor de métodos menos
complicados. De qualquer forma, é
um bom argumento para puxar assunto
com ele, amanhã, a caminho do
Corcovado.

53 - INT./DIA - ÚLTIMO CARRO DO TREM DO CORCOVADO

Machado Machado percorre os carros do trem do corcovado olhando
para as pessoas. Todas estão vestidas elegantemente e estranham a
presença de Machado andando pelos corredores vestido de maneira
desleixada. No último carro, Machado encontra Lauriano Lamaison,
único ocupante do vagão, sentado e lendo o jornal. Machado se
senta junto à ele sem pedir licença.

LAURIANO

(*Fechando o jornal*) Este vagão é
particular.

MACHADO

(*Mostrando a identificação*) Ótimo.
Então podemos conversar sem sermos
incomodados. Comissário Machado Machado.

LAURIANO

Sei, o encarregado dos Crimes do Penacho. Mesmo sem descobrir nada, meus jornais estão lhe dando cobertura de artista de cinema.

MACHADO

Estou mais preocupado com a sua fama...

LAURIANO

Não sei a que está se referindo.

MACHADO

Acho que sabe, sim. Não há porque se envergonhar da sua paixão pelo motorista oriental da embaixatriz Manuela Pontes-Craveiro. Afinal, o amor é lindo, Barão...

LAURIANO

Eu o aconselho a tomar muito cuidado com as infâmias que disser. Sou amigo do general Floresta. Com um telefonema, arruíno sua carreira.

MACHADO

(*Indiferente*) Que pena... aí vou ter mesmo que virar artista de cinema.

Lauriano Lamaison está muito contrariado e fulminando Machado com os olhos. Machado age com absoluta segurança.

LAURIANO

Muito bem. Desde que o senhor não volte a tocar nessa calúnia, estou pronto a lhe fornecer qualquer ajuda.

MACHADO

Quanto a isso, pode ficar tranqüilo. Sou policial, não alcagüete. As suas Preferências sexuais não me dizem respeito, mas o senhor há de convir que o fato de um homem perigoso como Aloysio Varejeira ter sabido deste Caso põe o senhor na lista de suspeitos.

LAURIANO

Bobagem. Admito que o Varejeira fez pressão para que eu o colocasse na Academia, mas também o fiz por vaidade pessoal. Queria mostrar meu poder àqueles velhinhos decrepitos. Além do mais, Aloysio dependia muito mais de mim do que eu dele. Eu representava a maior parte de seu faturamento como advogado. Não precisaria matar tanta gente só pra me livrar do Varejeira.

Machado concorda com a cabeça.

MACHADO

Havia ligações entre Aloysio Varejeira e o Belizário Bezerra?

LAURIANO

O único elo era o fardão. Se houvesse algum outro certamente eu saberia.

MACHADO

E o padre Ignácio de Villaforte? Por que foi o único a votar em branco?

LAURIANO

(Resmungando enojado) Aquele santarrão? Por nada, por implicância. Pra mostrar que tem independência, escondido atrás da batina.

MACHADO

Hum, sei... Bem, agradeço sua paciência e gentileza. Espero poder contar com a sua ajuda caso seja necessário.

Machado vai se levantando e de repente senta novamente.

MACHADO

(Tirando do bolso e mostrando o papel) O assassino costuma registrar os crimes com esta mensagem. Por acaso, o senhor sabe quem é Brás Duarte?

LAURIANO

(*Após sonora gargalhada*) Se eu sei quem é Brás Duarte? Claro que eu sei! Que idéia genial! Eu sei quem é o assassino, lógico! É tão óbvio!

Lauriano sua muito e ri sem parar, chegando a engasgar com o próprio riso. De repente, o suor parece asfixiar Lamaison, seu rosto vai ficando roxo.

MACHADO

Quem é ele, doutor Lamaison? Por favor diga, quem é! Quem é Brás Duarte? Fala! Quem é o assassino, Lamaison?

Lamaison agonizante e contorcendo-se de dor puxa Machado pela lapela contra seu corpo.

LAURIANO

(*Sussurrando*) Brás Duarte é Olavo Bilac!

Ele continua tentando falar, mas uma golfada de espuma negra sai de sua boca e ele morre nos braços de Machado.

54 - INT./NOITE - INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Penna Monteiro realiza autópsia no corpo de Lauriano Lamaison. Machado está com ele enquanto Penna remexe e observa que a língua do defunto está negra, assim como o coração, que também está enrugado e reduzido.

55 - EXT./NOITE - FRENTE DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Vê-se Machado e Penna-Monteiro saindo do IML conversando e gesticulando. Um vulto escuro os observa, e em seguida corre em direção ao IML enquanto Machado e Penna se afastam do local.

56 - INT./DIA - BONDE

Machado está sentado isolado no bonde. Ele está pensativo e rabisca algumas coisas em um caderninho. Ao final, respira fundo, em sinal de desânimo, guarda as anotações e se levanta para

descer do bonde, exatamente em frente à casa de Euzébio Fernandes, para onde se dirige.

57 - INT./DIA - CASA DE EUZÉBIO FERNADES

A casa é simples e boa, mas está desgastada com o tempo e a falta de cuidados. Paredes e estofados estão velhos. Retirando o chapéu-palheta, Machado acaba de entrar na casa, que apresenta um hall pequeno de entrada que dá para a sala de estar. Galetea, vestida toda de preto, ainda fecha a porta. Os dois trocam olhares.

GALETEA

Muito prazer, comissário. Papai está
à sua espera. Meu nome é Galetea.

MACHADO

Não quero parecer atrevido, mas a sua
beleza eclipsa a da estátua feita
por Pigmalião.

GALETEA

(*Ruborizada*) Não repare que tenha
sido eu a recebê-lo. Minha babá foi
visitar a sobrinha em Vila Isabel.

MACHADO

Babá?

GALETEA

Antiga babá. É força do hábito.
Maria Eugênia cuidou de mim desde
pequena e continua conosco até hoje.

58 - INT./DIA - SALA DE ESTAR DA CASA DE EUZÉBIO FERNADES

Euzébio levanta-se para receber Machado e em seguida deixa-se cair novamente numa larga poltrona. Machado também senta-se. Galetea permanece na sala durante a conversa. A conversa é leve, em tom de amizade.

EUZÉBIO

Que honra receber tão notável figura
no meu humilde parnaso!

MACHADO

O Poeta é que merece todos os louvores.
Sou apenas um funcionário público o
cumprimento do dever.

EUZÉBIO

Não seja modesto. O senhor causou
Excelente impressão ao meu colega
Leonardo Feijó, quando visitou o
Petit Trianon.

MACHADO

Eu gostaria de ter seu imenso
talento de poeta para conseguir
expressar a beleza de sua filha.

EUZÉBIO

(*Suspirando*) Felizmente ela puxou
minha saudosa Quitéria... Mas em
que posso ajudar?

MACHADO

Estou me sentindo frustrado com a
investigação desses crimes. Talvez
nossa conversa me ajude a entender
o que se passa na Academia.

EUZÉBIO

(*Dirigindo-se a Galetea*) Filha, traz
um café para o comissário, por
favor. (*Voltando-se a Machado*) Não
sei se tenho informações que lhe
permitam desenrolar este novelo.

Galetea sai, Machado e ela seguem trocando olhares.

MACHADO

Qualquer coisa...

EUZÉBIO

Bom, um verdadeiro alvoroço tomou
conta do Petit Trianon. É a primeira
vez que surgem três vacâncias ao
mesmo tempo. De certa forma, os
acadêmicos estão na maior felicidade.

MACHADO

Por quê?

EUZÉBIO

Meu caro comissário, o único momento em que dão atenção aos imortais é quando surge uma vaga. Somos tratados como realeza. Hoje mesmo chegaram para mim seis caixas de charutos cubanos, mandadas pelo embaixador Caio Pontes-Craveiro, que nunca olhou na minha cara.

Galetea retorna com três xícaras de café em uma bandeja. Ela entrega ao pai e à Machado, depois pega a sua e senta-se.

EUZÉBIO

Sabe comissário, eu reconheço que foi por interesses extra-literários que batalhei pela eleição do meu conterrâneo Bezerra...

GALETEA

Não acredite nisso, comissário. Meu pai é um homem incorruptível!

EUZÉBIO

Obrigado pela defesa, filhinha, mas a verdade é que eu jamais teria me empenhado na eleição do senador não fosse a promessa de um emprego no governo de Pernambuco. Nem teria votado no Varejeira sem a pressão do Lamaison.

MACHADO

(Admirado) O senhor nada fez de grave. Depois, os assassinatos brutais corrigiram qualquer distorção. Acha que os crimes podem ter sido cometidos por algum escritor frustrado, como é o caso do ultimo livro do senador?

EUZÉBIO

Pode ser, porque, no fundo, todos querem entrar pra Academia. É por pura vaidade, porque não há nenhuma vantagem financeira nisso. Um dos nossos fundadores, meu dileto amigo e compadre Olavo Bilac, dizia que era imortal porque não tinha onde cair morto.

MACHADO

Curioso o senhor ter mencionado o Príncipe dos Poetas. A última frase pronunciada por Lauriano Lamaison, pouco antes de morrer, foi: "Brás Duarte é Olavo Bilac". Já ouviu falar em Brás Duarte?

EUZÉBIO

Nunca ouvi ninguém chamar Olavo de Brás Duarte. O único Brás que conheço é o Brás Cubas de Machado. Será que foi ignorância do Lamaison? Não me espantaria...

MACHADO

Duvido. Ele afirmou com muita convicção. O que me intriga é que reli os poemas e as crônicas de Olavo Bilac, e não encontrei nenhuma referência ao nome Brás Duarte.

Fez-se um silêncio na sala um tempo. Machado, então, levanta-se.

MACHADO

Infelizmente, passou da minha hora.
(*Olhando fixamente para Galetea*)
Foi uma tarde agradabilíssima, mas ainda tenho que passar na chefatura.

EUZÉBIO

(*De pé*) Então nos vemos no domingo, na Candelária?

MACHADO

Domingo?

EUZÉBIO

É, domingo. Acho que você deve comparecer à missa solene em memória dos três mortos, não?

MACHADO

Uma missa só? Pros três?

EUZÉBIO

Claro. Foi o Padre Ignácio que teve a idéia da homenagem tripla. É ele quem vai celebrar a missa. A Academia adorou a idéia, fica mais barato. Galetea e eu estaremos lá. *(Rindo)* No meu caso, espero estar de corpo presente.

MACHADO

Até domingo, então.

EUZÉBIO

Já que falamos em Olavo Bilac, faço questão que você leve uma lembrança daqui.

Euzébio abre a cristaleira da sala e pega várias edições encadernadas e entrega a Machado.

EUZÉBIO

Minhas obras completas e as do Olavo, que estão dedicadas a mim.

MACHADO

(Emocionado) O senhor vai abrir mão destes livros assinados por ele?

EUZÉBIO

Meu querido e recente amigo, Bilac e eu éramos como irmãos. Pouca gente sabe, mas Olavo era padrinho de Galetea. Trago sua memória em minha cabeça.

MACHADO

Não sei o que dizer.

EUZÉBIO
Então não diga nada.

Os dois se abraçam carinhosamente, emocionados.

59 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

O assassino envenenador está em seu ambiente macabro, escurecido, recitando um ritual estranho diante de quatro bonecos de massa em tamanho real, três dos quais vestidos com os fardões dos imortais.

60 - INT./DIA - IGREJA DA CANDELÁRIA

O dia é chuvoso. A igreja está lotada. Pessoas se espremem nos bancos, outras estão em pé nos corredores e no fundo da igreja. Autoridades, artistas, escritores, os Pontes-Craveiro com Yamamoto, entre outros. Os Acadêmicos com seus bicornes emplumados debaixo dos braços e ostentando os espadins estão na primeira fila, e Machado, Galetea e Penna-Monteiro estão sentados mais ao fundo, lado a lado. Algumas mulheres se abanam com seus leques. A cerimônia ainda não começou. Machado observa ao longe um homem alto, vestido com roupa preta surrada aproximar-se de Euzébio Fernandes, na primeira fila, e saudá-lo, e, em seguida, sair por um corredor lateral, sumindo na multidão.

61 - INT./DIA - IGREJA DA CANDELÁRIA

A cerimônia está em andamento, dirigida por Padre Ignácio de Villaforte, vestido com sua nova túnica alva, com a casula roxa e a estola púrpura e prata. Machado passa um bilhete para Galetea, sentada ao seu lado. Ela abre, lê e dá um risinho para Machado. Os dois voltam a acompanhar a missa.

62 - INT./DIA - IGREJA DA CANDELÁRIA

Missa transcorrendo. Todos estão de pé. Padre Ignácio de Villaforte abre o missal e retira dele um papel dobrado que quando lê fica pasmo. Ele começa a sentir asfixia, seu rosto avermelha-se e o suor se intensifica. Ele se contorce e apoia-se na mesa de cerimônia se esforçando para respirar. Machado e Penna-Monteiro chegam a tempo de apagar-lhe nos braços antes de cair morto do altar. Machado pega o papel da mão do padre e lá

está manuscrito (Plano detalhe) "*Brás Duarte, Lascive Factum. Houve outra logo depois.*" O alvoroço na igreja neste momento é enorme, o barulho também.

63 - EXT./DIA - IGREJA DA CANDELÁRIA

Várias pessoas deixam a igreja apressadas e assustadas. Um mendigo sentado na porta pede esmolas. Um homem alto, vestido de longa capa negra, sai serelepe da Igreja em meio a toda a confusão pronunciando repetidamente as palavras "*Lascive Factum!*" e atropela um mendigo, derrubando a caneca de esmolas.

64 - INT./DIA - QUARTO DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado e Galetea estão deitados, semi-cobertos, na cama de Machado. Os dois estão bem relaxados.

MACHADO

Como pode uma mulher como você
estar sozinha até hoje...?

GALETEA

Olha que não me faltam pretendentes...

MACHADO

Quem?

GALETEA

(*Rindo e se achegando*)

Está com ciúmes comissário?

Machado não responde, desconversa.

GALETEA

O mais recente foi Urbano Negromonti.
Um chato! Talvez conheça... É um
escritor frustrado que dá aulas de
história em Campo Grande.

MACHADO

Não, nunca ouvi falar.

GALETEA

Cismou comigo muito mais por seu interesse em entrar para a Academia.

Acha que meu pai pode lhe ajudar na indicação e por isso não desiste.

MACHADO

Por mim basta.

GALETEA

(*Beijando*) Bobo...

MACHADO

Achei que não viria.

GALETEA

Por quê?

MACHADO

Por causa do acontecido de ontem.

(*Reflexivo*) Mais um acadêmico...

Seu pai estava chocado.

GALETEA

Papai já está melhor, pode ficar tranqüilo. Dessas coisas eu entendo.

MACHADO

Como assim?

GALETEA

Não sabe? Sou médica formada! Fiz especialização em neurologia e tudo...

MACHADO

Nossa! Que coisa incomum.

GALETEA

Trabalhava com o professor Antônio Austragésilo até minha mãe adoecer.

Depois fiquei com meu pai e ...

MACHADO

(*Interrompendo espantado*) O fundador da cátedra da Universidade do Rio de Janeiro?

GALETEA
Ele mesmo...

MACHADO
Meu Deus! Como é que não pensei
nisso antes? O Austragésilo é
neurologista, psiquiatra e um dos
homens mais importantes da Academia!
O que é que estou esperando?

GALETEA
(*Estática*) Não sei.

Machado se levanta animado e começa se vestir rapidamente.
Galetea começa a se vestir em seguida. O diálogo prossegue.

MACHADO
E pode ajudar com a frase em latim
da charada. (*Reflexivo*) *Lascive*
factum? Que sentido tem?

GALETEA
Que eu saiba nenhum, mas ele conhece
latim melhor que qualquer um de nós.
Às vezes, latim, pra mim, é grego.

MACHADO
(*Pondo o chapéu palheta e saindo do*
quarto enquanto Galetea ainda se
ajeita) Então, menina? Vamos logo!
Estamos lidando com um maluco. Ele
mata acadêmicos e até a língua que
usa é morta.

65 - INT./DIA - GABINETE DO SANATÓRIO

O gabinete é espaçoso, apresenta algumas prateleiras repletas de livros, uma mesa de escritório em madeira e duas poltronas de couro, além da cadeira da mesa. Antônio Austragésilo veste um elegante terno cinza com colete e uma gravata azul escura. Ele está sentado em sua mesa escrevendo algo. Uma assistente bate à porta e abre.

ASSISTENTE
Doutor, temos visitas...

Galetea e Machado entram no gabinete. Austragésilo sorri e levanta-se para recebê-los. A assistente se retira encostando a porta.

AUSTRAGÉSILO

A que devo a honra desta visita,
após ter sido abandonado?

GALETEA

O senhor sabe muito bem que não se tratou de abandono e que, se quiser, pretendo voltar assim que meu pai estiver mais resignado.

AUSTRAGÉSILO

Estou brincando, claro. Volte quanto puder. Você foi uma das minhas melhores assistentes. Falando nisso, como vai seu pai? Nunca mais apareceu na Academia. Mal o cumprimentei naquela malfadada cerimônia na Candelária. (*Voltando-se para Machado*) Que pandemônio, comissário! Sabe que não consegui recuperar meu espadim?

MACHADO

(*Pondo o bilhete do assassino sobre a mesa*) Por acaso, o senhor conhece Brás Duarte?

AUSTRAGÉSILO

(*Olhando a mensagem nas mãos*)
Nunca ouvi falar. Quem é?

MACHADO

O assassino deixa esse bilhete nos locais do crime.

GALETEA

E essa frase, professor? *Lascive Factum*? Nosso latim não dá pra tanto.

AUSTRAGÉSILO

(*Sentando e examinando*) Por favor, sentem-se também. *Lascive Factum*... Curioso... *Lascive* tem vários significados. O mais óbvio vocês

AUSTRAGÉSILO(cont.)

conhecem, "lascívia". Mas pode ser "brincadeira", "divertimento", ou mesmo, "devassidão". *Factum*, claro, vem de *facio*, "fazer". Só que também é "ato", "obra". Agora, escrito por um psicopata, não sei o que significa.

MACHADO

Talvez esteja querendo dizer que pra ele tudo não passa de um desafio. Por exemplo, o pássaro. Perguntei aos maiores especialistas, e ninguém reconhece. Vai ver não quer dizer nada.

AUSTRAGÉSILO

Pra mim são pistas, comissário. Tudo: o pássaro, o nome e a frase. Pistas evidentes que saltam aos olhos. Só que não conseguimos enxergar. Os crimes são muito bem elaborados, mostram cultura e uma inteligência superior.

MACHADO

Mas, por que é que ele deixa indícios?

AUSTRAGÉSILO

Porque o assassino, na sua esquizofrenia, ao mesmo tempo em que não quer ser pego, quer que o mundo saiba quem ele é. Esse tipo de criminoso sente uma imensa necessidade de reconhecimento. Enquanto não é descoberto, encara tudo como um jogo.

Galetea levanta-se e começa a andar pela sala refletindo em voz alta.

GALETEA

Acho que o senhor acaba de colaborar pra tradução da frase. Se ele encara tudo como um jogo, está usando *lascive*, não como "brincadeira", é

GALETEA(cont.)

claro, mas como "travessuras".
Lascive Factum, "fazer travessuras".
 Ele quer dizer que Brás Duarte
 faz parte destas travessuras.

Machado e Austragésilo levantam-se ao mesmo tempo. Machado dá um beijo apertado em Galetea.

AUSTRAGÉSILO

É por isso que ela tem que voltar
 a ser minha assistente!

MACHADO

Desculpe o meu entusiasmo, professor,
 e obrigado por sua ajuda. Falta
 descobrir quem é Brás Duarte e que
 raio de passarinho é esse. Pelo
 menos deciframos parte da charada.
 Agora, tenho que buscar uma ligação
 entre as quatro vítimas.

AUSTRAGÉSILO

Nem mesmo um psiquiatra consegue
 conceber o que se passa na cabeça
 das pessoas...

MACHADO

Tem razão, doutor. A alma é um
 mistério. Ou, como descreveu o
 patrono da sua Academia, a alma "é
 uma casa, não raro com muita luz e
 ar puro, mas também as há fechadas
 e escuras, sem janelas, ou com
 poucas e gradeadas."

Austragésilo arregala os olhos e balança a cabeça positivamente.

AUSTRAGÉSILO

Penna-Monteiro está trabalhando com
 você neste caso, não é? O pai dele
 foi meu amigo de faculdade... (*Pegando
 quatro livros velhos na estante e
 dando a Machado*) Nada me faria
 emprestar estes livros. Diga a
 Gilberto que estude bem os quatro.
 São muito antigos e esotéricos,

AUSTRAGÉSILO(cont.)
mas pode ser que ajudem a identificar
os venenos usados nesses homicídios.

66 - EXT./NOITE - TREM DE VAGÃO ABERTO

Machado e Galetea estão enamorados sentados no vagão, admirando a bela noite enluarada.

MACHADO
Dorme lá em casa esta noite?

GALETEA
Adoraria, mas não é o momento de
deixar papai muito sozinho...

Um homem vestido todo de preto observa o trem se perder na noite.

67 - INT./DIA - SALA DA CASA DE PENNA-MONTEIRO

Penna-Monteiro adentra em casa carregando uma pilha de livros e documentos e a túnica vestida por Padre Ignácio de Villaforte na hora em que morreu, além de estar comendo um sanduíche. Ele está todo atolado e larga a túnica sobre um móvel e segue para a biblioteca.

68 - INT./DIA - HALL E SALA DA CASA DE EUZÉBIO FERNANDES

Euzébio Fernandes espreita pelo postigo da porta de sua casa e em seguida a abre parcialmente. É Urbano Negromonti. Ele veste um terno preto surrado e segura nas mãos um buquê de flores murchas e uma lata velha de biscoitos.

EUZÉBIO
Não sabia que tínhamos marcado
um encontro.

Urbano vai se espremendo pela semi-abertura e entra na casa.

URBANO
(Falso) Não tínhamos. Trata-se
de uma surpresa!

EUZÉBIO

Perdeu a viagem. Galetea não está.

URBANO

(Deixando a lata e as flores sobre o móvel e passando do hall à sala)
A verdade é que vim visitar o senhor.

EUZÉBIO

(Deixando-se cair desanimado em sua larga poltrona) Em que posso ser útil?

URBANO

(Sentando) Bem, não é desconhecido do ilustre poeta o meu desejo de pertencer à Casa de Machado de Assis. Nas várias visitas que fiz a sua filha, insinuei sutilmente essa vontade. O peso dos meus trabalhos exige uma cadeira na Academia. Conto com seu empenho irrestrito nesta eleição, porque estou certo que a estatura da minha obra não lhe ficou despercebida.

EUZÉBIO

Meu caro Urbano, não vamos discutir a qualidade de seus trabalhos. Acho apenas que o momento é inadequado. A disputa será muito acirrada.

URBANO

Acirrada? Por quê, se são quatro vagas? Existe um amplo espaço de manobra para nossa campanha.

EUZÉBIO

(Sem saber como dizer) Ampla, sim. Ampla. Mas não se esqueça que ampla é uma palavra ambígua.

URBANO

(Começa a se irritar) Como ambígua?

EUZÉBIO

Porque quanto maior o número de vagas, maior também será o número de candidatos. Isso é fato inédito na Academia. Há de se ter paciência, esperar a ocasião certa.

URBANO

(Levanta-se muito irritado) Quantos então? Quantos desses idiotas têm que morrer pra que se reconheça meu talento!? Diga! Quantos? Quanto tempo mais terei que fingir interesse em sua filha mimada cheia de idéias progressistas na cabeça?!

EUZÉBIO

(Levanta-se firme da poltrona esbravejando pra cima de Urbano)
O quê, seu cabra safado!? Se depender de mim podem morrer os outros trinta e nove que eu não escolho você, seu berdamerda! Como tem a coragem de vir até aqui?! Ponha-se daqui pra fora antes que eu lhe meta o pé!

Urbano vira-se e sai raivoso em direção a porta, recolhe a lata de biscoitos e as flores. Em seguida sai, batendo a porta com força.

69 - INT./DIA - BIBLIOTECA DA CASA DE PENNA-MONTEIRO

Todos aqueles quatro livros velhos, cedidos por Austragésilo à Machado, estão espalhado sobre a mesa. O papel do sanduíche e um copo quase vazio estão largado na mesa. Penna-Monteiro, tenso e suando, analisa uma página do livro durante alguns segundos concentradamente. Em seguida, levanta-se e abre a janela e respira fundo a brisa que entra.

PENNA

(Conclusivo) É isso!

Penna sai apressado da biblioteca.

70 - INT./DIA - SALA DA CASA DE PENNA-MONTEIRO

Penna-Monteiro volta ao móvel para buscar a túnica do padre Ignácio de Villaforte. Espanta-se ao ver que ela não está mais lá. Encontra apenas um bilhete, contendo a mensagem manuscrita "*A fome é inimiga da virtude*" (Plano detalhe). Olha para a janela entreaberta, onde o vento sopra a cortina. Penna-Monteiro, com o bilhete nas mãos, disca o telefone apressadamente.

71 - INT./DIA - DELEGACIA/CASA DE EUZÉBIO FERNANDES

Machado, afoito, desliga o telefonema com a mão sem tirar o fone do ouvido. Em seguida, disca para Galettea, que logo atende.

GALETEA

Alô...

MACHADO

Amor, tenho novidades...

GALETEA

Fale logo querido, meu pai ainda está muito nervoso. Estou preocupada.

MACHADO

O Penna descobriu tudo!

GALETEA

Como assim?

MACHADO

O veneno é colocado na gola das blusas. Uma idéia genial! O agente catalisador é o suor, provocado pelo calor infernal dessa cidade! A transpiração é que provoca a absorção do veneno! Quanto mais eles suam, mais os poros se dilatam, e mais eles se intoxicam!

GALETEA

Minha nossa... que coisa mais horrível. E o assassino?

MACHADO

Bem, isso ainda é uma incógnita. Levantei a ficha do Urbano Negromonti.

GALETEA

E aí?

MACHADO

Liguei pro colégio que ele lhe disse
que lecionava. Ele não trabalha mais
lá. E no endereço onde ele morava
fui informado que já se mudou há
mais de um ano. O homem sumiu sem
deixar vestígios.

GALETEA

Ou seja, estamos na mesma...

MACHADO

É, por enquanto... Lhe espero logo
mais, lá em casa. Penna também irá.

72 - INT./DIA - DELEGACIA DE POLÍCIA

Machado está colocando o telefone no gancho quando general
Floresta chega.

FLORESTA

(*Exaltado*) Comissário, estou cansado
disto! Tenho ouvido reprimendas do
prefeito, a quem o ministro da
Justiça, por ter recebido fortes
pressões do cardeal, cobra solução
do estrepitoso assassinato do padre.
Está na hora de darmos um basta!
Os jornais sensacionalistas insinuam
que o crime esteja ligado às atividades
poéticas de Dorian Gray. Quero que
prenda imediatamente este homem!

MACHADO

(*Assustado*) Mas general,
Dorian Gray é o padre.

FLORESTA

Não me venha com histórias! O nome
do padre é Ignácio de Villaforte!

MACHADO

Mas Dorian Gray é o *nom de plume*, general.

GENERAL

Não interessa o cargo! Pode ser nondeplume, almirante ou senador! Quero o homem preso!

MACHADO

Perdão, general, *nom de plume* quer dizer pseudônimo. O padre Ignácio assinava alguns poemas como Dorian Gray.

FLORESTA

(*Cínico*) Eu sei! Só estava testando você! Ou pensa que eu sou ignorante? Mas nós estamos no Brasil, e aqui se fala português, entendeu? Chega de mariquices!

73 - INT./NOITE - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO

O apartamento está uma zona completa. Em cima da cômoda, discos misturam-se as meias e camisas. A toalha de banho está em cima do sofá junto à flanela de limpeza. Os livros estão fora da estante, a maioria empilhada no chão atrapalhando a circulação. Machado está sentado no sofá, relaxado. Galetea tenta pôr uma ordem em tudo. Ela recolhe a toalha, dá uma sacudida e dobra, recolhe a flanela, se agacha e cata alguns papéis no chão, ordenando-os em seguida sobre a mesa. Enquanto recolhe as coisas ela topa com as pilhas de livro que atrapalham o caminho.

GALETEA

Olha, Machado, isso aqui não tem condições. Até pra ajeitar está difícil. Vem, vem me ajudar com estes livros aqui. Precisamos tirá-los da passagem. Vem, vamos começar pela coleção do tio Olavo que papai lhe deu.

MACHADO

(*Se enroscando nas almofadas*)
Agora?

GALETEA
Anda logo!

Machado levanta-se e os dois começam a arrumar os livros na estante. Machado passa pra Galetea, em cima de uma cadeira, que põe com carinho cada livro no alto da estante, até que um dos livros cai.

MACHADO
(*Abre o livro que cai na primeira página*) Olha, este é dedicado a você!
"Juca e Chico", de Wilhelm Busch.

GALETEA
(*Desce da cadeira e afaga o livro*)
"Juca e Chico". Tradução de Olavo Bilac, meu padrinho.

MACHADO
Já tinha ouvido falar, mas não sabia
que a tradução era dele.

GALETEA
É dele, e é sensacional. Tem que ler.
Fico impressionada como ele pegou o espírito desse alemão doido, que mistura terror e humor num conto infantil. É impossível não dar risadas das estripulias dos meninos.

MACHADO
Sabe, isso está me fazendo lembrar dos quadrinhos de "Sobrinhos do Capitão", que saem no jornal do Lamaison. (*Rindo*)
Eles também fazem coisas horríveis.

GALETEA
Exatamente! Os *Katzenjammer Kids*, ou "Sobrinhos do Capitão", são inspirados neles! Eles fazem traquinagens... diabruras... travessuras! Nossa, fazer travessuras, *lascive factum*! Que coincidência!

MACHADO

(Estranhando) Acho que é mais que isso, meu amor. Acho que a chave pra entender a charada do assassino está aí, na história infantil. Lamaison disse antes de morrer que "Brás Duarte é Olavo Bilac"!

GALETEA

(Agarrando o livro sob os braços)
Meu padrinho não tem nada a ver com esses crimes pavorosos.

MACHADO

(Animado) Claro que não, mas talvez o criminoso se identifique com os moleques. Vai ver que ele pensa que continua sendo uma criança... Uma espécie de Peter Pan do mal.

Machado pega o livro dos braços de Galetea e senta-se no sofá. Galetea senta-se ao seu lado. Eles abrem o primeiro capítulo do livro.

MACHADO

"As travessuras de Juca e Chico".

Os dois entreolham-se.

74 - INT./NOITE - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado e Galetea estão recostados no sofá. Machado está sem os sapatos e Galetea com os pés em cima do sofá. O livro está aberto mais ou menos na metade do volume de páginas.

MACHADO

(Lendo o livro) "Não têm conta as aventuras, as peças, as travessuras. Dos meninos malcriados, destes dois endiabrados. Um é Chico; outro é o Juca. Põem toda a gente maluca. Não querem ouvir conselhos, estes travessos fedelhos! Certo é que, para a maldade, nunca faz falta a vontade. Certo é que houve outra logo depois."

Machado olha pra Galetea e lhe dá um beijo apertado na testa. A campanha toca. Galetea levanta-se e abre. É Penna-Monteiro, exausto e entristecido.

PENNA

Me perdoe, Machadinho... aquela
Batina era nossa esperança...

MACHADO

(Animado) Podia acontecer a qualquer
um. Estamos lidando com um psicopata
que se arrisca a tudo. (Mostrando o
livro) Veja, estamos no caminho certo...

(FUSÃO)

75 - INT./NOITE - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado está de pé, sobre a cadeira, recitando o poema do livro. Penna-Monteiro e Galetea estão sentados no sofá acompanhando.

MACHADO

"Havia um homem na aldeia, alfaiate
de mão cheia. Blusa, capa, sobretudo;
Casaca de rabo e tudo. Sabia fazer
arte. O alfaiate Brás Duarte..."

Fez-se um silêncio total na sala do apartamento durante alguns segundos.

76 - INT./NOITE - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado, Penna e Galetea estão sentados à mesa. Penna e Machado bebem vinho. Os dois estão um pouco alterados. Uma garrafa está vazia, e mais uma, aberta. Galetea não bebe vinho e sim o suco de uma jarra. Há alguns petiscos.

PENNA

Não pode ser. Você mesmo o entreviu
de longe, da janela, quando ele fugiu
depois de enfiar a primeira mensagem
por baixo de sua porta. As duas
testemunhas que nós temos também
descreveram o assassino como um homem
alto: o rouba-túmulos e o mendigo

PENNA(cont.)

bêbado da Candelária. Sem ofensa,
Machadinho, mas Camilo Rapozo é anão.

GALETEA

Eu não o conheço. Só ouço falar e
concordo com o Gilberto. Por mais que
tenha sido visto de longe, ou à noite,
ou na neblina, ou por um bêbado,
anão é anão.

MACHADO

(Acendendo um Cairo) Pode ser que
tenha um parceiro alto. Depois, sendo
o alfaiate oficial da Academia, era
a pessoa com mais acesso aos fardões
e à batina. Seria muito fácil
envenenar as roupas.

GALETEA

(Resmungando baixo) Mas anão é anão...

MACHADO

Está certo. Então sugere outro suspeito.
Quem? Manuela Pontes-Craveiro vestida
de homem? O marido dela, o embaixador?
O francês Maximilien? Urbano Negromonti?
Monique travestida, ou Yamamoto, que
não chega a ser anão, mas é japonês?
*(Conforme Machado levanta suspeitos
vai se vendo ao plano de fundo a imagem
fundida da visualização de Machado
sobre os suspeitos)*

PENNA

Qualquer um deles é mais provável do
que o anão Camilo Rapozo. Você está
esquecendo o mais importante: o motivo.
Pelo menos todos tinham um motivo pra
matar uma das vítimas. O assassino
ou assassina pode ter liquidado os
outros pra encobrir o crime. Pra
atrapalhar as investigações.

GALETEA

Calma aí, quem são Manuela e Monique?

MACHADO

(Encerrando o vinho da segunda garrafa)

Mal falei com elas. Têm ligação com o francês e com o embaixador. Muito risco pra pouco motivo, Penna.

PENNA

E que motivo tem o alfaiate pra se livrar dos seus clientes?

MACHADO

De qualquer forma, é uma pista, vamos brindar. *(Os três brindam sorridentes)*
Amanhã vou conversar com Camilo. Tenho uma boa desculpa pra passar na alfaiataria. Ele me prometeu um terno de tropical inglês azul-escuro, de presente, e não mandou até hoje.

PENNA

(Tentando enxergar as horas no relógio de pulso, se levantando meio cambaleante) Acho que já está na hora. Preciso ir. Não agüento mais ficar sem dormir.

MACHADO

Como diria Sherlock Holmes: "Quando você eliminou o impossível, o que restar, por mais improvável que pareça, tem que ser a verdade".

77 - INT./DIA - QUARTO DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado acorda de ressaca. Tem dificuldades de abrir os olhos e sente dor de cabeça. Passa a mão na cama, percebe que Galetea não está, porém acha um bilhete em seu lugar. Ele lê com esforço, tenta se levantar, mas o cansaço o impede e ele volta a cair na cama e dormir.

78 - INT./DIA - QUARTO DE GALETEA FERNANDES

Galetea está sentado no chão a revirar umas coisas num baú. Após procurar por um tempo, ela parece encontrar o que queria: uns livros amarrados em barbantes cheios de poeira. Ela desamarra, dá uma limpada com as mãos e começa folhear um em especial, visivelmente um livro cheio de figuras. Até que ela se depara com o que está procurando. (*Plano detalhe*) Vê-se na página do livro a figura do pássaro-alfaiate, a mesma encontrada nas mensagens do assassino.

GALETEA(OFF)

(*Lendo em voz baixa*) "Frequente nos jardins da Índia. Assim chamado por sua habilidade de costurar as bordas de várias folhas para construir o ninho. Com seu bico longo e fino..."

Galetea fecha o livro e levanta-se apressada.

GALETEA

(*Ajeitando por alto as coisas do baú*)
Preciso ver este famoso anão. (*Olha O relógio*) Nossa, quatro horas já.

Galetea pega sua bolsa e sai do quarto.

79 - INT./DIA - SALA DA CASA DE EUZÉBIO FERNANDES

Galetea avança pela sala em direção ao telefone. Pega um caderninho de endereços, dá uma olhada e o larga de volta.

GALETEA

(*Saindo com pressa e gritando*) Ba Maria, se o doutor Machado ligar, diga que eu me encontro com ele na Alfaiataria Dedal de Ouro.

BÁ MARIA(OFF)

Na Tabacaria? Andas a comprar cigarros? Ó menina, vê lá o que estás a fazer! Tu sabes que uma moça de recato não fuma!

GALETEA
(Gritando e em seguida batendo a porta) Não, Bá! É alfaiataria!
Pode deixar que ele entende.

80 - INT./DIA - QUARTO DO APARTAMENTO DE MACHADO

Machado acorda, ainda um pouco tonto. O bilhete deixado na cama está em suas mãos. Ele olha o bilhete, o relógio e estranha. Pega o telefone que está derrubado fora do gancho ao lado de uma garrafa de vinho vazia e disca.

81 - INT./DIA - QUARTO DE MACHADO/SALA DE EUZÉBIO FERNANDES

Machado e Bá Maria então ao telefone. A câmera alterna, de acordo com quem fala.

BÁ MARIA
Estou?

MACHADO
Aqui é o comissário Machado. Por favor, eu queria falar com a dona Galetea ou com o senhor Euzébio Fernandes.

BÁ MARIA
Não se encontram. É o doutor Machado ao aparelho?

MACHADO
Sim, senhora.

BÁ MARIA
A menina Galetea deixou um recado pro senhor.

MACHADO
Graças a Deus! Qual é o recado?

BÁ MARIA
A menina saiu a correr e disse que ia ter consigo pra comprar os cigarros.

MACHADO
Que cigarros!?

BÁ MARIA
Isto também gostava eu de saber.
Pois não acha um absurdo uma rapariga
de boa família pôr-se a fumar?

MACHADO
(*Tentando manter a calma*) Por favor,
senhora. Deve estar havendo algum
equívoco. Tente reproduzir exatamente
o que ela disse.

BÁ MARIA
Ouve lá, calma, fique tranqüilo que
a menina falou que ia encontrá-lo
na tabacaria.

MACHADO
(*Respirando fundo*) Dona, preste bem
atenção: em vez de "tabacaria", não
foi "alfaiataria"?

BÁ MARIA
Exatamente. Ta-ba-ca-ria. (*Pausa*)
Tabacaria do Pedal de Couro.

MACHADO
(*Afobado*) Obrigado, senhora!

82 - EXT./DIA - ALFAIATARIA DEDAL DE OURO

Fim de tarde. O dia está escurecendo. Galetea está no casarão onde fica a residência e a alfaiataria de Camilo Rapozo. As portas da alfaiataria já estão fechadas. As luzes lá no alto da mansão criam um ambiente de penumbra ao interior da casa. Galetea circula tensa a casa, examinando as janelas até encontrar uma parcialmente aberta, apenas com uma castigada persiana a fechando. Galetea, usando o sapato como alavanca para forçar o espaço, pula para o saguão da alfaiataria.

83 - EXT./NOITE - FRENTE DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Acaba de escurecer. Penna-Monteiro está esperando já dentro de sua Bugatti Royale, impecavelmente polida. Machado chega correndo e entra no automóvel, ofegante.

84 - INT./NOITE - ALFAIATARIA DEDAL DE OURO

Em um ambiente muito escuro, Galetea, tateando as paredes, começa a subir as escadarias da mansão e chega em um segundo andar, quando, de repente, é agarrada fortemente por dois braços. Um lenço encharcado é jogado sobre a cabeça de Galetea, abafando seus gritos até que ela se emudece.

85 - INT./NOITE - BUGATTI ROYALE DE PENNA-MONTEIRO

Penna Monteiro e Machado no carro seguem em alta velocidade. Machado está desesperado com as manobras ousadas de Penna.

MACHADO

Poste na curva! Carroça na esquina!
Bonde à direita! Olha o Cachorro...

PENNA

Fica tranqüilo, que eu guio até de
olhos fechados.

MACHADO

Talvez fosse melhor. Se, em vez de
comissário, eu fosse guarda, ia te
multando daqui até lá. (*Fechando os
olhos*) Pelo amor de Deus, Peninha,
vai mais depressa.

86 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

O ambiente escuro e penumbrado é iluminado apenas por candelabros. Galetea desperta. Ela está deitada no chão, que é de tábua corrida, e amarrada nos pés e nas mãos. Ela cheira o lenço que está ao seu lado e se sente enojada. Ouve-se uma cantiga estranha em latim que parece vir do outro lado da porta do aposento em que está. De repente, a porta se abre. Vê-se pela contra-luz a silhueta gigantesca do assassino vestido com uma

longa bata negra que vai até ao chão. Ele possui ainda um punhal metálico fino e comprido que envolve o dedo mindinho.

GALETEA

(*Ainda um pouco tonta*) O anão?
Onde está o anão?

ASSASSINO

Está procurando por Camilo Rapozo?
Achou!

O Assassino abre a bata e revela Camilo Rapozo, sobre duas pernas-de-pau, com feitio de pernas normais, grossas, presas por correias de couro às pernas de Camilo Rapozo. No total, cerca de 1 metro e 90 de altura. Galetea está espantada e assustada.

87 - EXT./NOITE - RUA DOS INVÁLIDOS CENTRO DO RIO DE JANEIRO

A Bugatti Royale em que estão Machado e Penna-Monteiro engasga e morre no meio da rua. Machado desce desesperado e começa a chutar o carro. Penna Monteiro começa a abrir o capote do motor.

PENNA

Calma. Muita calma. O importante é conservar a calma. (*Analisando e checando no motor*) Não pode ser nada grave, fiz uma revisão domingo. Deve ser um probleminha no distribuidor. Talvez na árvore de comando. Não, não pode ser. Deixa ver... Pistom?

88 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

Lentamente o assassino vai saindo da contra-luz e se aproximando de Galetea, amarrada ao chão.

ASSASSINO

Camilo Rapozo. Nas hora vagas, Veneficor. Não é fácil ficar tão à vontade em cima de andas. Requer muita prática. Comecei quando era criança, num circo das redondezas. Praticava com andas um metro e vinte. Essas aqui só têm sessenta centímetros.

GALETEA

É fascinante. Não sabia que alguém podia ter tanta habilidade...

ASSASSINO

(Interrompendo agressivamente)

Cale-se! Pensa que me engana? Pensa que eu sou idiota? Eu sei que você está de namorico com aquele detetive esfarrapado.

GALETEA

Eu sei que você não é idiota. Precisa ser muito inteligente pra fazer isso tudo. Um homem assim não tem nada de bobo.

ASSASSINO

(Encarando) Como foi que descobriram?

GALETEA

"Juca e Chico".

ASSASSINO

Aquele tolo conhecia "Juca e Chico"?

GALETEA

É claro que não! Sua idéia foi coisa de gênio. Fui eu quem descobriu. Por acaso "Juca e Chico" é meu livro de cabeceira.

O assassino, com um súbito infantil, torna-se momentaneamente menos agressivo. Senta-se ao lado de Galetea ainda toda amarrada e começa a desatar suas pernas-de-pau.

ASSASSINO

Eu também, eu também! Sou igualzinho a eles. Pequeno, e faço travessuras. Tudo o que faço são travessuras.

GALETEA

Quem foi que lhe mostrou o livro?

ASSASSINO

(*Admiração*) Minha mãe. Ela quem me ensinou tudo. A única da família que não era anão...

GALETEA

E os venenos? Como é que você adquiriu esse conhecimento extraordinário sobre venenos?

ASSASSINO

Minha mãe, claro! Minha mãe era grã-sacerdotisa da *Veneficorum Secta*. A Seita dos Envenenadores.

GALETEA

Incrível! Que seita é essa?

ASSASSINO

(*Levanta-se sem as pernas-de-pau e começa a divagar*) É uma sociedade secreta muito antiga, criada na Idade Média por um monge que escapou ao Massacre dos Cavaleiros Templários. Meu tataravô foi o primeiro da família a ingressar nessa seita. Desde então, todos os Rapozo fizeram parte dela. Ser anão só facilita, porque afasta as suspeitas. O anão é sempre tido como uma figura ridícula e inofensiva.

O assassino silencia o discurso por alguns segundos.

ASSASSINO

Bem, se me dá licença, está na hora de preparar uma travessura.

GALETEA

"Juca e Chico" é só ficção!

ASSASSINO

Era. Agora é realidade. A alma dos meninos mora em mim.

O assassino vira-se de costas e se aproxima do caldeirão que borbulha pendurado sobre o forno. Ele sobe em uma cadeira e

começa a acrescentar e a misturar ingredientes estranhos na caldeira.

ASSASSINO

(Recitando) "Ai de ti, súcia imoral,
que julga ser imortal, pois é hora
da diabrura, de mais uma travessura."

89 - EXT./NOITE - RUA DOS INVÁLIDOS CENTRO DO RIO DE JANEIRO

A Bugatti está sendo examinada por Penna-Monteiro, já bastante sujo de graxa, diante do motor. Machado está impaciente, encostado na porta do carro.

PENNA

Puxa vida, só pode ser então coroa
e pinhão...

MACHADO

Penna, não será falta de gasolina?

90 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

O assassino remexe o caldeirão e os ingredientes.

ASSASSINO

Meu tataravô, Antônio Gomes Rapozo,
era alfaiate do marquês de Pombal. Foi
quem financiou a primeira alfaiataria
lá em Lisboa. Por indicação do marquês,
ele passou a fazer as roupas do rei,
tornando-se artífice de corte e costura
da família real. Dom José I achava
tanta graça em ter um anão por perto
que nomeou meu tataravô também
bobo da corte.

GALETEA

Seu avô era bobo? No bom sentido,
é claro.

ASSASSINO

Pois é. Só porque era anão. Ficou
tão humilhado que aceitou a proposta

ASSASSINO(cont.)

feita por um primo do duque de Aveiro
pra envenenar o rei, que morreu,
digamos, em circunstâncias
misteriosas. (*Sorriso debochado*)

GALETEA

Foi assim que seu tataravô conheceu
a *Veneficorum Secta*.

ASSASSINO

(*Irônico*) Muito bem. Você aprende
rápido. A partir daí, a família
ingressou na seita e a saga continuou.
Mas o melhor foi o que meu bisavô,
Manoel Rapozo, fez com a rainha Maria I.

GALETEA

A mãe de dom João VI, Maria, a Louca?

ASSASSINO

E por que é que você acha que ela
ficou maluca?

91 - EXT./NOITE - RUA DOS INVÁLIDOS CENTRO DO RIO DE JANEIRO

Machado e Penna-Monteiro estão correndo pela rua. A bugatti se
perde ao fundo.

MACHADO

Quem deveria ficar na rua dos
Inválidos era esse seu carro.

PENNA

Eu juro que enchi o tanque
antes de sair.

92 - INT./NOITE - LABORATÓRIO DO ASSASSINO ENVENENADOR

O assassino continua mexendo o caldeirão. Ele molha a ponta de
aço envolta de seu dedo no líquido do caldeirão.

ASSASSINO

Sabe, você é bastante esperta? Como
recompensa sua morte vai ser bem rápida.

GALETEA

Pensei que estivesse começando
a gostar de mim.

ASSASSINO

Gosto tanto que vou lhe contar a
última travessura. (*Descendo da
cadeira, a túnica se arrasta no chão*)
Amanhã vai haver uma sessão solene
no Petit Trianon, com a presença
de todos os acadêmicos. Inclusive
seu papai.

GALETEA

O que é que você vai fazer?

ASSASSINO

(*Apontando pro caldeirão*) Cuidarei
pessoalmente do chá. Só que nesta
receita, o líquido derrete os órgãos
e as cartilagens de quem bebe. Não
é o máximo? A minha última travessura
vai terminar da mesma forma que o
livro estúpido do Belizário Bezerra
começa!? Nos jornais: "Mortos todos
os imortais". Sim. Os 40 imortais
da Academia.

O assassino solta a roupa preta no chão. Revela vestir um justo calção preto. Ele vai em direção a Galetea, que tenta rastejar em fuga. Ouve-se um barulho de vidraça quebrando. O assassino agarra Galetea contra seu corpo, a puxando para trás, de volta em direção ao caldeirão, subindo na cadeira e ajustando sua altura à de Galetea, quando Machado e Penna Monteiro invadem o local, praticamente sem ar.

ASSASSINO

(*Envolvendo com os braços o pescoço
de Galetea e ameaçando cortar com o
dedo metálico sua jugular*) Mais um
passo e ela morre.

MACHADO

(*Retirando o chapéu-palheta e
ofegante*) Estamos parados. Não acha
melhor conversar antes de cometer
uma loucura?

ASSASSINO

Loucura? Não sou louco. Loucos não sabem o que fazem. Eu sei perfeitamente o que estou fazendo!

MACHADO

(*Avançando aos poucos*) Desculpe, me expressei mal. Nós já sabemos que você é o autor dos Crimes do Penacho. Pra que matar mais uma pessoa?

ASSASSINO

Por brincadeira. Já que estou vendo que não poderei concluir minhas travessuras como pretendia.

PENNA

(*Apontando as pernas-de-pau no chão*) Muito inteligente a idéia de disfarçar a altura com as andas. Ninguém ia imaginar que as mortes eram provocadas por um...

ASSASSINO

Anão. Pode falar. Não me incomode! Se vocês se mexerem de novo, adeus Galetea. O veneno na ponta desta lâmina mata em segundos.

MACHADO

Por que é que nós não conversamos um pouco sobre tudo isto? Afinal, nem sei porque você fez o que fez.

ASSASSINO

Não sabe? Claro que não sabe. Como é que ia saber? Nunca foi anão pra sofrer tantas humilhações. (*Apertando a lâmina na jugular de Galetea*) Cansei de sentir as mãos suarentas daqueles velhos decadentes se esfregando em mim, dizendo que era pra dar sorte e rindo na minha cara.

MACHADO

(*Acenando calma*) Eu entendo. Você tem toda a razão. Pra mim, quando

MACHADO(cont.)

alguém tem razão, tem razão, e
você tem razão.

PENNA

É, também acho. Razão é razão.
Ninguém vai negar que ele tem razão.

ASSASSINO

Tem pior. Muito pior. Tudo isso o
Camilo suportava com submissão, mas
eu, Veneficor, fui ficando indignado.
A gota d'água foi quando começou o
jogo de empurra.

MACHADO

Que jogo de empurra?

ASSASSINO

Entre o acadêmico e o estado do
imortal, pra ver quem paga o fardão.
Mesmo quando pagam, leva tempos! E
a alfaiataria já estava indo a
falência por causa desses
caras-de-pau. Camilo pedia, rogava,
suplicava e nada. Por isso eles
foram os primeiros. Belizário,
milionário e arrogante. Varejeira,
milionário e ladrão. Lamaison,
milionário e canalha. Depois o padre
Ignácio, pobre, mas devasso e
mentiroso, que fez uma vestidura
caríssima e disse que a Academia
foi quem encomendou e o Estado que
iria pagar. Raios! Alguém aqui já
conseguiu receber em dia uma conta
do Estado?

Machado, Penna e Galetea abaixam a cabeça.

GALETEA

Camilo, acho que Veneficor está
Muito abalado. Vocês têm toda a razão.
Agora nós compreendemos que a culpa não
é de vocês. Tudo vai se esclarecer.

PENNA

Evidente! Vocês fizeram o que muitos gostariam de fazer. Vocês não são responsáveis. Foi um momento de privação de sentidos.

MACHADO

Não vai haver nem processo. No máximo alguns dias na clínica do doutor Austragésilo.

ASSASSINO

(Gesticulando gravemente, afastando-se da jugular de Galetea) Outro Imortal? Nunca! Prefiro morrer!

Machado aproveita o gesto espalhafatoso do assassino e arremessa fortemente o chapéu-palheta contra a sua cabeça, desequilibrando-o da cadeira, e o fazendo cair dentro do caldeirão, até morrer aos urros. Machado, Galetea e Penna se abraçam em silêncio.

93 - EXT./NOITE - ALFAIATARIA DEDAL DE OURO

Machado, Galetea e Penna-Monteiro observam, chocados, do outro lado da rua, a uma certa distância, o casarão queimar.

GALETEA

Incendiar a casa era o melhor que poderíamos fazer.

PENNA

Havia venenos, vermes e tóxicos das mais variadas espécies lá. Aquela casa estava tão contaminada que nem o doutor Carlos Chagas reconheceria aquelas estranhas substâncias. Era o melhor a se fazer mesmo.

94 - EXT./NOITE - RUA NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO

Machado, Galetea e Penna-Monteiro caminham lentamente pela rua. Ao fundo ouve-se sirene de bombeiros. Algumas pessoas começam a sair de suas casas pra bisbilhotar.

PENNA

Está pensando em quê?

MACHADO

No terno azul de tropical inglês...

GALETEA

(*Rindo*) Prefiro você assim,
esfarrapado, mas vivo.

PENNA

Será que os bombeiros não podem
minimizar os estragos e encontrar
algo?

MACHADO

São muito valentes, mas é impossível.

GALETEA

Como tem tanta certeza?

MACHADO

Esqueceram da falta d'água que
assola o Rio de Janeiro?

Os três riem juntos.

MACHADO

(*Ajeitando o chapéu*) "O adulto
apoucado, preso no corpo da criança
a quem lhe foi negado o crescimento,
transmuta-se no menino descomunal
e cruel. Imagem triste de um ser
gargantuesco, genial e feérico"

PENNA

Machado de Assis...

MACHADO

(*Beijando Galetea na testa*) Não.
Machado Machado.

95 - INT./DIA - RESTAURANTE LAMAS

O garçom Bodoque lê para os demais garçons a edição de "O Paiz".
Todos os garçons estão em volta dele.

BODOQUE

"Sob instruções exatas do general Floresta, os Crimes do Penacho chegaram ao fim. O assassino foi pego em flagrante pelo alfaiate Camilo Rapozo quando assaltava o depósito da Alfaiataria Dedal de Ouro em busca do rico tecido usado na confecção dos fardões acadêmicos. O heróico Camilo Rapozo faleceu na ocorrência, sucumbindo junto ao criminoso em um incêndio dantesco provocado pelo meliante."

96 - INT./DIA - SALA DO APARTAMENTO DE MACHADO MACHADO

Machado Machado e Galetea estão se amando no sofá, quando a companhia toca. Machado corre para abrir a porta meio desnudo.

ZELADOR

(Entregando o jornal e uma bela caixa embrulhada) O entregador disse que era pra ter sido entregue na semana passada, mas como esteve gripado só pode trazer hoje.

Machado acena com a cabeça em agradecimento e fecha a porta, voltando-se em direção ao sofá.

MACHADO

(Lendo o bilhete do embrulho) "Para o Excelentíssimo Senhor Doutor Comissário Machado Machado."

Machado desfaz o embrulho. Galetea está empoleirada, coberta com lençol, em seu ombro. No embrulho, um terno azul de tropical inglês. Um pequeno bilhete está alfinetado à lapela.

MACHADO/GALETEA

(Lendo simultaneamente) "Caro comissário, use com saúde. Camilo Rapozo."

Os dois se entreolham com espanto.